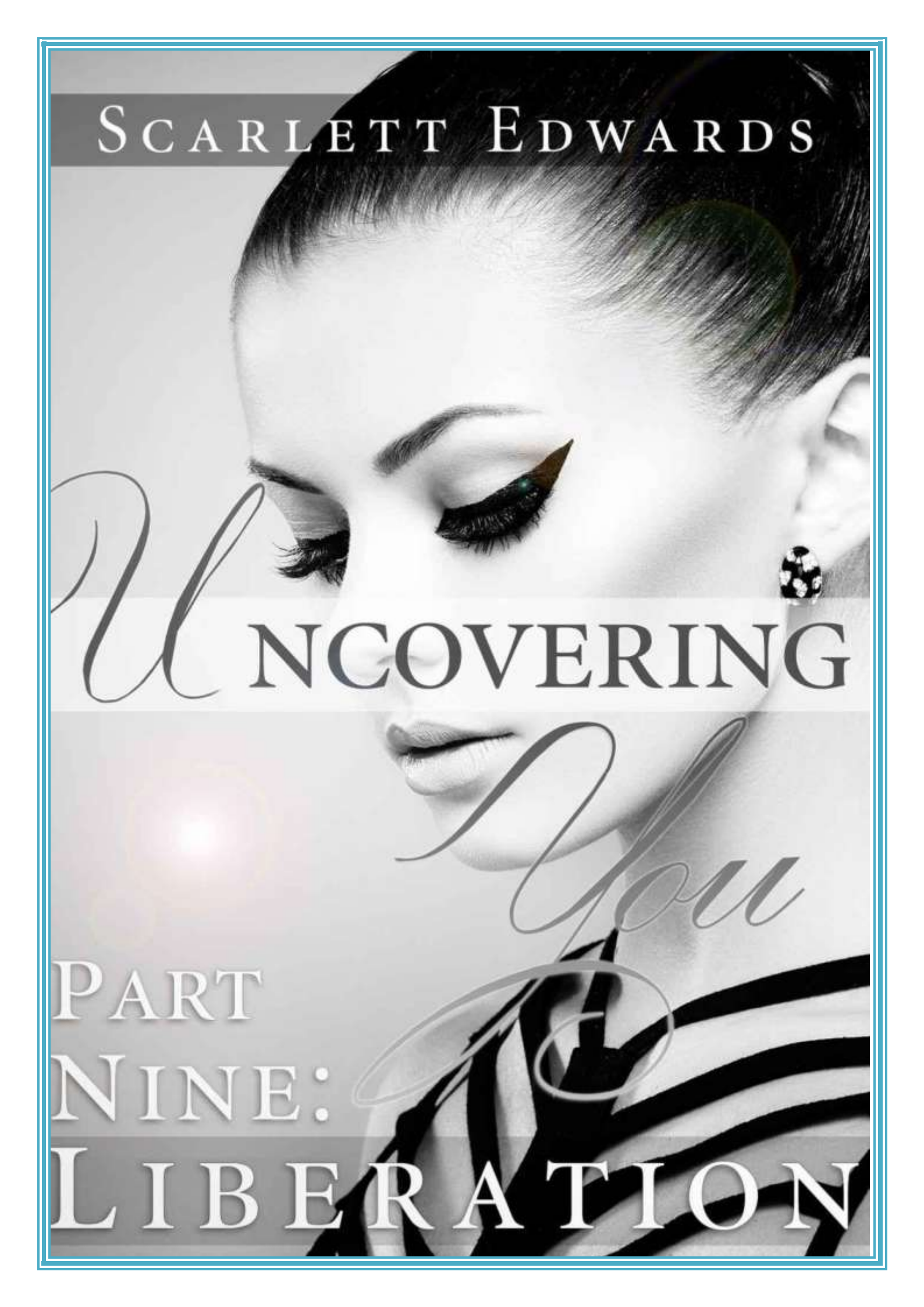


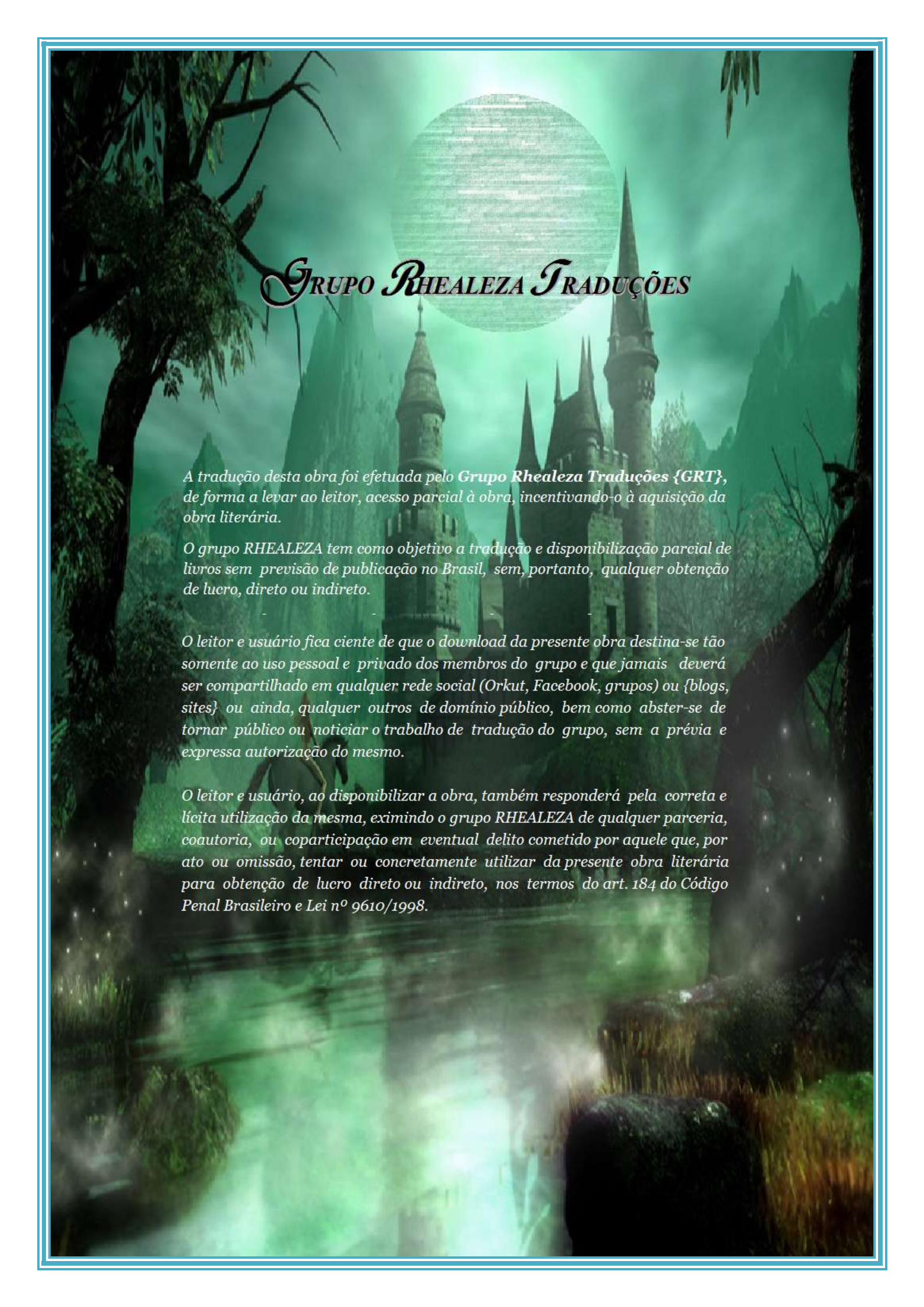


SCARLETT EDWARDS

*Un*COVERING

You
PART
NINE:
LIBERATION





GRUPO RHEALEZA TRADUÇÕES

A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária.

O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem, portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos) ou {blogs, sites} ou ainda, qualquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo RHEALEZA de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.



Libertação

Série Descobrindo Você # 9
Scarlett Edwards

Sinopse

Pegue uma arma. Aponte-a para sua cabeça. Puxe o gatilho.

Boom.

Está carregada? Nunca se sabe.

Colocar minha vida nas mãos de Jeremy Stonehart é assim. Nós estamos jogando um jogo de roleta russa. Ele testa meus sentimentos, me empurra para os meus limites, e, em seguida, me traz de volta.

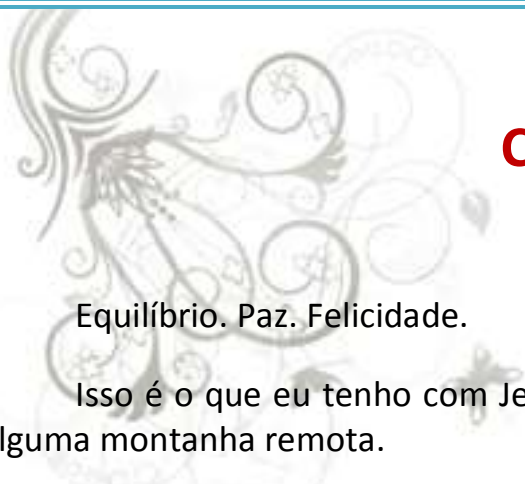
Eu posso sair, mas eu não saio.

Estou esperando a arma atirar, esperando para saber se existe uma bala dentro, esperando para descobrir se eu tenho Jeremy... Ou Stonehart.

E assim, apenas no momento da verdade, vou descobrir se eu consegui: liberação ou esquecimento.

Tradução: Selene
Revisão: Atena
Formatação: Afrodite
Grupo Rhealeza traduções





Capítulo Um

Equilíbrio. Paz. Felicidade.

Isso é o que eu tenho com Jeremy Stonehart, vivendo no distante topo de alguma montanha remota.

Não há interrupções em nosso tempo juntos. Não há exigências externas. É só ele e eu, e nada mais.

Não há intrusões do mundo exterior. Sem pressões. Sem expectativas. Sem perguntas, sem incertezas.

Apenas um homem e uma mulher, verdadeiramente apaixonados, gastando o tempo com o outro e exigindo nada mais.

Claro, eu sei que pode não durar. Este é o segundo refúgio em um paraíso como este. Em um pequeno canto do mundo onde nada existe, onde o próprio tempo parece abrandar e perder o significado.

Jeremy me leva para esqui. Eu nunca esquiei. Ele me ensina. Assusta-me em primeiro lugar. As pistas são tão intimidantes. A facilidade com que ele manobra obstáculos e árvores é inacreditável. Mas, apenas como na vez que ele me ensinou a dançar, Jeremy é um professor consumado. Eu aprendo rápido. Em algum momento, eu já posso manter o equilíbrio e segui-lo para baixo, por alguns dos montes cobertos de neve menos acentuados.

Nossas noites são gastas fazendo amor com as chamas rugindo de uma grande lareira. Nossa sede pelo outro é insaciável. Isso é agravado ainda mais pelas atividades ao ar livre a cada dia que passa.

Em suma, a minha vida parece milagrosa. Não houve recaídas, nem para ele, nem para mim. Ele tem sido Jeremy o tempo todo, uma vez que não deriva de volta para Stonehart. E eu não sofri nenhum ataque de pânico, nem episódios de desmaio sintomáticos da minha condição.

Mas, com o tempo, todas as coisas boas devem chegar a um fim. Jeremy tirou um tempo para gastar comigo. Mesmo ele não tendo o luxo de ficar longe das exigências das Indústrias Stonehart, mesmo ele sendo o maior acionista.

Ele me contou mais sobre o IPO. Foi um sucesso estrondoso. Ele tinha esmagado todos aqueles dentro da empresa que tinham tentado lutar contra o controle de suas mãos. O preço das ações de abertura foi quase duas vezes maior do que até mesmo as previsões mais otimistas. Os rumores em torno tinham sido anulados. Não havia nada abertamente sobre qualquer sombra de relações das Indústrias Stonehart.

Pelo menos, nada que os reguladores pudessem encontrar. Os olhos de Jeremy brilharam quando ele me disse que se certificou de que tivesse conseguido um negócio milagroso.

O IPO fez a riqueza de Jeremy, no papel pelo menos, quase dobrar. Caso ele nunca vendesse suas ações, ele teria dinheiro suficiente para fazer milionários na população de uma única cidade.

Não que ele fosse fazê-lo.

Mas eu descobri algumas coisas sobre Jeremy que eu nunca suspeitei antes. O apoio das Indústrias Stonehart à Fundação Make-A-Wish não é apenas uma oportunidade de dedução fiscal vazia. Na verdade, tem significado para Jeremy. Ele me contou uma vez que, no rescaldo da sua desastrosa ruptura com a mulher que brincou com o seu amor, ele comprou todo o estoque de brinquedos de uma loja de brinquedos gigantesca, fretou um ônibus para todas as crianças do maior hospital metropolitano, e levou-os até lá para tomarem qualquer coisa e tudo o que quisessem das prateleiras. Isso foi na semana antes do Natal.

Fiquei surpresa, mas mais interessada em detalhes sobre a mulher misteriosa. Quem era ela? O que exatamente que ela fez?

Jeremy não iria me dizer.

Esse tipo de informação lhe dá um senso de humanidade. Ele não é apenas o frio, calculista, CEO das Indústrias Stonehart. Ele não é apenas o monstro que me prendeu. Ele é uma pessoa viva, com sonhos, aspirações, falhas, defeitos...

Na verdade, Jeremy Stonehart é muito parecido com qualquer outra pessoa. Quando vim pela primeira vez em sua presença, eu pensei ele entre os piores da humanidade.

Eu não penso mais assim. Claramente, ele não é perfeito. Mas, quantas pessoas podem reivindicar ser? E, enquanto seu abuso comigo em primeiro lugar parecia ser sem razão, agora eu posso compreender, ou pelo menos, ver as coisas a partir de sua perspectiva.

Isso não torna aceitáveis as coisas que ele fez. Isso não diminui sua gravidade, ou crueldade. Mas eu acho que o entendimento foi a chave que me permitiu admitir que tivesse sentimentos por ele.

Sentimentos fortes. Sentimentos imensos.

Ele não me maltratou, simplesmente porque ele sentiu prazer nisso. Ele não me sujeitou aos horrores de uma existência tênue, fulminante, porque ele podia.

Ele fez isso por motivos que estavam muito claros em sua mente. Ele tinha metas definitivas à vista. Havia a lógica por trás da loucura. Lógica torcida, sombria, inaceitável, e masoquista... Mas lá estava.

É assim que eu tenho sido capaz de conciliar as minhas emoções em conflito sempre que estou perto de Jeremy Stonehart. Talvez seja por eu ser fraca em me apaixonar pelo meu captor assim. Talvez eu esteja delirante.

Mas mesmo que esteja... quem se importa? O que eu tenho agora com Jeremy é muito melhor do que qualquer coisa que eu posso imaginar ter com qualquer outra pessoa. Ninguém pode me fazer sentir as paixões dessa tempestade dentro de mim em torno de Jeremy. Bom, mau, e algo entre nós, é tudo parte da experiência incrível com ele.

Não há um substituto de Jeremy. Ninguém pode chegar perto. O caminho que nos levou para chegar aqui é incomparável.

Talvez seja isso que me ligue a ele. Talvez não seja o próprio Jeremy, ou pelo menos, não Jeremy em si, mas sim a viagem que nós compartilhamos que me faz sentir tão inexplicavelmente presa a ele.

Seja o que for, eu não me permito me preocupar muito com isso. Tudo com que eu me preocupo, no alto desta montanha preguiçosa, é o sentimento que floresce do calor que é despertado pela presença de Jeremy. Seu sorriso, sua risada, sua voz, sua intensidade inabalável, em tudo e qualquer coisa que ele faz para mim.

E depois há os momentos de doçura inesperada, as joias que me dão um vislumbre de sua alma. Às vezes, eu o pego olhando para mim, paralisado. Quando lhe pergunto o que é, ele apenas sorri e diz: “Nada”. Ou na bem-aventurança do pós-coito, quando nós dois estamos em paz, e ele apenas me mantém perto dele, nossos corações batendo como um só. Esses são os momentos em que ele não precisa falar. Não há palavras para descrever o que

temos um com o outro. Esses são os momentos em que o idioma parece uma paródia cruel, totalmente incapaz de encontrar um significado ou definição para a poderosa conexão entre os nossos corpos.

É tudo metafórico. E sim, há um tempo e lugar para a poesia e arte. É precioso e efêmero. Mas se perde por tempo suficiente em seu aperto corporal para manter o significado.

É onde eu estou agora.

É uma sedução lenta, sensual da parte mais profunda, mais primitiva da minha mente. É aí que reside o perigo. É aí que reside a ameaça. Porque eu deveria me encontrar muito acostumada com isso, muito confortável dentro de seu gabinete, e a realidade tem um péssimo hábito de elevar sua cabeça feia no momento menos oportuno.

Esse momento acontece com três dias de estadia, no sábado de manhã de 29 de março.

Jeremy e eu passamos a noite nos braços um do outro. Ele beijou-me ao acordar, e, em seguida, desceu as escadas enquanto eu fui tomar banho sozinha.

Quando eu descii os degraus largos para o primeiro andar, tive a nítida sensação de que algo estava errado.

—Lilly, — Jeremy me cumprimenta do hall. Suas mãos estão atrás das costas. O bom recente humor que eu tenho vindo a esperar dele se foi. —Venha comigo.

Há um tom em sua voz que me faz desconfiar. —O que é, Jeremy? — Pergunto.

—Você vai ver. — Uma resposta vaga e desconcertante. —Venha. Agora.

Eu aceno, e vou atrás dele.

Ele me leva a um quarto escuro, cavernoso. As cortinas são desenhadas.

—Feche a porta, — diz ele, uma vez que entro.

—Jeremy...

—Basta fechá-la, caramba!

Eu salto para obedecer. Meu coração está batendo em um ritmo forte, pesado, como os tambores que levam um exército marchando para a guerra.

Volto-me para ele. Ele está em uma poltrona enorme na frente das cortinas desenhadas. A parte de trás dela estende-se a meio caminho para o teto. Parece um trono de ferro. Ele está me observando de seu centro de comando. Sua presença, combinada com a cadeira, combinada com a escuridão, me faz sentir de repente muito pequena.

E mais do que um pouco de medo.

—Eu encontrei alguma coisa, — ele me informa, — na noite em que vim para o seu quarto, em Boston. Isso me irritou. Mas sua condição tinha precedência. Você tinha que ser cuidada.

—No entanto — Ele levanta um dedo. —Agora que você está recuperada, e eu posso ver por mim mesmo que você está melhorando, minha mente continua a escorregar de volta para essa pequena descoberta. Você sabe sobre o que eu estou falando, Lilly?

Eu pisco rapidamente, tentando pensar. Eu sinto que estou em julgamento aqui. Por qual crime, eu não sei. Mas o homem diante de mim é a mesmo com quem eu passei os últimos dias gloriosos.

—Não, — eu digo, balançando a cabeça. —Jeremy...

—Eu estou falando sobre isso, — ele rosna. A partir de sua mão voa uma folha de papel amassado. —Pegue-o.

Eu ando até ele e me curvo, todo o meu corpo treme. Esta é a tal hora que eu espero dele em que eu não consigo pensar direito. Eu não enfrento esse lado de Jeremy por tanto tempo que eu tenho me esquecido de como reagir.

Lentamente, eu me levanto e abro o papel.

—Leia, — Jeremy fala.

Leva um segundo para os meus olhos caírem sobre as letras sob a luz fraca. Mas quando o fazem, imediatamente, eu reconheço o que é.

O bilhete de Robin.

Isto é o que o deixou tão chateado? Isso não é nada!

—Jeremy, você entendeu tudo errado, — eu começo. —Tudo o que você acha...

—Eu disse, — sua voz corta a minha como tesouras através da seda, — leia, Lilly Ryder. Não me faça repetir.

Eu me endireito, disposta a não deixá-lo ver o meu medo. Não há nada para ter medo. Aqui não. O medo é um sinal de culpa, e eu tenho a consciência limpa.

Eu limpo minha garganta, e leio:

Fey ainda está brava, e eu também estou. Mas, ao contrário dela, eu acho que eu entendo. Se você realmente precisar de alguma ajuda, você pode vir a mim me. Eu não vou abandoná-la. Robin

—Sim, — diz Jeremy quando eu termino. —Você poderia me dizer o que exatamente isso significa, Lilly?

—Não significa nada, — eu digo. O espírito está de volta na minha voz, a certeza clara no meu discurso. —Eu me esqueci de tudo sobre isso.

—Oh, sério? — Jeremy zomba. —Será que essa será a sua defesa, então? Que você se esqueceu? Isso é por que você não mencionou isso para mim? Eu dei-lhe tempo de sobra para me contar.

—Bem, isso é verdade, — eu digo. Eu passo em torno dele, para a janela, e abro as cortinas. A luz refletida na neve inunda a sala.

Se o fato de eu estar atrás de Jeremy o desconcerta, ele não dá nenhuma indicação. Ele não se move do seu lugar, nem se vira para onde estou.

—Você se lembra do que eu disse a você sobre a honestidade, Lilly?—Ele pergunta. Sua voz tem um tom duro para ele. —Você se lembra do que eu disse sobre mentiras e enganos?

—Que você os acha inaceitáveis, — eu digo, meio zombeteira. Eu vou para um aparador na parede distante, em frente a ele, e encosto meu quadril contra ele. —E daí? Você não vai me levar através deste jogo novamente, Jeremy. Este tipo de comportamento está começando a me irritar.

Ele franze a testa, e inclina a cabeça para um lado. —Isso é realmente a melhor coisa para me dizer? — Ele pergunta.

Há uma ameaça escondida nas profundezas de suas palavras.

—Eu vou dizer o que eu quero — digo-lhe, cruzando os braços. Eu estou caminhando sobre uma linha estreita, aqui. Eu gostaria de nunca ousar tentar este tipo de não conformidade com Stonehart.

Mas eu não vou rolar e simplesmente tomar essa merda, também. As circunstâncias não deveriam ditar como eu reajo a ele. Eu tenho que deixar claro que tenho minhas expectativas, para ele também. Tentar me assustar sobre uma trivialidade como essa, não é aceitável.

—Eu não sei o quanto você já leu nessa nota, mas o que você imagina que seja, está errado.

—Uma acusação perigosa.

—Mas ainda vou mantê-la. — Eu ergo o meu queixo no ar. —Eu não tenho medo de você, Jeremy. Não mais. Eu sei do que você é capaz. Eu experimentei em primeira-mão. Mas eu também sei que, se as profundezas de seus sentimentos por mim realmente chegarem tão longe quanto você diz, você não vai tentar qualquer coisa do tipo. Nunca mais.

—Lilly...

—Não. Deixe-me terminar. Eu não sou uma menina para ser amedrontada por lugares escuros e grandes teatros. Vocês quer uma testemunha de quem você é, o que você faz? Bem, aqui estou eu. Você diz que é um homem de palavra. E você me disse que não me faria mal novamente. Eu sou livre para sair quando quiser. Não se lembra? Eu ainda escolho ficar com você.

—Mas esse tipo de besteira tem que parar, Jeremy. Estou colocando meu pé no chão. Sem mais ameaças. Sem mais malditos jogos. Não me faça acreditar que temos algo especial apenas para esmagar isso com uma exibição como essa.

Eu seguro a nota na minha frente. —Você sabe o quanto as palavras de Robin significam para mim? — Eu rasgo o papel em dois, e então torno a fazê-lo novamente. Eu deixei os pedaços caírem no chão. —Isso é o quanto. É por isso que eu não mencionei. Eu simplesmente esqueci. Eu não preciso dizer-lhe todos os detalhes minuciosos de tudo o que acontece quando você não está por perto.

—Lilly, — Jeremy rosna.

—Eu não acabei! — Eu o interrompo. Paixão está sendo construída dentro de mim. Minha voz se torna mais forte com cada palavra. —Se você diz que quer que a confiança entre nós seja a de uma esposa e um marido de cinquenta anos,

bem, isso é uma via de mão dupla, porra, Jeremy. Você não pode me esperar te dar, dar, dar, e não retribuir em troca.

—Portanto, sem mais perigos escondidos. Sem mais ameaças veladas. A partir de agora, você diz o que você quer dizer, Jeremy, e você me diz exatamente o que pensa. Essa é a única forma de nossa confiança se desenvolver. Porque, sinceramente? O amor é apenas uma parte da equação.

Ele olha para mim em silêncio por um longo tempo. Seus olhos e seu rosto ainda estão enegrecidos.

Eu odeio quando ele fica assim. Ele está escondendo tudo, e o deixa impossível de ler.

Mas eu não vou ceder. Eu estou firme na minha posição. Não importa o que Jeremy é capaz, eu não vou ser reduzida a ter de prestar atenção a cada passo em torno dele. De maneira nenhuma.

Não mais.

Lentamente, ele traz uma mão ao rosto e aperta os olhos. Ele toca ao lado de seu nariz, e em seguida, aponta o dedo para mim.

—Você, — diz ele, — está com sua maldita cabeça sexy feita.

E então ele está fora de sua cadeira e caminhando em direção a mim com tal velocidade que eu tropeço para trás. Ele me pega pela cintura e me puxa para ele. Sua boca esmaga a minha com intensidade furiosa. Ele beija-me muito e bem. Quando ele se afasta, eu estou sem fôlego e fraca. Existe tanto nesse beijo, tantas palavras e sentimentos contidos que nunca poderão ser falados, que eu me pergunto se ainda estou de pé.

Ele olha para mim através dos olhos escuros e longos cílios. Se há uma coisa que eu encontro em seu olhar, é a primeira aparência de real, a verdade inquestionável.

—Eu dei-lhe as chaves do reino, — diz ele. —Não há mais ninguém. Nem nunca haverá. Você é tudo o que tenho e tudo que eu sempre vou querer. Mas isso? —Ele cutuca a folha rasgada no chão com o pé. —Tem uma propensão a me assustar.

—O quê? — Eu sussurro. É a primeira vez que eu ouvi Jeremy admitir a tal vulnerabilidade.

—Minha mente é escura, Lilly, — diz ele. —Meus pensamentos são negros. Sempre. Você é a luz que parte deles e brilha. Você chega ao meu âmago. Eu não tenho nenhuma defesa contra você.

Ele me deixa ir, caminha até a janela e olha para fora. Ele mantém uma mão no peitoral. —Nem, — diz ele suavemente, — eu quero uma.

—O que você está dizendo? —Pergunto com cuidado.

—Eu estou dizendo que há gatilhos, o bilhete, por exemplo, me levam a reverter para velhos hábitos. Eu os combato, Lilly, tanto quanto eu posso. Mas eles são uma parte integrante de mim. Estas falhas, estas reações, são instintivas. Quando estamos separados, quando eu sinto que estou perdendo o controle, todos eles vêm à tona. Eu não consigo evitar. Eu não quero mudar. Essas reações, as mesmas coisas que você detesta sobre mim, contribuem para o meu sucesso.

—Eu não os detesto, Jeremy, — eu digo em voz baixa. —E você não tem que explicar. Compreendo.

—Você? — Ele se vira para mim. —Não. — Ele balança a cabeça. —Você não compreende. Como você pode? Você não tem visto as coisas que eu vi, não viveu o que eu tenho vivido. Você não tem a experiência necessária para reconhecer o mal. Eu tento mantê-lo sob controle, Lilly. Verdadeiramente, eu tento. Apenas em torno de você. Ainda de vez em quando, —Ele exala, — borbulha para fora outra vez.

—Como com o bilhete, — eu digo.

—Como com o bilhete, — afirma. —Só você conseguiu desarmá-lo a tempo. Antes que eu pudesse fazer alguma coisa... —Ele dá um sorriso torto. —... muito, muito imprudente.

Eu vou até ele. —É? — Eu digo, sentindo-me poderosa e orgulhosa de mim mesma por alcançar o meu efeito sobre ele. —E o que isso teria sido?

—Confie em mim, — diz ele, virando-se. —Você não quer saber.

Eu toco seu braço. —Mas eu quero, Jeremy —, eu digo. —Eu quero saber. Porque eu quero conhecer você.

—Você me conhece. Você me viu.

—Eu quero saber o que se passa aqui, — eu tiro seu cabelo da testa. —O que se passa nessa sua mente fortemente guardada?

Ele pega a minha mão. Vira a palma para cima. E toca os lábios em cada um dos meus dedos. —Não, — diz ele. —Você não quer saber. Eu sou todos os tipos de merda, Lilly. Se você soubesse sequer um décimo de quem eu realmente sou, eu a perderia para sempre. Eu não estou disposto a correr esse risco.

—Eu já vi você no seu pior, — eu sussurro baixinho. —E eu ainda estou aqui. Não estou? Quanto poderia realmente me afastar?

—Muito mais, — diz ele. —No entanto, isso me faz pensar. Por que você ainda está aqui, Lilly? Por que você permanece comigo?

—Porque eu...

—Não. — Ele me silencia pressionando um dedo aos lábios. —Não diga isso. Agora não. A nossa jornada juntos por este mundo solitário está apenas começando. Não diga isso até que você saiba o que você quer dizer.

—Eu sei, — eu insisto com minha teimosia. —Você não pode me calar com um motivo como esse.

—Eu tenho minhas razões, — diz ele. —Como eu tenho certeza de que você tem as suas. E suas razões, Lilly, não têm nada a ver com amor.

Capítulo Dois

Passei o resto do dia ponderando as últimas palavras de Jeremy para mim.

Havia uma implicação definitiva por trás delas. Era a mesma que ele aludiu quando me disse sobre a história de como ele alegou a empresa de seu pai no tribunal.

Que ele pode reconhecer alguém movido pela vingança.

Tem sido um longo tempo desde que eu pensei nesses termos. Não houve nenhuma oportunidade em nosso recente tempo juntos neste maravilhoso retiro.

Mas, agora, essa corrente subjacente de suspeita está de volta. O abismo venenoso que ameaça minar tudo o que temos entre nós. Talvez eu tenha sido muito ingênua. Talvez eu tenha enfiado a cabeça fundo demais na areia. Talvez eu tenha me tornado tão encantada com o brilho silencioso do meu próprio plano de vingança que eu perdi de vista a grande imagem.

Honestamente, o quão brilhante pode ser realmente meu plano? Não há nada para ele neste momento. Nenhuma substância. Nenhuma prestação de contas. Nada... nada, realmente.

Eu tinha essa vaga noção de que eu tinha que chegar perto de Jeremy Stonehart antes de traçar a minha vingança. Esse era um passo. Na época, as perspectivas pareciam tão minúsculas que eu nem sequer pensei no futuro dessa segunda etapa.

“Brilho silencioso?”, eu zombo. Mais como “idiotice em silêncio”. O que eu acho que eu poderia atingir, mesmo se eu tivesse que acabar com ele? Será que eu o mataria? Não. Isso nunca esteve no meu radar.

Ódio e nojo foram o que me fizeram fingir compaixão, compreensão, em primeiro lugar. Ódio e repugnância foram o que me fizeram fixar minhas visões sem rastejar no meu caminho para o coração de Jeremy Stonehart.

Bem, eu estou lá agora. Eu já estive lá por meses, na verdade, se a história de eu ter estado em coma contar como o tempo passado.

No entanto, há algo sobre a versão de Jeremy dos eventos que não se encaixa. Há uma peça faltando. E se eu realmente tenho danos cerebrais, eu não

seria capaz de saber isso, de alguma forma? Não se manifestaria de alguma maneira, dificultando as minhas habilidades mentais?

A história sobre isso afetando somente minhas emoções é muito conveniente. É muito simples, muito fácil. Muito limpo.

Por que eu caí em um coma em primeiro lugar? Isso não faz sentido. Eu não tenho pressionado Jeremy por respostas, só porque eu sei que ele iria manter o mesmo script.

Por tudo isso, como eu mesmo sei que estamos em março? Como eu sei que estamos verdadeiramente no Colorado? Toda a informação que tenho sobre a minha situação vem diretamente de Jeremy. E ele é um mestre da torção de mentiras em verdades.

Nós poderíamos estar em qualquer lugar no mundo. Poderíamos estar em qualquer semana do ano. Eu não tive acesso a quaisquer informações. Estamos completamente isolados aqui.

Eu não deixei isso me incomodar porque ainda não houve nada que eu pudesse fazer. E eu precisava me dar um tempo para desfrutar de estar perto de Jeremy.

Bem, nós tivemos esse tempo. A partir de quarta-feira até agora. Se foi quarta-feira, quando acordei. Nada do que sei pode ser tomado como verdade absoluta.

Jesus.

Eu trago uma mão na minha testa e fecho os olhos. Meus pensamentos estão andando em círculos. Paranoia está exercendo seu poder sobre mim. Eu vou ficar louca se eu ficar enfiada aqui por muito mais tempo.

Propus-me a encontrar Jeremy e exigir que ele nos leve para casa.

Mas ele não está onde eu esperaria encontrá-lo neste momento do dia. Eu vasculho todo o primeiro andar, chamando seu nome. Não há nenhuma resposta.

Subo as escadas para o segundo nível e tento novamente. Ele não está lá, também.

—Onde é que o homem se meteu? — Eu murmuro para mim mesma.

Então eu vejo uma pequena porta, habilmente escondida em um recanto na parede. Tem sido deixada entreaberta. Eu nunca percebi isso antes.

Eu a abro. Há um pequeno conjunto de escadas em espiral. Eu sinto um pouquinho de calor, como se um incêndio estivesse vindo de lá.

—Jeremy? — Eu chamo com uma mão no corrimão. —Você está aí?

Eu não obtenho uma resposta, mas eu subo de qualquer maneira.

A escadaria parece girar para sempre. Quando eu subo mais alto, o calor se torna mais pronunciado.

No topo, saio em um corredor sem mobília. Não há tapetes no chão, não há pinturas decorando as paredes. Apenas um trecho longo e vazio de tábuas de madeira e paredes de cedro que levam ao que deve ser o sótão.

Eu ando para frente, curiosa e ainda cautelosa. —Jeremy?

Eu viro uma esquina, e vejo a fonte do calor.

Há uma enorme lareira na parede distante. É maior, até mesmo do que qualquer uma dos andares de baixo. Ao que parece, era parte da casa original.

Há uma única poltrona no quarto. Parece esfarrapada e velha. Um conjunto de portas francesas fechadas do lado oposto completa a cena.

Jeremy está na poltrona. Ele não olha para mim quando eu entro. Ele fala.

—Venha aqui, Lilly. Sente-se no meu colo.

Eu vou.

—O que você está fazendo aqui? — Pergunto.

—Pensando, — diz ele solenemente. As chamas crepitam e queimam diante de nós. —Reminiscências.

—Sobre o quê?

—Muitas coisas, — ele suspira. Ele soa um tanto contemplativo e rabugento. Eu nunca o vi em tal estado.

—Você sabe o que está por trás dessas portas, Lilly? — Pergunta ele, inclinando a cabeça na direção delas.

—Não, — eu digo. —Como eu poderia?

—Não é nada assustador, eu lhe garanto. Venha. —Ele se levanta e pega a minha mão. —Vamos enfrentá-las juntos.

—Enfrentar o que juntos, Jeremy? — Eu começo. Mas ele já está no meio da sala.

Ele me traz para frente das portas. Ele coloca uma mão sobre elas, quase com reverência. —Isso não tem sido aberto por quase vinte anos, — ele admite. Sua voz é tão baixa que eu não tenho certeza de que eu tinha a intenção de ouvir.

—Por quê? — Pergunto. Eu não estou assustada. Na verdade, não. Sou capaz de ler a situação, e eu não acho que há uma desagradável surpresa esperando por mim do outro lado.

Isto é sobre Jeremy. Algo sobre essas portas, e tudo o que essa sala significa para ele.

—Porque, — diz ele, apertando minha mão, — elas nos levam ao santuário de minha mãe.

Com isso, com a mão livre fechada em punho, ele abre a porta.

Ao contrário da sala vazia atrás de nós, esta é totalmente mobiliada. Existem, no entanto, grandes lençóis brancos jogados sobre tudo. O ar é abafado, mas de alguma forma não envelhecido.

Vejo uma cama no meio. Gavetas, armários, roupeiros em pé ao lado. Algo que poderia ser uma vaidade, com uma grande forma oval, que lembra um espelho atrás dele.

A luz do fogo atrás de nós chega à sala. Nossas sombras são jogadas no chão como aqueles de espíritos assombrados. Mesmo com Jeremy ao meu lado, mesmo com ele assumindo a liderança, parece que eu estou invadindo. Pior do que quando eu tropecei na sala de vigilância secreta de Jeremy pensando que era seu escritório.

Parece que eu estou me intrometendo em um lugar sagrado. Quase como se este fosse um templo no qual eu não pertenço.

—Jeremy... — eu digo.

—Eu nunca teria feito isso sem você, — ele me diz. Ele dá um passo para frente, e por um momento, parece quase cambalear.

Isso passa em menos tempo do que ele que leva para piscar. Mas Jeremy, Jeremy Stonehart, sempre tão firme e seguro de si mesmo, realmente, perdeu o seu passo.

Ele solta a minha mão e anda pelo chão coberto de poeira. Quase como se para compensar a fraqueza momentânea.

Ele para diante de um longo conjunto de cortinas e as abre.

Poeira voa por toda parte com a perturbação. E de repente, temos o luar brilhando, colidindo e contrastando com o brilho laranja quente do fogo.

Jeremy abre a janela, e uma lufada de ar passa imediatamente por ele. O ar frio varre e limpa o quarto.

E, em seguida, Jeremy se vira, e começa a metodicamente, silenciosamente, tirar os lençóis do mobiliário.

Eu me movo para ajudá-lo. Trabalhamos em um silêncio compreendido, nenhum de nós diz uma palavra, mas nenhum de nós precisa, também. Sabendo da influência de sua mãe para ele, só posso começar a imaginar o que vir aqui deve significar. Eu nem estava ciente de que esta era a casa de sua família, e não algo que ele comprou só depois que ele se tornou Stonehart.

Nos leva uma boa meia hora para restaurar o espaço para a sua antiga graça. Jeremy não apenas joga os lençóis no chão depois que ele descobriu o mobiliário. Ele os dobra perfeitamente, em pilhas compactas.

Eu não sei por que ele faz isso. Mas eu não estou prestes a interromper seu devaneio. Há uma inegável suavidade em seus movimentos. Uma ternura suave. Ele funciona em um estado de quase sonho.

Finalmente, existe apenas um lençol branco sobrando. Ele cobre o que deve ser outra lareira. Eu notei que Jeremy propositadamente a evitou antes. Agora que está sobrando apenas um, esse não pode ser ignorado.

Ele para diante dele e o respeita por um momento. —Venha aqui, Lilly. — Essas são as primeiras palavras que ele está falando desde que entramos. —Isso é algo que eu quero fazer com você.

Eu deslizo até ele. Enquanto estávamos trabalhando, eu intencionalmente desviei os olhos de qualquer pertence pessoal. As estatuetas nas prateleiras, os itens dentro das gavetas e as pinturas nas paredes seriam apontados para mim por Jeremy, com o tempo, se assim o escolher. Eu não queria estragar a primeira impressão, vendo alguma coisa sozinha.

—Isso é importante para você? — Afirmo, mais do que pergunto.

—Muito, — diz Jeremy. —Eu não achei que seria capaz de voltar aqui, nunca mais. Este quarto... tem tanto significado. Havia tanta dor. Estas paredes conheceram tanto sofrimento. Mas havia também bondade. Havia amor. Isso não conseguiu superar a escuridão, Lilly. Mas fez apenas um pouco mais tolerável. — Ele olha para mim. —Isso faz algum sentido?

—É claro, — eu respondo-lhe, deslizando os dedos pelos seus. —Mas dor de quem, Jeremy? Sua, ou...

—Dela, — diz ele. Com isso, ele puxa o último lençol restante.

Ele vibra ao cair no chão lentamente, como uma fita de seda pega por uma brisa. Eu entendo por que imediatamente Jeremy deixou este lençol por último.

Acima da lareira, está um retrato glorioso de uma mulher bonita. Ela parece uma rainha, sentada de costas retas em uma cadeira dourada. Cachos negros longos caem pelos ombros. As mechas de ébano cobrem o pedaço de pele exposta por um vestido decotado.

É impossível adivinhar sua idade. Ela poderia ser mais velha do que eu, quando este foi pintado. Ou ela poderia ser quinze, ou vinte anos mais velha. As linhas finas ao redor dos olhos, tão habilmente pintadas, não fornecem pistas. Em vez disso, elas a fazem parecer mais velha. Elegante. Transcendente, de alguma forma, de ambos tempo e espaço.

Eu não preciso olhar para Jeremy para ver a semelhança. Destaca-se imediatamente.

Os olhos, eu acho. São os olhos que são os mesmos.

Eu pensei, -e assumi, com toda a razão, -que Jeremy tinha herdado os olhos de seu pai. Eu pensei assim devido à maneira como ele falou de Hugh, por causa de quão poderoso ele soava. Eu não pude imaginar um homem forte, com um olhar morno.

Eu deveria ter percebido que esse não era o caso depois que eu conheci Hugh. Ele tem os olhos pequenos, furtivos. Os olhos de um vigarista. Os olhos de um malandro.

Os olhos de um falsário, rato sujo.

Os olhos de Jeremy, por outro lado, são magníficos. Assim como os de sua mãe. Eles estão cheios de orgulho e força e conhecimento. Conhecimento em um senso de si, não o conhecimento de fatos e números inúteis. O conhecimento de quem você é como pessoa. Conhecimento de seu lugar no mundo, e confiança na extensão de suas habilidades.

—Ela é linda, — eu suspiro. Eu estremeço e imediatamente me arrependo da minha escolha de palavras. Beleza é tão transitória, de modo que passa. Nesse mesmo sentido, se não for apoiada por mais nada. Belos sons como, uma palavra oca e vazia para descrever o esplendor da mulher do retrato diante de mim.

Mas Jeremy não parece se importar. Na verdade, eu acho que ele está deslocado para algum lugar profundo, distante. —Sim, — ele murmura, apenas meio consciente de mim. —Sim ela é. Não é?

Ele estende a mão e toca a borda da pintura com uma mão.

Tantas perguntas vêm à mente. Como é que uma mulher com tal força óbvia sucumbiu a um homem como Hugh? Até que ponto ela deve ter caído para ceder às mesmas drogas que custaram a mente de meu pai? Quão ruim deve sua vida ter se tornado? Quão desesperada?

De repente, uma grande onda de piedade surge dentro de mim. Pena, misturada com outra coisa, algo que eu tento negar, mas não posso. Algo escuro, afiado, e muito perigoso:

Ressentimento.

Esta foi a mulher que me causou tanta dor. Esta foi a mulher que fez Jeremy vir atrás de mim. Ela está no cerne de tudo isto, a própria essência dos pesadelos que tive de suportar.

Mas ela também me levou a alguns bons lugares, uma voz me lembra. Ela me levou a Jeremy, e não Stonehart, e tudo de bom que isso trouxe.

Sim, algo assim, mas sem ela, minha vida ainda seria minha.

Eu tenho uma vontade quase irresistível de arranhar a pintura e arremessá-la no fogo. Apagar a confiança, a autoconfiante presunção da mãe de Jeremy.

Então eu me pego imaginando essa cena. Eu paro, e estremeço. Não é quem eu sou. Eu não sou estúpida o suficiente para me sentir ameaçada pela pintura de uma mulher que morreu há vinte anos.

A profundidade das emoções evocadas ao olhar para esta mulher me surpreende. E se isso for apenas um décimo do que Jeremy sente, relacionado a ela... Então todas as suas ações fazem todo o sentido.

Ressentimento eleva sua cabeça feia de novo.

É com esta mulher que eu estou competindo? Esta é a única que tem um forte domínio sobre a mente de Jeremy? Como é que é justo ser comparada a alguém cuja beleza é eterna, capturada para sempre em uma pintura como esta?

Contudo, esta é precisamente a luta acontecendo dentro da mente de Jeremy. Ele mesmo disse. Havia apenas duas mulheres que ele amou verdadeiramente: sua mãe, e eu.

Será que ele, de alguma maneira privada, e uma maneira doente, torcida, me vê como uma... Como uma substituta para ela?

Minha pele se arrepia. Não posso fazer nada para afastar o desagrado doentio desse pensamento.

Eu tinha ouvido dizer que os meninos quando crescem, querem se casar com mulheres que lembram suas mães. Eu nunca considerei a veracidade desse pensamento. Eu tinha imaginado, e talvez o oposto seja verdadeiro: As meninas querem encontrar alguém que lembra seu pai. No entanto, não tendo tal figura na minha vida, eu nunca poderia julgar por mim mesma se isso era verdade.

E, no entanto, tudo o que Jeremy fez, tudo que o levou a mim, parece ter emanado da mulher que eu estou olhando agora. Talvez seja ainda pior. Tudo o que Jeremy está fazendo, decorre de suas lembranças dela. Memórias que, sem dúvida, a faz parecer mais perfeita do que ela jamais foi. Mais perfeita do que qualquer um poderia ser.

Jeremy tem esta imagem perfeita dela em sua cabeça. Uma imagem moldada pela infância que ele passou ao seu lado. Charles me disse que ela era a

única pessoa que alguma vez lhe mostrou afeição. Isso a fez ainda mais preciosa para ele.

Memórias formadas na infância são as mais difíceis de lançar fora. Impossível, realmente. Elas vêm de um tempo quando você está mais impressionável, quando a sua visão do mundo não é a sua própria, mas a dos seus pais.

Então, o que Jeremy poderia esperar de mim, eu nunca poderia chegar perto de combinar sua perfeição, seu esplendor. Existe um vazio que o tempo e os eventos não podem tocar. Ela existe apenas na mente de Jeremy.

Eu não quero mais ficar aqui.

Eu puxo a mão de Jeremy. —Querido, vamos embora, — eu digo. A voz que emerge é quase minha própria. —Venha comigo. Vamos para a cama.

Jeremy, paralisado pela pintura, nem sequer me ouve.

—Ela é exatamente como eu me lembro, — diz ele, o seu discurso longe e distante. —Esta é quem ela era.

Um pouco de terror selvagem vem a vida dentro de mim ao ouvir a velha amargura de suas palavras.

—Querido...

—Não! — Jeremy puxa sua mão da minha. É um movimento selvagem. — Você pode ir se quiser, Lilly. Deixe-me sozinho. Você não pode imaginar a coragem que levou para eu mostrar ela a você. Se você não pode apreciar isso... —Ele vira a cabeça para mim, e termina em um grunhido viscoso, — então você não é melhor do que ele.

Eu não preciso perguntar para saber quem “ele” é. É obvio.

O pai de Jeremy.

Eu quero partir. Mas, eu posso sentir que este é um momento crucial para mim e Jeremy. Aconteça o que acontecer agora, tudo o que qualquer um de nós vai fazer a seguir, permanecerá firmemente plantado em sua cabeça e definir a relação do que nós temos até o fim.

Então eu engulo o meu medo, luto com meu próprio desconforto, e faço o que eu quero que ele faça por mim, e vou até ele.

Eu paro atrás de Jeremy e coloco minhas mãos em suas costas. Eu esfrego seus ombros, lentamente, e inclino minha cabeça contra seu braço.

E, para minha imensa satisfação, eu o sinto amolecer debaixo de mim.

—Eu sinto muito, — diz ele. —São apenas as emoções, Lilly. Emoções com que eu não tenho nenhuma experiência em lidar. Elas estão todas chegando, agora. Eu não posso pará-las.

—Então, não as pare, — eu digo a ele lentamente. —Só sei que, aconteça o que acontecer, eu não vou te abandonar. Eu não vou deixá-lo.

Ele coloca a mão sobre a minha. —Obrigado, — diz ele.

Ficamos assim, juntos e ainda separados, com o conteúdo do silêncio envolvendo-nos como duas geleiras flutuantes num mar vazio. É só quando Jeremy se mexe, sem minha provocação, que o feitiço é finalmente extinto.

—Vamos então, — diz ele, roçando um beijo sobre meus dedos. —Deixe-me dizer-lhe sobre ela.

Capítulo Três

Lá embaixo, Jeremy começa a contar.

—Esta casa pertenceu ao meu pai, — diz ele, me levando para baixo pelos degraus. —Era nossa casa de inverno. Gostávamos de vir aqui todos os anos para os feriados.

—Eu sempre amei a viagem. Algo sobre a vastidão do castelo me chamando. Nós vivíamos ricamente na casa. Mas a casa era... bem, era comum. Era familiar. Vir aqui por algumas semanas em Dezembro era como uma viagem para a terra da fantasia.

—Era mágico, Lilly, quando visto através dos olhos de um menino. Minhas melhores lembranças são de quando eu tinha cinco, seis, ou sete. Elas são apenas fragmentos, é claro. Mas eu posso sentir o calor. Eu ainda me lembro da sensação de que, ver o castelo aparecer na distância evocava.

—Que era quando eu ainda tinha um entendimento falho e parcial do mundo.

—Eu nasci por último, como eu disse antes. A diferença de idade entre mim e meus irmãos mais velhos era enorme. Era um abismo inavegável. Eu não os via como tal naquele momento, mas eles me viam.

—Eles não se sentiam ligados a mim do jeito que eu sentia por eles. Eu era um incômodo, um gato cuspindo quando eu chegava muito perto. Novo como eu era e ainda esperançoso, eu nunca poderia criticar meus irmãos pelo que eles faziam. Eu os amava, e seu comportamento em relação a mim era simplesmente... comum. Eu pensei que fosse normal.

—É claro que muito dos seus ressentimentos resultaram do meu pai. Ele não tinha escrúpulo em dizer-lhes muito claramente quão pouco ele pensava de mim. É aí que eles aprenderam seu comportamento.

—Minha mãe, como todas as boas mães fazem, me protegia do pior. Na verdade, pelos primeiros sete ou oito anos de minha vida, eu não sabia que alguma coisa estava realmente errada.

—Mas a crueldade dos meus irmãos tornou-se pior com o passar dos anos. Eles faziam isso com imunidade total porque o meu pai não se importava. Se

qualquer coisa, eu acho que ele os elogiava por isso. Ele pensou que isso iria me ajudar a crescer forte.

—Pode ser difícil imaginar, Lilly. Mas eu era pequeno, e magricela, enquanto crescia. Graça física e uma forte presença não vieram naturalmente para mim. —Ele dá uma risada sem humor. — São coisas que eu tive que aprender.

Volto a pensar em tudo que Charles me dissera e todas as coisas que Jeremy não sabe que eu sei, e tenho um quadro mais completo de Jeremy Stonehart, como um jovem rapaz.

—Mas não é isso que eu quero falar com você. Não é a minha luta que importa. É a dela. Além disso... —Ele faz uma pausa para se servir de um copo de uísque. —... Eu suportei muita, muita coisa ruim na minha adolescência.

Há essa alusão novamente. A simples menção de algo ter dado horrivelmente errado antes que ele se tornasse um homem. Ele falou de uma vez antes, quando ele me alertou sobre a supressão dos sentimentos que eu tenho sobre o meu tempo na pilastra. Estar ali se destaca em minha mente como algo muito central para o que o fez se tornar um homem.

Eu quero perguntar a ele sobre isso. Tenho a intenção de perguntar a ele sobre isso. Mas agora não. Agora, a melhor coisa para eu fazer é simplesmente ouvir.

—Esta casa tem boas lembranças, — diz ele, — e ruins. Foi aqui onde eu testemunhei o primeiro abuso da minha mãe nas mãos do meu pai.

—Eu o ouvi gritando através das paredes. Isso me assustou. Quando meu pai gritou, isso significava que ele estava verdadeiramente irritado. Não havia como dizer o que ele poderia fazer.

—Ele tinha prazer em infligir dor a seres vivos, eu acho. É uma característica que ele carregou por toda a sua vida. Ele passou para meus irmãos. Mas, ao contrário deles, e apesar do que se poderia pensar, ele não passou para mim.

—Às vezes, coisas como essas são... — Os lábios de Jeremy se contorcem. —... necessárias. Infelizmente, mas necessárias, no entanto. Não me interprete mal, Lilly. Estou bem ciente do que eu fiz. Mas vamos apenas dizer que se, em vez disso, você tivesse encontrado a si mesma nas mãos de qualquer um dos meus irmãos mais velhos, ou Hugh... —Sua voz assume uma gravidade de sepultura. — ... você não estaria viva hoje.

Uma compreensão mais completa de como seria a minha situação para sobre mim.

—Será que a incomoda essa facilidade com que eu posso falar sobre tais coisas? — Jeremy pergunta. Os olhos dele assumiram, no fundo, aquela qualidade penetrante novamente.

Eu balancei minha cabeça, um pouco mais ou menos. —Não, — eu digo. Então eu mordo meu lábio e admito: — Pelo menos, não realmente. Não mais. Eu espero isso de você, Jeremy. Eu sei que é a sua tentativa de me dessensibilizar para o tópico.

—Esperta, — Jeremy comenta. —Esperta, como sempre. Bom para você, então. Estou feliz. Isso simplifica as coisas para o futuro.

—De qualquer forma. Meu pai e eu temos um relacionamento muito distorcido. Eu detenho o poder total sobre ele. Isso me permite mantê-lo fiel. Nossos papéis se inverteram. Como eu disse antes, eu não iria simplesmente desperdiçar a mente dele. Mas, faço uso dele agora só porque ele está em uma coleira apertada.

—Mas isso não é nem aqui nem lá. O ponto de eu dizer isso não é para me debruçar sobre o que está acontecendo no presente, mas para conceder-lhe uma pequena compreensão do meu passado. Você disse que queria isso muitas vezes. Eu estou compartilhando com você as coisas que eu não disse a outra alma.

—Eu sei, — eu digo em voz baixa. —Obrigada por isso, Jeremy.

Ele balança a cabeça. —Eu o ouvi gritar direto através destas paredes. — Jeremy aponta para cima, para o teto. —Acima nesta mesma sala, no escritório, no segundo andar. Então eu ouvi um grito -da minha mãe -e um estrondo.

—Eu corri para ela. Eu não era permitido no escritório do meu pai. Eu irrompi as portas de qualquer maneira.

—E lá, eu vi algo que me lembrarei minha vida inteira. Minha mãe estava deitada em uma pilha no chão. Um lado do rosto dela estava muito inchado. O armário de bebidas tinha sido virado quando ela caiu. Essa foi a causa do acidente. Algumas garrafas quebraram, molhando os ricos tapetes com vinho vermelho como sangue.

—Mas isso não era a coisa que mais se destacou. O que vi foi a presença dos meus irmãos. Ambos estavam atrás de meu pai, rindo silenciosamente para a mulher caída no chão. Rindo de sua própria mãe.

—Eles não teriam ousado entrar sem a permissão do meu pai, é claro. E porque ele não os deteu, ele a deu implicitamente.

—Foi quando senti pela primeira vez o aperto muito real de verdadeiro ódio.

—Vendo-me correr para o quarto, no entanto, parecia ter restaurado a força da minha mãe. Talvez fosse tudo uma fachada. Talvez eu fosse a testemunha necessária para processar o que tinha sido feito.

—Meu pai se virou e com um aceno da mão tirou meus irmãos do quarto. Ele não olhou para mim ou minha mãe. Corri direto para ela. No momento em que cheguei a seu lado, ela já tinha se levantado.

—Ela pegou minha mão e me levou da sala, régia como qualquer rainha. Ela me levou até seu loft, o único lugar que nós compartilhamos nesta casa, o único lugar que era apenas seu, e, por extensão, parcialmente meu. Lá, ela me disse que eu não deveria deixar que o que eu vi afetasse a minha impressão dos meus irmãos ou meu pai. Ela disse que escorregou, isso era tudo. Então, ela me beijou e me abraçou forte.

—Eu tinha idade suficiente para saber que não era verdade. Eu me importava o suficiente, e era inteligente o suficiente para entender o que realmente tinha acontecido, como qualquer garoto que amava sua mãe entenderia.

—Mas eu não a questionei. Como eu poderia? Daquele ponto em diante, tornou-se a nossa pequena fantasia. A nossa mentira que dizíamos um ao outro para nos proteger de enfrentar a verdade mais dura.

—Essa não foi a primeira vez em que meu pai a tinha atingido. Certamente não seria a última. Aconteceu novamente poucos dias depois, na mesma viagem. Eu comecei a perceber que, quando minha mãe ficava em seu quarto e separada nós, alegando que tinha uma enxaqueca ou queria passar mais tempo com seus livros, ela estava escondendo os sinais físicos de abuso de meu pai.

—Ela estava sozinha no mundo. Seus filhos a tinham abandonado com idade suficiente para ver o que estava acontecendo, pelo menos. Seu marido era um monstro. Não. —Jeremy balança a cabeça. —Não, isso está errado. Hugh

nunca foi um monstro. Eu era um monstro. Eu me tornei um monstro através do meu tratamento com você. Hugh era simplesmente... malicioso.

—Diferenças vernáculas, Lilly. Mas que são bastante importantes, eu acho. Meu pai não poderia ser um monstro, porque ele nunca possuiu as características físicas para fazê-lo intimidante. Talvez fosse onde todo o seu comportamento começou. Talvez essa fosse a raiz dele. Talvez as coisas que ele fez com a minha mãe eram sua maneira de exercer o seu domínio.

Jeremy para. Seus olhos se escurecem. —Talvez... — ele diz, — ... ele e eu somos mais parecidos do que eu jamais considerei antes.

Sua mão aperta em torno da borda do copo. Eu posso ver os músculos de seu antebraço tensos.

Eu não sei o que dizer. Posso assegurar-lhe que ele não é como seu pai? Eu não posso. É verdade: há muitas similaridades entre os dois homens.

Mas então eu noto uma diferença impressionante.

—Você amava sua mãe, — eu digo. —E ela amava você. Eu não acho que o mesmo se aplica a Hugh.

Jeremy parece surpreso. Em seguida, o calor flui de volta para ele. —Você está certa, — diz ele. —Sim, Lilly. Você está absolutamente certa. —Ele sorri. — Obrigado por me lembrar.

—Eu acho que você é mais digno de louvor que ele, — eu digo, apesar de sentir uma satisfação presunçosa em ouvir suas palavras. —Você merece todo o crédito por compartilhar isso comigo. Eu não fiz nada.

—Você é a peça que faltava, — diz Jeremy. Ele me olha atentamente, estudando-me, quase como se ele estivesse me vendo sob uma nova luz. —Você é a pessoa que fez tudo isso possível. São memórias que eu nunca teria revisto se não fosse por você.

—Bem, pelo menos eu estou contente que eu sou boa para alguma coisa, — eu digo, meio brincando.

Jeremy sorri. —Você é boa para muito mais do que isso. Mas de volta à história. O dia em que eu tropecei sobre a minha mãe no chão do escritório do meu pai, eu me tornei seu único e verdadeiro confidente. Embora ela nunca tenha falado sobre o que aconteceu entre ela e Hugh, nem mesmo quando cresci, nós compartilhávamos uma espécie de entendimento implícito do que fazer no

rescaldo. Eu viria a ela. Ela lia para mim. Mais do que apenas uma distração, tornou-se sua maneira de lidar com a dor.

—Isso também nos aproximou. Nós desenvolvemos uma ligação especial. Enquanto meus irmãos eram claramente os favoritos do meu pai, eu era o dela. Eu não teria isso de nenhuma outra maneira.

—Claro, talvez parte do carinho que tinha por mim veio de ter perdido seus outros filhos. Por ter sido forçada a doar meu irmão gêmeo. Meu pai era o responsável por isso, embora por que razão, eu ainda não sei.

—Aqui está, Lilly. Isso é quem ela era. É por isso que ela era importante para mim. Essas coisas... Jeremy fecha os olhos. —... Eu não teria pensado que eu jamais iria falar para outra pessoa. Foi tudo há muito tempo. Relembrar desta forma traz à tona lembranças, boas e ruins. Estou até agora mudando de quem eu era como um menino que quase parece que eu estou dizendo a você o início da vida de outro homem. Eu tenho me distanciado de tudo isso. E, no entanto, esse círculo se fecha de volta em você. Então é você, Lilly. Você é a única que tem o direito de ouvir essas coisas. Você me obriga a partilhar essas coisas. Você merece isso, em certo sentido. Mas não é por isso que eu estou dando a você. Eu estou dando a você porque eu quero. Hoje à noite, vendo o retrato de minha mãe, voltar ao seu quarto pela primeira vez desde que ela morreu... esta noite é uma noite para reflexão.

De repente, Jeremy se levanta. Ele se move tão rápido que eu suspiro, assustada.

—Amanhã, vamos voltar para a Califórnia, — diz ele. —Eu não preciso gastar mais tempo aqui. Isto foi egoísta, talvez, mas este retiro foi tanto para mim quanto foi para você. Eu só não sabia disso até agora.

—Boa noite, Lilly. Eu não vou para a cama. Há mais algumas coisas que eu preciso cuidar. Coisas que eu preciso ver e fazer. Sozinho, — ele enfatiza.

—Eu entendo, — eu digo. Eu beijo sua bochecha. —Obrigada por compartilhar tudo isso comigo. Eu sei que não foi fácil. —Eu me afasto.

—Lilly, — Jeremy pega a minha mão. —Espere.

Eu olho para trás.

—Foi fácil, — ele me diz, — porque eu fiz isso por você.

Capítulo Quatro

O vôo de volta para casa desperta minha mente para todas as perguntas ainda não respondidas.

Primeira, e mais importante, é minha saúde. Até que ponto posso confiar na história de Jeremy e dos eventos? Eu não sei. Desde que ele não irá dizer, o mais que posso fazer neste momento é estar ciente de que algo pode estar errado, e estar à procura de outras manifestações de sintomas.

Em seguida, é Rose. Desde que eu vou vê-la novamente pela primeira vez em muito tempo, eu quero tentar compreender a profundidade da influência que Jeremy tem sobre ela... e de onde veio.

Depois, há o trabalho. Com o IPO, qual é a minha posição nas Indústrias Stonehart? Minha assinatura ainda está sobre o contrato que Jeremy me deu. Eu não quero ganhar um salário como mera caridade. Eu quero fazer algo útil.

Mas as coisas se parecem mais como tarefas domésticas do que qualquer coisa com urgência real.

Formular o meu plano para o futuro é uma questão premente. Com Fey e Robin em segurança e fora do caminho, não há nenhuma chance de sua intromissão estragar as coisas para mim. Ninguém mais sabe a profundidade da minha situação... a menos que eles compartilhem isso...

Mas não. Não com a forma como deixamos as coisas. Tenho certeza de que estou firmemente fora de suas mentes, pelo menos por enquanto. A nota de Robin foi clara.

Além disso, eles têm coisas mais urgentes para pensar: Graduação. Seu casamento. Tenho certeza que meu convite foi rescindido.

Eu suspiro. Isso é o que eu queria. É o melhor. Mas ainda assim... eu desejaria poder estar lá. Só porque eu os deixei de lado não significa que Fey e Robin não são importantes para mim.

Mas isso, eu espero que eles não suspeitem.

Meu plano, o que quer que seja, no entanto, pode se desdobrar, e é o que eu realmente preciso considerar. Eu tenho tudo que eu preciso, eu acho, para

finalmente fazer bem sobre ele. Ou melhor, para definir algo no lugar que venha a ser concretizado no futuro.

Há apenas esse pequeno e irritante problema chamado “amor” para lidar.

Como posso fazer Stonehart pagar e ao mesmo tempo, estar apaixonada por Jeremy? Posso ser tão cruel, tão sem coração, como para assassiná-lo depois que ele se expôs, depois que ele fez-se completamente vulnerável?

Isso é o que eu pretendia no início. Eu queria ter o caminho do coração, mente e alma de Jeremy. Eu queria fazê-lo revelar-se a mim, para que eu pudesse usar essa informação para encontrar sua fraqueza.

Eu nunca imaginei que eu me apaixonaria ao longo do caminho.

Seria mais fácil, em certo sentido, se Jeremy ficasse como Stonehart. Mesmo que isso significasse que o colar ainda estivesse ligado. Mesmo se isso significasse que o contrato ainda estivesse intacto. Inferno, mesmo se isso significasse que eu teria que passar mais tempo no escuro.

Ser colocada nessas situações teria feito meu ódio crescer. Isso teria fortalecido a minha resolução de voltar para ele, do jeito que aconteceu naquelas primeiras semanas terríveis quando eu fui deixada com fome na pilastra.

Então eu teria jogado a minha parte à perfeição. O problema, é claro, surgiu quando o ato tornou-se a verdade. Ela veio quando Jeremy mudou de atitude em relação a mim.

Seja qual for o resultado que ele esperava quando ele me drogou no restaurante, não foi isso. Sua vida inteira tinha ido precisamente à maneira como ele tinha planejado antes. Ele vive de controle.

Mas queimar o contrato, remover meu colar? Esses foram desvios do plano. Desvios muito reais. Eles não só o afetou, e sua atitude em relação a mim, mas eles me afetaram.

Eu nunca teria imaginado que as coisas teriam acontecido da forma como fizeram. Isso coloca um amortecedor sobre as coisas. Isso muda minha perspectiva apenas o suficiente para me fazer reconsiderar minha posição inicial.

Houve um tempo em que eu não queria nada mais do que castrar Jeremy e tê-lo ajoelhado diante de mim. Esse tempo é passado. Agora, eu não posso imaginar fazendo qualquer coisa, de bom grado, para prejudicar o homem.

Chame isso de uma fraqueza feminina. Chama isso de me sucumbir a sentimentos que eu nunca deveria ter tido. Chame isso do que você quiser. Mas não me atrevo a me chamar de fraca.

Não é fraqueza que está me fazendo ceder. É força, coragem e perspectiva. Eu não sou teimosa o suficiente para jogar fora tudo o que Jeremy e eu temos construído por causa de uma promessa que eu me fiz antes que eu ganhasse uma compreensão completa dos eventos.

É quase como se a questão que Jeremy me perguntou quando ouviu Fey revelar-me a razão: Ele perguntou sabendo que me faria odiá-lo.

Eu disse que não.

Não muda as coisas entre nós. Eu disse que não, porque tudo aconteceu no passado. Eu disse que não, para tudo, porque eu nunca estive lá para influenciar as coisas antes.

Eu estou agora. Agora, a vendetta de Jeremy contra mim e minha família não é uma raiva dirigida a uma entidade vazia e sem rosto. Quando eu entrei em sua vida como eu mesma, não com a ideia da filha de Paul... Quando eu fiz isso, e ele me viu por quem eu era, sua perspectiva mudou.

Se um homem tão intransigente como Jeremy Stonehart poderia ser persuadido a mudar, é tão difícil pensar que eu poderia mudar, também?

Afinal, minha raiva e ódio para com ele eram tão desinformados, tão falhos, tão surdos e cegos e mudos como os seus eram por mim. Isso veio antes de nós nos conhecermos. Ele era Stonehart, o monstro no escuro, o magnata rico sádico que aparentemente tomou-me cativa e me fez sua escrava só porque ele podia. Só porque, como ele tão bem colocou, ele é um homem que pode, e, portanto, faz.

Só que não era toda a verdade. Não era nem mesmo um vislumbre da verdade. Era apenas uma de suas máscaras. Na época, era uma malditamente boa. Mas agora que ele revelou a pessoa que está por baixo? O meu entendimento dele floresceu. Ele não é o único de espírito bastardo, de coração frio que eu pensei ser. Ele não é a pessoa que ele primeiro se mostrou. Ele não é nem mesmo a pessoa que pensa que é.

Stonehart era seu nome adotado. Da mesma forma, era a sua persona adotada. E sim, ele é o mestre de apertar um botão e ir de um extremo ao outro. Isso é algo que ele se ensinou a fazer.

Não é esse quem ele é no núcleo.

Portanto, a minha compreensão dele vem no momento menos oportuno. No momento em que eu posso verdadeiramente acertar, no momento em que ele deixou seu reinado vulnerável... Eu me encontro olhando para longe.

Olhando para longe, e procurando o homem por trás da máscara. Desesperadamente querendo que ele mostre mais desse lado de si mesmo para mim. Não porque eu preciso dele para ir em frente. Não porque eu estou coletando munição para a minha vingança.

Mas por uma razão menos egoísta. Quando ele faz isso, eu sei que está se conectando. Estamos construindo sobre o que temos, fortalecendo nossa base.

Em suma, estamos tratando um ao outro como um homem e uma mulher deveria.

Então, onde essa promessa que fiz a mim mesma há muito tempo se encaixa? Será que ainda tem um lugar? Ou posso simplesmente abandoná-la, da mesma maneira como Jeremy abandonou sua TGB?

Talvez seja muito cedo para tomar essa decisão. À medida que o avião começa a descer no familiar aeródromo da Califórnia, encontro-me aconchegando nesses pensamentos. A vingança não foi abandonada, não completamente. Mas tem sido posta de lado, com o entendimento de que, se as coisas continuarem do jeito que estão agora, não há nenhum lugar na terra que eu iria me sentir...

Mais feliz.

Capítulo Cinco

Uma surpresa me cumprimenta quando nós passamos pelos portões da propriedade de Jeremy e nos aproximamos da entrada de sua casa.

Há carros rodeando a entrada. Muitos carros. Os últimos raios do sol estão apenas se desvanecendo sobre o horizonte.

Luzes brilham através da janela. Eu vislumbro pessoas que se deslocam dentro. Homens e mulheres bem vestidos, em trajes luxuosos e requintados vestidos.

—Jeremy? — Eu pergunto, voltando-me para ele e sentindo um aumento da ansiedade dentro de mim. —O que é isto? O que está havendo?

—Não é óbvio? — Ele sorri. —Uma festa surpresa. Para comemorar o seu retorno seguro.

—Isto é para mim? — Eu digo, me sentindo um pouco enjoada. Parece errado, de alguma forma, ter tantas pessoas dentro da mansão de Jeremy. Parece como uma transgressão das regras vinculativas de nossas vidas. —Pensei que você não dava festas aqui?

—Você está certa. No passado, eu mantive para mim este lugar, — ele me diz. —Parcialmente para a privacidade, mas parcialmente por razões que são óbvias somente para você. —Ele olha para mim de uma forma que solidifica o significado de suas palavras.

Ele não dava festas aqui porque não queria que ninguém soubesse sobre o plano para me manter em cativeiro.

—Mas as marés estão mudando, Lilly. As Indústrias Stonehart são agora uma empresa pública. Eu pensei que encaixava comemorar a ocasião, e seu retorno à terra dos vivos, com algo parecido com isto.

—Mas eu não conheço ninguém...

—Não se preocupe. — Ele toca meu joelho. —Tenho certeza de que você vai ver mais do que alguns rostos familiares.

No minuto em que Jeremy e eu passamos pelas portas, somos cercados por um ataque de pessoas. É desorientador e confuso e barulhento. Isso me lembra

de nossa noite de gala, mas em uma diferente escala. O encontro aqui pode ser menor, apenas para alguns. Mas parece mais significativo por causa de onde isso está acontecendo.

O lobby da mansão de Jeremy foi transformado em uma enorme área de recepção. As mesas estão alinhadas com alimentos e aperitivos. Três mini-bares separados foram erguidos ao longo das paredes distantes. Os garçons e servidores e anfitriãs estão em toda parte.

Jeremy estava certo. Eu reconheço algumas dessas pessoas. Elas são todas das Indústrias Stonehart. Mesmo que eu não saiba todos os seus nomes, seus rostos são familiares. Todos os membros da minha equipe estão aqui. Nem um comentário sobre a minha ausência prolongada. Tudo o que eles dizem é que estão felizes em me ver novamente, que não podem esperar por mim para voltar, e para perguntar se eu vou voltar esta semana.

Não sei que história Jeremy disse a eles. Mas, acho que é quase fácil demais escorregar de volta para o ato que Jeremy me ensinou. Seja gentil, mas não comprometedor. Não se voluntarie na informação. Vire o foco para eles, longe de mim.

E assim, navegar pelo mar de estranhos e meios conhecidos torna-se algo que eu faço em piloto automático. Uma garçonete me entrega uma bebida. Eu pego. Jeremy me apresenta a alguns de seus colegas que eu não conheço. Saúdo-os e aperto as mãos.

Em suma, é uma festa mesmo se eu realmente não estiver lá. Como antes, exatamente como no evento, todo mundo quer conversar com Jeremy. Eles não poupam muito mais do que um olhar cortês para mim.

Eu não sei quanto tempo passo com Jeremy me mantendo ao seu lado. O meu copo de vinho tem sido recarregado mais do que algumas vezes. Rostos e as vozes estão começando a se confundir.

—Jeremy, estou cansada, — eu digo quando nós nos encontramos em um raro momento de isolamento em um canto isolado. —Eu quero ir para a cama.

—Já? — Ele pergunta. —Eu pensei que você gostaria disso.

Eu dou de ombros. —Não é exatamente a minha praia.

Jeremy dá um sorriso secreto. —Para dizer a verdade, não é a minha também. Eu prefiro ficar sozinho... com você... —Sua mão acaricia a lateral do meu estômago. —... no nosso quarto, no andar de cima...

—Então, acabe com isso, — sugiro. —Acabe a festa. Diga a todos para irem para casa. Você é o anfitrião.

—Como o anfitrião, — diz ele tristemente, — Eu ainda tenho certos deveres a cumprir. Mas por que você não vai lá em cima? Vou ver se eu não posso chegar lá em breve.

Eu hesitei. Eu não saí do seu lado durante toda a noite. —Tem certeza? — Pergunto.

—Definitivamente, — diz ele, beijando meus lábios. —Eu posso controlar. E se você está cansada, não quero mantê-la aqui... —Ele abaixa a voz e me olha com indizível convicção. —... contra a sua vontade.

Minha cabeça está girando por excesso de bebida para entender o perigo dessas palavras.

—Boa noite, então, — eu digo, — até que eu o veja novamente.

—Não deve ser mais do que um par de horas, — Jeremy promete.

Eu passo por ele e caminho pela multidão. Ouço murmúrios que emudessem quando eu passo. Sussurros e palavras furtivos. Eles estão falando de mim?

Pare com isso, digo a mim mesma com firmeza. Você está se tornando tão paranoica quanto Paul.

E, naquele momento, como uma aparição subindo da cripta, eu o vejo diante de mim.

Exceto que ele não está sozinho. Minha mãe está lá ao lado dele. Eles estão falando, falando, rindo... como se nada estivesse errado.

Eu pisco, e a ilusão se quebra. Paul não está aqui. O homem que eu tinha confundido com ele está falando com sua esposa. Casal bonito...

Jesus Lilly. Obtenha a cabeça no lugar! Eu me repreendo, trazendo uma mão à cabeça. Por que Jeremy traria Paul aqui?

Ruídos e vozes ao meu redor assaltam meus sentidos. É de repente demais. Existem muitas pessoas, muitos sons, muita comoção. Eu cometi um grave erro ao deixar o lado de Jeremy. Ele era minha âncora. Sem ele, eu estou perdida.

Eu olho para trás por cima do meu ombro. Mas o lugar onde eu o tinha deixado está vazio. Ele se foi.

Mais uma vez, eu estou cercada por todas as vozes. Todas as pessoas. Alguém está tentando conversar comigo. Estou vagamente consciente disso. Murmuro algo de volta, alguma desculpa que dificilmente parece plausível mesmo para os meus próprios ouvidos. E então eu fujo.

Eu fujo para escapar de todas as vozes. Eu fujo para escapar de todo o barulho. Eu fujo, porque estar em torno de tantas pessoas, em um lugar onde eu tinha estado sozinha por tanto tempo, em um lugar onde eu tinha vislumbrado o canto mais escuro da minha alma, parece pior do que o pecado mais grave.

Parece como um sacrilégio.

Eu corro pelos corredores, longe dos sons, longe do riso, longe da alegria. Sombras e figuras parecem aumentar nas paredes e pular em mim. Eu abro minha boca para gritar, mas nenhum som sai.

Eu estou frenética. Eu estou tonta. Estou com medo. Esta reação não é minha reação normal. Longe disso. Eu não sei o que está acontecendo, se é o álcool ou os danos cerebrais ou a imprevisibilidade absoluta do ambiente que me deixou delirante internamente como uma lunática.

—Lilly?

Uma voz na distância. Uma voz na escuridão. Uma voz que vem e puxa-me para fora da minha mente enegrecida de desespero. Eu paro, viro. Eu ouço a voz de novo, embora eu não possa me concentrar em sua fonte.

—Lilly, você está bem?

Passo a Passo. Vindo em minha direção. Meus olhos podem ver. Eu não estou cega. Mas meu cérebro se recusa a anexar significado para o imaginário. Mas ouvir? Eu posso ouvir. Eu posso ouvir muito bem.

Eu me apego a essa capacidade como uma mulher se afogando em um dispositivo flutuante.

—Lilly. Jesus! O que está acontecendo? Socorro! Alguém me ajude!

Estou na horizontal. Deitada em algo duro. Eu caí?

—Lilly, você deve aguentar. Agente. Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem. Socorro! Droga! Alguém me ajude!

Mãos. Mãos em mim. Mãos me tocando. Mãos segurando meus braços.

—Socorro! Socorro!

Os gritos estão se tornando frenéticos.

Por quê? Não há nada de errado.

Eu sinto uma paz tranquila sobre mim. Aquelas mãos... Elas vão me manter a salvo. Não vão?

Mais passos. Apressando-se para chegar mais perto. Eu posso sentir seu baque no chão. Estou no chão. Como eu cheguei aqui?

—... Eu não sei. Eu só a achei assim. Tudo por conta própria, sim...

É essa a primeira voz novamente. O pânico foi subjugado, mas não rejeitado. Há uma familiaridade nessa voz. Algo me diz que eu deveria saber isso.

E, em seguida, a partir de fora da névoa, minha visão limpa, e eu vejo claramente a cena diante de mim.

Tracy, a minha vizinha de cabelos loiros. Tracy está inclinando-se sobre mim. Há um homem ao seu lado. Alguém que eu não reconheço. Ela está segurando meus dois braços, e parece estar perto de entrar em pânico.

Eu franzo a testa. —Eu estou bem. — Eu mexo a boca com as palavras. Não há voz anexada. —Eu estou bem, — eu tento novamente. Desta vez, é mais do que um sussurro. —Eu estou bem, — eu digo mais uma vez.

Finalmente, as palavras deixam os meus lábios como eu pretendo que elas saiam. Tracy pisca, e olha para mim. Eu me esforço. Estou meio sentada no chão, com as pernas debaixo de mim.

—O que aconteceu? — Pergunto. Tenho a sensação estranha de que horas se passaram, ou nenhum momento em tudo.

Há pessoas correndo pelo corredor. Eu vejo todas. Eu não quero que me vejam assim. —Ajude-me, — murmuro.

Tracy se move para obedecer em um instante. Ela desliza um braço sob o meu ombro. Juntas, nós nos levantamos.

—Jeremy, — ouço alguém dizendo. —Temos que chamar Jeremy!

—Não, não. Eu estou bem, — eu digo. —Eu escorreguei. Isso é tudo.

Tracy olha para mim, incrédula. Então eu pego uma mudança em seus olhos de compreensão.

—Eu estava perto dela, — diz ela. —Eu vi o que aconteceu. Ela realmente apenas caiu.

—Ouvimos dizer que você pediu ajuda, — um homem comenta.

—Entrei em pânico. Exagerei. —Ela força uma risada. —Eu pensei que ela pudesse ter batido a cabeça e desmaiado.

Eu sinto uma multidão de olhos em mim. Eu os sinto me observando, esperando. Julgando.

—São estes saltos malditos, — murmuro. —Os homens têm realmente que parar de insistir que nós os usemos.

A tensão se quebra. Algumas pessoas riem. Outros se viram, percebendo que isto foi realmente nada mais do que um alarme falso.

Mas Tracy, segurando-me firmemente, sussurra: — Você não vai se afastar de mim tão facilmente.

Ela e eu encontramos um quarto tranquilo para discutir o que aconteceu.

—Eu vi você sair antes que eu tivesse a chance de dizer Olá, — ela me diz. —Então eu fui atrás de você. Eu ouvi que você estava falando com alguém. Eu pensei que havia um homem na esquina. Mas, quando cheguei mais perto, você estava sozinha.

Eu balancei minha cabeça. —Eu não me lembro de nada, — eu digo fracamente.

Tracy olha para mim, incrédula. Sua expressão está misturada com um pouco de... consternação. —Chamei seu nome. Você parecia assustada por ter me ouvido. E então você se virou, olhou para mim, e você correu.

Sinto-me, de repente fria, perdida, e muito sozinha. Novamente naquela ilha deserta da minha escolha.

—Então, o que mais? — Eu sussurro.

—Bem, eu fui atrás de você. Eu não gostei do que eu vi em seus olhos quando você olhou para mim. Era um olhar branco, vago. Quase como se você não soubesse quem eu era. —Ela joga o cabelo para trás. —E mesmo que havíamos nos encontrado apenas uma vez, eu tinha certeza de que você se lembraria de mim.

Eu dou-lhe um olhar inescrutável que a faz encolher de ombros. —Eu sou um pouco vaidosa, eu sei.

—E depois? — Pergunto.

—Você virou uma esquina. Eu não ouvi você cair nem nada. Mas quando eu encontrei você, você estava enrolada no chão. Você manteve murmurando, “Paul, Paul, Paul”.

Eu suspiro. —Não!

Ela franze a testa para mim. —Não o quê?

—Não, eu... eu não posso acreditar que eu fiz isso.

—Bem, você fez, — diz Tracy. —E isso me assustou. Pensei que estivesse tendo uma viagem ruim.

—Eu não uso drogas, — eu digo com firmeza.

Ela olha para mim com desdém óbvio. Ela acha que eu sou uma mentirosa.

—Vamos lá, — diz ela. —Eu não sou burra. Todo mundo que está dentro deste estilo de vida usa. É a única coisa que nos impede de ficar entediado.

—Bem, eu não uso, — eu reafirmo.

—Então me explique o que vi, — Tracy desafia. —Eu levei um tiro por você. Apoiei a sua pequena mentira sobre tropeçar e cair. Era óbvio que você não

queria ver Jeremy. O que mais poderia ser a razão? Você não quer que ele saiba o que aconteceu.

—Não, — eu digo. —Deve ter sido algo mais. Alguém colocou algo em minha bebida, ou... —Eu paro.

Ou eu realmente estou ficando louca.

—Ou o quê?— Tracy persiste.

Em seguida, seu comportamento amolece. Ela se senta ao meu lado e coloca uma mão no meu joelho. —Eu sei o que é isso, — ela diz suavemente. —É óbvio que você não nasceu para este estilo de vida. É excitante em primeiro lugar. Emocionante. Você acha que tem o mundo inteiro em suas mãos. Eu estou falando por experiência pessoal. Mas meu marido não tem sequer uma lasca do que Jeremy Stonehart tem. Nem um centésimo. Mas eu ainda me lembro dos primeiros anos que passei com ele. Tudo era maior que a vida. Era impressionante, espantoso... mas também esmagador.

—E está tudo bem se você ficar sobrecarregada, — ela me diz. —Contanto que você encontre alguma maneira de fugir disso. Você vai ver que o mundo não mudou tanto quanto você poderia ter imaginado no início. Os seus limites se alongaram. Mas, então, você se acostuma com eles, e se adapta mais uma vez.

Ela se levanta. —Talvez eu só esteja falando bobagem, — ela me diz. —Não há nenhuma razão para que você me escute. Mas se você precisar de alguém em quem você pode confiar? Alguém que você possa confiar? Bem, eu não estarei longe.

—E Lilly? — Ela acrescenta a passos de distância. —Eu sei como é isso para você. Realmente. É só no início. Se você precisar de uma amiga, bem, eu estarei esperando.

E com isso ela deixa a sala, como um rastro de fumaça espalhada pelo vento.

Capítulo Seis

Depois que Tracy me deixa, eu recuo para a marquise. Eu não estive aqui desde que Jeremy me deixou dormir em sua cama.

Eu gasto muito tempo olhando pela janela para o mar escuro. De certa forma, o retorno parece um pouco como o que Jeremy deve ter experimentado, entrando no loft de sua mãe. Nós dois fomos de volta para o lugar onde as coisas começaram. Ele, há muitos anos. Eu, apenas alguns meses.

Mas a distância que se estende por esse tempo, para mim, parece enorme.

Eu sigo a minha mão sobre a coluna de mármore solitária. Quantas noites eu passei no escuro com ele como meu único companheiro? Agora, ele se parece quase como um amigo perdido.

Eu ando para a borda do meu antigo perímetro. Quando eu olhava para a escuridão antes, o que eu imaginava estar atrás do véu enegrecido?

Amor? Vida? Ou era...

Insanidade?

Eu estou perdendo minha mente. Eu devo estar, pensando que eu posso amar Jeremy Stonehart. O episódio de hoje é outro vislumbre das águas envenenadas de minha mente.

Quem está em falta aqui? Jeremy? São essas visões, essas alucinações por causa da coleira? É o colar que fez Paul quem ele é? Ou foram as drogas?

Um ou outro, isso realmente faz diferença? Eu não preciso colocar a culpa. Eu preciso encontrar uma solução. A solução para corrigir minha mente.

Se ela ainda existe.

Agora esse é um pensamento medonho. Hoje foi a prova de que a história de Jeremy sobre danos cerebrais procede.

Há amor e há beleza. Tanto na vida quanto na morte.

Agora, eu sinto como se estivesse presa em um vazio, não muito lá e nem muito aqui.

A incerteza me assusta. As coisas que aconteceram na minha mente me aterrorizaram. Apenas quando eu pensei que estava segura, quando eu pensei que poderia finalmente fazer as pazes com esse Jeremy Stonehart e com o mundo em que ele me colocou, um episódio como este me deixa cambaleando.

É tranquilo na marquise. Até agora destacada do resto da casa, é impossível avaliar se os convidados ainda estão aqui ou se já saíram. Impossível, realmente, com a tranquilidade calma do mar, dizer quanto tempo passou.

Eu sinto outra presença na sala. Na verdade, eu venho sentindo por algum tempo.

Viro a cabeça ligeiramente, e eu o vejo, delineado no escuro. Jeremy Stonehart.

Eu olho para trás em direção ao oceano. Ele não mexe. Ele me olha, sozinha em meus próprios pensamentos. Eu sei que ele não vai vir para mim até que eu dê a minha permissão.

Outra eternidade passa. Eu sinto que estou testemunhando o trecho de uma vida. Finalmente, eu inclino minha cabeça, só um pouco. Seu braço vem ao redor da minha cintura.

—O que aconteceu com você hoje à noite, Lilly? — Ele pergunta baixinho.

Eu sinto a súbita vontade de chorar e dizer-lhe tudo: minha vulnerabilidade, minhas dúvidas consistentes. Os pensamentos e emoções conflitantes que arremessam pela minha cabeça. A maneira que eu posso amá-lo absolutamente em um momento e odiá-lo no próximo. A maneira que eu quero magoá-lo, realmente machucá-lo e fazê-lo sofrer da mesma forma que eu sofri. A desonestidade que eu abrigo. A teia de mentiras que a minha vida se tornou.

Eu quero chorar contra seu peito e confessar tudo. Eu quero senti-lo me abraçando, sentir sua forte voz ao lado do meu cabelo e ouvi-lo me dizer que tudo ficará bem. Eu quero ouvi-lo dizer-me o que eu disse a ele: que ele não está sozinho no mundo mais, que ele poderia colocar a sua confiança em mim, que eu vou estar lá para ele sempre.

Eu quero ouvi-lo dizer isso. Eu quero essas palavras e votos e promessas para mim.

Sem elas, eu estou quebrada. Eu estou me afogando em uma fossa de minha própria criação. Eu não culpo Jeremy mais. Eu tenho tido todas as

oportunidades para sair. Eu fiz a minha escolha. A escolha de permanecer com ele para sempre.

Mas a solidão que vem dessa escolha é quase irresistível. Ela está me sufocando, restringindo meus pensamentos e meus movimentos. Eu não estou presa na mansão de Stonehart mais, não. Eu estou presa em algum lugar muito pior.

Eu estou presa em minha própria mente.

—Lilly? — Jeremy pergunta. —Fale comigo. Não se cale. Conte-me o que aconteceu. Por que você veio aqui?

—Eles já foram? — Eu pergunto, evitando suas perguntas. —Os convidados ainda estão aqui?

—A festa já acabou há muito tempo, — diz ele. Ele pega a minha mão. — Sim, eles se foram. É por isso que não subiu? Eu esperei e esperei por você na cama, Lilly. Quando você não apareceu, eu tive que vir encontrá-la.

—Você sabia que eu estava aqui, — murmuro. —Você poderia ter me visto através de suas câmeras.

Jeremy recua um pouco. A luz pálida vinda das escadas deixa-me ver o suficiente de seu rosto para distinguir a preocupação. —Eu dei-lhes, — ele me diz. —Eu dei-lhes a você. Lembra-se? Eu não posso mais ver o que se passa na minha casa.

—Oh, — eu suspiro. —Está certo.

—Alguma coisa aconteceu depois que você saiu. Não é? —Jeremy insiste. —Conte-me.

Eu balanço minha cabeça. Eu não quero preocupá-lo com meus problemas. No momento, parece o melhor a fazer, mais seguro, mesmo para simplesmente fechar os olhos.

Eu aperto a mão e me afasto da janela. — Vamos para a cama—, eu digo.

Capítulo Sete

Na manhã seguinte, verdadeiramente e finalmente parece como a aurora de um novo dia.

Eu me sinto descansada e fresca e clara. A discórdia de ontem à noite é como uma memória distante. É alguma coisa que aconteceu há muito tempo atrás... com outra pessoa.

Estou ciente de que não é a atitude mais saudável de tomar. Mas eu me tornei a mestre da auto-ilusão. Esquecer-me das coisas dolorosas do meu passado apenas vem com o território de estar com Jeremy Stonehart.

Jeremy saiu para o trabalho sem uma palavra, obviamente. Eu odeio como ele pode acordar sem me despertar. Nenhuma vez eu o senti sair. É apenas uma daquelas coisas em que eu acordo, e poof, ele já se foi.

Acho uma nota curta dele, no entanto, dizendo que quando ele retornar hoje à noite nós vamos falar sobre o meu emprego nas Indústrias Stonehart e minha... capacidade para o trabalho.

A implicação ameaçadora está lá - que eu me tornei muito danificada para voltar a trabalhar - inquietante. Mas em vez de ruminar sobre isso e deixá-lo arruinar a beleza que está fora, eu a arquivo entre todas as outras merdas que eu me recuso a pensar... e saio para o sol.

A primavera na Califórnia é maravilhosa. As cristas frescas das ondas se chocam contra os penhascos e trazem uma aura encantadora para o dia. Vagando na floresta em torno da propriedade de Jeremy, eu perco a noção do tempo.

Somente quando o céu começa a escurecer e um vermelho escuro aparece, me atrevo a voltar para a mansão.

Acho Jeremy sozinho, lendo, na mesa. Ele parece arrojado em um terno cinza-prata radiante.

Ele olha para cima quando me ouve entrar. Ele sorri. —E aí está ela, — diz ele, com a simples sugestão de sarcasmo. —Finalmente se considerou pronta para me cumprimentar, não é?

—Jeremy, pare, — eu digo, sentando-me em frente a ele. Ele estende a mão e toca minha mão, apertando uma vez.

—Como você se sente? — Ele pergunta.

—Tudo bem, — eu digo rapidamente. Muito rápido. Muito automaticamente.

Ele franze a testa por uma fração de segundo. —Existe algo que você queira me dizer? — Ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça. —Não. Como está as Indústrias Stonehart? Eu estive pensando sobre a nota que você deixou. E se vou voltar para o trabalho...

—Tracy me contou como ela a encontrou, — Jeremy interrompe.

Meu coração para. A ilusão se quebra. E todos os traços de normalidade sumiram.

—O que ela disse? — Pergunto fracamente.

—Tudo, — Jeremy responde. —Ela me disse quando estava saindo na noite passada. Eu queria que você me dissesse. Mas eu não podia esperar mais. Este é um problema grave, Lilly.

Eu penduro minha cabeça com vergonha. —Eu sei, — murmuro. Mesmo que a simples admissão fez me sentir como se eu tivesse deixado Jeremy para baixo, de alguma forma.

—É um problema não por causa do que aconteceu, — continua ele baixinho, sua voz cativante chega a mim de modo estranho e calmante, — mas porque você não me contou.

—Eu não queria que você...

—O quê? — Sua voz é baixa, mas ele me corta tão claramente como se estivesse gritando. —Soubesse?

—Não, — eu balancei minha cabeça. —São se preocupasse.

—Duvidasse, você quer dizer, — diz ele. Ele está falando em um tom que é estranho aos meus ouvidos. Ele parece... inverídico, de alguma forma. Como ele estivesse no meio de um blefe que ele não quer inteiramente esconder.

—Como é?

—Eu sei que é por isso que você não me disse, Lilly. Você não quer manchar a minha impressão de você. O que me preocupa, porém, é como você pode ser tão míope.

Minha cabeça se vira para ele. —Do que você está falando?

—A mesma coisa que eu sempre falo. A única coisa que eu dou-lhe chance após chance de provar. A única coisa que você sempre não consegue fazer.

Minhas sobrancelhas sobem com o rumo que a nossa conversa tomou.

—Confiança, Lilly! — Diz ele depois de uma pausa longa. A explosão é cheia de exasperação. —Por que você acha que convidei todas as pessoas aqui na noite passada? Porque você acha que eu deixei você escapulir quando você quis?

—Eu não escapuli, — Eu o desafio, detestando aquela palavra. —Você me disse para ir!

—Você correu ao ver muitas pessoas.

—Eu estive ao seu lado por horas! — Meu temperamento com ele está se alterando. —Por que você não me diz o que está realmente acontecendo, Jeremy? Por que você não me diz o que você quer dizer, em vez de eu ter que adivinhar?

—O que eu quero dizer, — murmura Jeremy. Um breve sorriso tremula em seus lábios. —Tem certeza de que deseja saber, Lilly?

—Vendo como isso me diz respeito, sim, — eu começo. —Sim, de fato, eu quero!

—Muito bem. — Jeremy tira sua mão da minha e se inclina para trás. —O que eu quero dizer é o seguinte: eu não precisava de Tracy para me contar o que viu para saber o que aconteceu com você.

—As câmeras! — Eu suspiro. —Seu mentiroso! Você as manteve! Você nunca abandonou o controle.

Jeremy balança a cabeça. —Não. Eu não minto para você. Você é a única no controle da casa.

—Então o que... — eu paro. A descoberta horrível começa a afundar em mim. —Não, — eu digo a palavra em quase um sussurro.

Jeremy se inclina para frente, olhos brilhantes, ansiosos agora. —Não, o quê? — Ele pergunta.

—Não, você não teria, — eu digo. Eu me sinto tonta de novo, e não tem nada a ver com o suposto dano cerebral.

Tem tudo a ver com ligar os pontos, a ver quanta sabedoria estava escondida atrás das palavras de Tracy, com a realização das coisas que Jeremy nem sequer pisca em fazer, se o seu comportamento passado é qualquer evidência.

—Então, você sabe, — ele sorri. —Bom para você.

—Eu não sei de nada! — Eu grito. Eu estou ofegante, na fronteira com frenética. De repente, o fato de que eu acabei na marquise na noite passada parece muito conveniente.

—Mas você sabe, — Jeremy revela um sorriso cruel. Um olhar de triunfo absoluto é estampado em seu rosto. —Conte-me. Diga-me o que eu fiz.

—Você... você me drogou, — eu suspiro.

E o sorriso único de Jeremy se aprofunda. —Foi apenas um teste, — diz ele.

Capítulo Oito

—Um teste! — Eu surto, o sangue ferve. Eu procuro algo para jogar nele, e para o inferno com toda a propriedade. Não encontrando nada, eu contento com apenas bater a minha cadeira no chão. —Um teste! Como você pôde, Jeremy? Oh, mas eu sei muito bem. Você é o homem que o faz. Não é? Você e essa sua merda de mente maliciosa. Você me fez acreditar que você me ama? Como? Por quê?

—Acalme-se agora, Lilly. — Jeremy conseguiu o que queria, e agora ele é a própria imagem do frescor e placidez. —Você está fazendo uma cena.

—E como você acha que eu iria reagir? — Eu guincho para ele. Estou com tanta raiva que eu poderia arrancar os olhos dele. Ele nem sequer suspeita do perigo físico que ele está correndo neste momento. Ninguém suspeita. Se eu tivesse uma faca de bife, eu não hesitaria em correr para ele.

—Eu estava esperando que você fosse mais compreensiva, — diz ele. Sua voz é cheia de zombaria e calor. —Mas eu não apostaria nisso.

—Não me diga que você não o fez! Você me drogou. Mais uma vez. Uma e outra vez e outra vez você fez isso! Isso é um jogo para você. Não é? Apesar de seus sentimentos, apesar de tudo o que você confessa, suas promessas nunca irão ascender a algo mais!

—A vida é um jogo, — ele me diz. —Há vencedores e há perdedores. Depois, há as pobres almas presas no meio.

—E onde eu estou, hein, Jeremy? Onde estou em sua avaliação torcida das coisas? Onde eu subsisto?

—Vertiginosamente perto da borda, — murmura Jeremy. —Infelizmente, você só tem a se culpar.

—Você está errado! — Eu aponto o dedo para ele. —Eu tenho você para culpar, Jeremy, por tudo e qualquer coisa que aconteceu comigo desde que você roubou minha vida!

—Eu lhe dei uma melhor! — Ele se levanta. Mesmo com a mesa entre nós, ele paira sobre mim como um titan. —Eu dei-lhe uma melhor, Lilly, contra toda a minha vontade, contra todo o meu julgamento e todos os meus planos. Eu dei-lhe

uma melhor por causa do efeito que você teve em mim. Eu dei-lhe uma melhor. E o que eu recebo em troca? Mentiras! Engano! Infidelidade!

—Infidelidade? — Eu engasgo. —O que diabos você está falando?

—Sobre todas as coisas que ainda me esconde, Lilly. Todas as paixões secretas que você suporta. Tudo o que você mantém dentro de si mesma, não importa o quanto eu tenho compartilhado com você. Não importa o que eu tenho revelado.

— Tudo o que você revelou, — eu quase cuspo—, é o quanto você cobiça controle. De como imutável você realmente é.

Eu me afasto.

—Não, — Jeremy rodeia a mesa e agarra meu braço me puxando de volta.

—Solte-me!

—Eu não vou, — ele rosna. —Você não vai virar as costas para mim de novo, Lilly, ou que Deus me ajude...

—Ou o quê? — Eu atiro de volta para ele. —Você vai me colocar no escuro?

Seus movimentos de mão são tão rápidos que eu não tenho tempo para reagir. Tudo o que sei é que, em um minuto eu estou de pé, e no próximo estou amassada no chão. Toda a metade esquerda do meu rosto está dormente. Eu sinto gosto de sangue.

—Levante-se, — Jeremy diz. Ele me pega, mas me joga na cadeira virada para cima. —Sente-se. Eu avisei antes, Lilly. Você não vai fazer tais acusações vis de mim novamente.

Eu estou tremendo, tremendo enquanto me endireito e me sento na cadeira.

Eu te odeio, é tudo que eu posso pensar. Eu te odeio. Eu te odeio. Eu te odeio.

Eu olho para ele com os olhos inchados. A dor está irradiando do meu rosto para baixo para o resto do meu corpo. Ela se mistura com adrenalina, com a resposta de luta ou fuga falha que me deixou congelada no lugar. Congelada em indecisão.

—E agora vamos conversar, — ele me diz. Ele arrasta outra cadeira perto da minha e se senta nela, com as mãos nas costas. —E tudo vai sair, Lilly. Tudo. Toda a verdade. Porque se tentar me enganar de novo..., — ele flexiona o punho e olha para ele, — até mesmo eu não quero imaginar o que pode acontecer.

E ele está de volta, eu acho que amargamente. Stonehart está aqui em carne e osso.

Levou apenas uma única provocação da minha parte.

—Agora, — diz ele, inclinando-se perto de mim. Eu posso sentir sua respiração no meu rosto e eu o odeio mais por isso. —Eu vou fazer-lhe a cortesia de explicar as coisas da minha perspectiva. Então você pode ver as coisas como eu as vejo, e não me julgar, mas a si mesma, aos meus olhos.

—Porque você, querida Lilly, é inteiramente culpada por tudo que se abateu sobre você.

—Tudo começa com a sua atitude em relação a mim. Eu sei que você promove pensamentos venenosos. É natural. Eu sou o monstro que arrancou você de sua vida. Não sou? Eu sou aquele que aprisionou seu pai, que colocou Conner na vida de sua mãe, que a acompanhou por tantos anos até que as coisas finalmente caíram para a sua conclusão natural.

—Mas essa conclusão era apenas um começo. Não era? Sua entrada na minha vida mudou as coisas. Coisas que eu nunca imaginei que aconteceria. E isto... —Ele toca meu rosto inchado, quase com ternura agora, enquanto eu olho para frente, evitando seus olhos. —... esta é a consequência infeliz do que você me faz fazer.

—Você me incendeia, Lilly, — ele sussurra, sua voz baixa e rouca. —Você constrói tanta paixão em mim, como um vício, que eu nunca consigo desviar o olhar. Isso é onde estamos agora, minha querida. E..., — ele agarra as raízes do meu cabelo em um punho apertado para forçar meu ouvido aos seus lábios. — Temo que a única saída que você tem é a gloriosa perspectiva da morte.

—Você vai me matar, — eu digo sem rodeios, recusando-me a deixar até mesmo um pinga de emoção entrar na minha voz.

—Gah! — Ele cospe e se afasta. Eu suspiro quando a dor na parte de trás da minha cabeça se evapora.

—Não, eu não vou matar você, Lilly. Quem você acha que eu sou? —Ele está andando de um lado do quarto agora. Eu vejo sua forma intermitente da minha visão periférica.

—Então o quê? — Eu levanto o meu queixo. —Vai me drogar mais e mais até que eu não seja nada mais do que um cadáver vivo? Algo quente para você manter o seu pau dentro?

—Não, — ele adverte.

—Não o quê? — Eu fico de pé e me volto para encará-lo. —Não te dizer o que eu acho? Eu pensei que este debate começou por causa da honestidade. Bem, como é esta honestidade para você? —Eu aponto em minha bochecha. —Eu vou para o trabalho amanhã, e eu estou usando isso como uma medalha de honra. Se alguém perguntar, eu vou dizer-lhes a verdade. Eu vou dizer que você fez isso. O que acontece em seguida, eu não sei, mas será sua merda para lidar.

—E o que te faz pensar que você ainda tem uma posição, — Jeremy pergunta. —Dentro da minha empresa?

—A tinta da minha assinatura no contrato de trabalho, Jeremy. Ou será que você o queimou como o outro?

—Ah, mas você não conseguiu ler nas entrelinhas, minha querida. Seu contrato durou apenas até o dia em que minha empresa veio a público. A renovação foi deixada em minha discrição.

—O que ele dá, ele tira, — cito sarcasticamente. —Gostaria de dizer que estou surpresa, mas eu não estou. Bem. Eu não vou para as Indústrias Stonehart. Eu vou para a polícia.

—Oh, não os policiais, — Jeremy agita as mãos em um gesto infantil, gesto de medo. —Olhe para mim, eu estou tremendo. —Ele para e dá em cima de mim, os olhos duros como safiras. —Por favor. Você e eu ambos sabemos que essa é uma ameaça vazia. Você não arriscaria o que você construiu aqui.

—Olhe-me, — eu digo. —Eu não sou mais sua prisioneira. Eu sou uma mulher livre, como você disse. Ou esse direito também foi revogado?

—Nada foi revogado, Lilly, — diz Jeremy. —Nada mudou mesmo. Eu ainda sou o homem por quem você estava apaixonada ontem. E você..., — diz ele. Suas mãos estão sobre a mesa, e de repente ele parece extremamente triste. —Você ainda é minha preciosa Lilly-flor.

A mudança de comportamento voa para longe tão rapidamente quanto chegou. Quando ele olha para mim de lado, seu rosto é uma máscara perfeita, desprovida de emoção.

Eu rio. Eu não rio de humor, mas de despeito. Eu rio porque uma histeria frenética me enche. As contradições. Os humores inconstantes. A instabilidade.

O caos absoluto e imprevisibilidade que é Jeremy Stonehart.

Ele olha para mim, esperando pacientemente meu ato terminar.

Eu continuo rindo. Eu não sei de onde vem. Mas ele continua a me encher, continua a aumentar a partir da profundidade de meus pulmões.

É o riso de uma mulher desesperada, ou de uma meia louca? Essas distrações significam pouco para mim, neste ponto. Não importa o que eu faça, não importa aonde eu vá, minha vida será sempre comandada por Jeremy Stonehart.

Esta noite, ele provou isso.

—Você terminou? — Pergunta ele, finalmente. Ele soa irritado. Talvez meu riso tenha penetrado através da fachada e realmente chegado até ele.

—Você me leva a estes lugares, Jeremy. Eu sou nada além de um passageiro involuntário.

—Poético, — diz ele. Ele sorri para mim de uma forma que, por um segundo, faz o seu rosto parecer com o de um cadáver animado. —Mas longe do ponto.

—Então qual é o ponto, Jeremy? Que você é muito insano? Que eu sou muito provável, também? Tem que ser loucura, que me mantém ligada a você por tanto tempo, depois de ter cortado os laços.

—Não. — Ele balança a cabeça. —Não é loucura, Lilly. Você é muito jovem para entender. Você não pode apreender o conceito de tudo. É amor. Inegavelmente, amor.

—Não pode ser amor, — eu digo em voz alta: — Se eu decidi que eu já te odeio.

—Paixões fortes são evocadas a partir dos mesmos sentimentos—, ele me diz. —Você diz que é ódio hoje. Mas ele vai se transformar de novo em amor amanhã. É assim que essas coisas são.

—Você acha que é um ciclo? — Eu zombo. —Você acha que eu vou voltar a te amar assim como a volta de uma roda? Que é perpétua?

—Não, — diz Jeremy. —Eu não diria que é um ciclo.

—Então o quê?

—Falso conhecimento.

Eu estreito meus olhos para os dele. O latejar da minha bochecha parou. Eu não sinto mais o gosto de sangue.

Eu acho que ele ia me bater menos duro do que eu pensava. Certamente não com toda a força. Acho que senti mais o choque dele do que o golpe físico real. E o sangue? Isso só aconteceu quando eu mordi a língua. Não totalmente culpa dele.

Eu ouço-me tendo estes pensamentos, e pergunto: Será que é loucura absoluta? Estou realmente justificando apanhar?

Mas as palavras que nós estamos compartilhando agora? Essa conversa que estamos tendo? Isso está me acalmando, de alguma forma. Isto parece civilizado, quase, porque é isso o que realmente é.

Além disso, ele despertou minha curiosidade. —O que você quer dizer com “falso conhecimento”?

—É simples, — diz Jeremy. —Você tem esses sentimentos que flutuam ao redor dentro de você. Muitos deles, a maioria deles? Diretamente para mim.

—Seus sentimentos dão origem a suas paixões. A intoxicação que você sente quando fazemos amor. A raiva quando você acha que eu fiz algo errado. A emoção de discutir comigo, ultrapassando um nível verbal.

—Eu não...

—Não negue. Você estaria fazendo uma injustiça. Eu sei a verdade desses sentimentos, porque eles são espelhados em mim. Você é a única que jamais foi capaz de fazê-los sair.

—Não há nenhum ciclo, Lilly. Basta escolher anexar palavras para estas coisas que você sente. Ódio? Amor? Ambos estimulados pelas mesmas emoções. Ambos capazes de fazer você fazer coisas extraordinárias. Isso é a deficiência da linguagem humana. Isso tenta encapsular todos estas emoções borbulhantes em pequenos pacotes que podem ser rotulados. É a falácia do pensamento ocidental. Isso tudo tem um significando. Que deve ser definido. Que deve ser dissecado peça por peça.

—Mas os sentimentos que você e eu temos um pelo outro? Os que compartilhamos? Eles estão além de definição. Eles estão além do significado. Eu sinto um imenso amor só em olhar para você, Lilly, como você está, com raiva e fico puto comigo tanto quanto você. E você, sentada no lado oposto do espelho, deve sentir nada, além de ódio.

—É aí que reside a verdade do nosso relacionamento. Que algo tão feio pode dar origem a algo tão belo. Eu estou encantado por você, Lilly, em todos os seus estados. Eu provoço alguns deles. Eu brinco com você em outros. Eu faço tudo pela razão egoísta que eu quero experimentar você e tudo que você tem a oferecer. Não a vida, Lilly. Eu já experimentei a vida. Não a vida, mas... você.

—Essa é a nossa tragédia. Que eu e você nunca poderemos nos mover para além deste ponto. De certa forma, nós estamos presos juntos por causa do que eu te fiz passar. Por causa da atração que você exerce sobre mim. Porque eu não sei de nenhuma outra saída para o meu amor.

—Você é tudo o que tenho e tudo que eu quero. Eu tentei empurrá-lo para longe, quando eu pensei que era o melhor para você, quando eu achei que você poderia assumir a liderança, mas cada vez, você recuperou de volta. É assim que eu sei que o que temos é mais do que meras palavras. Amor, ódio? Palavras frívolas. Definições frívolas. Esta coisa entre nós, essa coisa que eu sei que você sente, transcende tudo isso.

—Isso é besteira completa, — murmuro, mas sem muita convicção. Minha cabeça está nadando com as possibilidades. E se Jeremy estiver certo? E se essa é a verdadeira razão que eu escolhi ficar?

—Eu estou certo, você sabe, — diz ele.

Eu percebo que eu falei minhas dúvidas em voz alta. Eu suspiro e cubra a boca com as duas mãos.

Jeremy se senta em seu banco de origem por trás da mesa. —Você sabe, — diz ele, —é uma coisa boa que Charles é surdo, ou então ele estaria a par de todas

as nossas palavras. Nós não podemos deixar esta discussão sair dessa pequena sala agora, podemos?

Ele olha para o som de aproximação passo a Passo.

—Ah, — ele diz, dando um sorriso gracioso Charlie. —O jantar está servido.

Capítulo Nove

Eu mastigo sem sentir o gosto. Meus pensamentos estão muito tumultuados para apreciar a comida.

Jeremy Stonehart é uma maravilha absoluta. A crueldade, a reflexão, a filosofia bonita contida dentro de um único homem. É espantoso. Quanto mais eu reflito sobre isso, mais eu vejo que ele está certo. Amor e ódio são apenas palavras. Os sentimentos que dão origem a eles são assustadoramente semelhantes.

Então, é por isso que eu achei tão fácil amá-lo? Todos esses sentimentos de ódio vêm sendo construído em direção a ele o tempo todo? Só que eles não eram ódio, como ele disse, mas sim paixão. Paixões evocadas em mim. Algumas das quais eram assombrosamente belas, outras irritantemente dolorosas. Mas elas eram paixões do mesmo modo. É assim que ele afundou suas garras em mim.

A apatia seria melhor. Apatia me daria a distância necessária para a vingança. Mas agora eu procuro algo maior do que isso. Algo mais esclarecido. Algo absolutamente mais gratificante:

Entendimento.

—Por que você me drogou? — Pergunto. É a questão que está a ser construída.

—Para lhe dar uma chance de vir a mim, — diz ele.

Eu balancei minha cabeça. —O quê?

—Para ver se eu ainda sou o confidente que eu preciso ser para você.

—Essa é uma maneira distorcida de ver as coisas, — eu digo. —E o seu veredito?

—Eu não sou. — As palavras têm um toque de remorso. Mas ele sorri. —Eu não posso ajudar, mas sinto que meu comportamento de hoje nos põe de volta alguns passos.

—Você pode dizer isso de novo, — murmuro, escolhendo a minha comida.

—Lilly, — a voz de Jeremy me faz olhar para cima. —Você ainda está linda. Sinto muito por bater em você. Eu não acho que haverá uma contusão.

Eu trago a minha mão para sondar minha bochecha. O inchaço de tudo desapareceu. Não parece quente ao tocar mais.

—O que posso fazer para você me perdoar? — Ele pergunta.

—Nada, — eu suspiro. —Você não pode fazer nada, Jeremy. É quem você é.

—Eu não gosto de vê-la tão melancólica.

—Bem, você promoveu esse sentimento. Você não vê? — Pergunto.

Agora foi a sua vez de suspirar. —Eu não posso me conter. Se você soubesse como eu fui criado...

—Por favor, — eu o interrompi. —Não culpe sua educação para o que você faz. É impróprio. E isso é o contrário de você aceitar tão facilmente o destino.

Ele balança a cabeça um pouco. —Você me confunde. Não se trata de culpa. É sobre a compreensão. Você é a única pessoa que eu posso admitir isso. Eu contei a história de como eu encontrei a minha mãe quando eu era garoto. A violência doméstica me perturba mais do que você sabe. Muito, muito mais do que eu deixe transparecer. Isto provavelmente soa tão perversamente hipócrita, considerando tudo o que eu fiz a você. Mas é muito verdadeiro.

—Um sentimento bom de ter, — eu digo, — especialmente se isso ajuda a manter a consciência limpa.

Ele faz uma carranca. —Minha consciência está longe, muito longe de limpa, Lilly. Você deveria saber. Eu não sou cego para que eu sou ou o que eu faço. O que eu fiz. Eu não estou falando só para você, ou qualquer um, mas sobre as coisas que eu venho acumulando toda a minha vida. O caminho para o topo não é fácil, Lilly, e não é pavimentado em ouro. Ele está cheio com os ossos de todos aqueles que tentei chegar lá e não consegui. Às vezes, você encontra corpos em decomposição ao longo do caminho, ainda meio vivo, implorando por água ou comida ou apenas um fim. Eles chamam você, eles puxam você, tentam lhe levar para o subterrâneo profundo para que eles possam triunfar em pelo menos uma coisa: em sua destruição.

—Que imagem forte e agradável, — murmuro.

—E então você encontra aqueles que estão totalmente vivos, que não podem subir ainda mais, mas ficam no seu caminho e de seus objetivos. Não há caminho de volta para eles. O único caminho para o topo é através de sua batida de coração. A esses, — diz ele, — você não tem escolha, apenas esmagar.

—Jeremy? — Pergunto. —O que deu em você?— Eu não gosto muito dele falando sobre esses termos metafísicos, especialmente em um homem tão corajosamente prático.

—Oh? — Ele olha para cima de seu devaneio momentâneo. —Não é nada. Estive lendo muito. Ann Rice.

—Huh? — Eu digo, confusa. —Desde quando você lê ficção?

—Raramente, — ele me diz. —Minha mãe costumava amar esses livros, no entanto. Visitar nossa velha casa nas montanhas me fez querer fazer algo que me faz lembrar dela.

—Como você faz isso? — Eu me pergunto. —Como é que você pode ser tão frio e distante em um só fôlego, e no próximo, fazer-se de modo muito humano?

—Uma parte inabalável de minha condição. — Ele sorri novamente. —Eu amo como você acha que é tão reconfortante.

—Eu só estou tentando entender você. Isso é tudo.

Jeremy dá uma risada. —Hah! Psicólogos teriam um dia de campo comigo. Boa sorte. Eu não acredito muito em dizer que você precisa de mais do que está disponível neste mundo.

—Eu pensei que você não acreditasse na sorte, — Eu o lembro.

Agora seu sorriso absolutamente pisca. —Eu não. Essa foi a minha maneira de dizer que a sua teoria tem ingredientes de uma impossibilidade.

—Não, eu não penso assim, — eu digo. —Eu já sei mais sobre você do que você pensa.

—Oh? — Ele soa curioso. —Me esclareça.

—Você tem um complexo de superioridade, — eu digo. —Mas é de um tipo especial porque é realmente totalmente justificado. Você não é um daqueles loucos delirantes que se proclamam para ser o melhor e firmemente acreditam nisso. Você tem a prova objetiva.

Ele dá de ombros. —Qualquer um de meus parceiros de negócios poderia ter me dito isso.

—Sim, mas eles não sabem de onde vem, Jeremy. Eles não saberiam a causa raiz.

Ele se inclina para mim. —E você sabe?

—Eu estou trabalhando nisso, — eu digo. —Acho que se trata de um lugar de saudade. Eu lhe disse antes que você precisa ser espectador. Que tudo o que fazemos tem que ser maior que a vida para que você possa ser um espetáculo.

—Eu retiro o que disse agora. Você não precisa ser um espectador. Você precisa ser aceito. Tudo começou a partir de sua infância. Seu pai desprezou você. Seus irmãos não fizeram muito melhor. Apenas sua mãe lhe deu amor. Mas o amor de um pai solteiro não pode ser suficiente, especialmente se contrariado por apatia e ódio a partir do outro.

—E assim que você colocou isso em sua mente, você teve que provar a si mesmo. Não apenas diante de seus irmãos e pai, mas diante do mundo todo.

—Nisso, você conseguiu. Para usar o seu termo: tão incrível. No entanto, isso não foi o suficiente, não é? Você ainda se sentia vazio e oco por dentro.

Jeremy está começando a carranca. Este é um tema desconfortável para ele. Eu estou cortando muito perto do osso? Pode ser.

Eu continuo rapidamente:

—Você disse que isso é o que faz com que você persiga mais riqueza, quando já tiver clareza suficiente. Você disse que era o dinheiro que impulsiona você. Que você nunca pode ter o suficiente. Que você sempre precisa reivindicar mais para se sentir como você estivesse se movendo para frente. A fim de sentir que você está progredindo com sua vida.

—Mas eu não acho que isso é inteiramente verdade. Na verdade, eu sei que não é. Em algum lugar, em algum lugar bloqueado dentro no fundo, eu acho que você sabe disso, também.

—Chega, Lilly, — diz ele. —Eu não quero que você perpetue essas coisas. Elas não são verdadeiras. Mas você vai fazê-los parecer assim em sua mente se você deliberar sobre eles por mais tempo.

—E elas te assustam! — Eu o cortei. Eu sei que eu estou empurrando minha sorte agora. Mas eu não posso parar. Isso vai acabar em qualquer um desastre glorioso ou um sucesso maravilhoso. —Elas assustam você, porque você não pode controlá-las, Jeremy. Você não pode lançá-las fora de sua mente como você faz com tudo. Elas desafiam o controle. E as coisas que você não pode controlar, em sua própria cabeça, no mais privado dos oásis, fazem você se sentir assustado.

Jeremy bate a mão na mesa, fazendo a louça saltar. —Eu disse, chega!—Ele rosna para mim.

—Eu tenho um ponto, — eu digo, recusando-me a recuar agora que eu vim de tão longe. —Você vai me deixar fazer isto?

Ele hesita. Eu o tenho viciado. Eu o deixei curioso. Finalmente, ele dá um aceno duro de cabeça.

—Mas, — ele me corta antes de eu começar a falar, e levanta um dedo. — Mas, Lilly, saiba que você está entrando em águas perigosas. Estou te avisando.

—Eu sei, — eu digo. —Apenas ouça. Meu ponto é este: Esses sentimentos de inadequação, de autodúvida? Não importa quão pequeno você os fez, não importa o quanto você luxuriou no sucesso externo, eles nunca vão embora. Você não pode esmagá-los. Você não pode lançá-los de lado. Esses sentimentos foram desenvolvidos em seus anos formativos, quando você era apenas uma criança. Eles cortaram a sua alma e definiram tudo o que você faz. E eu odeio dizer isso, Jeremy, mas eles vão ficar lá para sempre. Você não pode mudar a impressão do mundo, nem o seu lugar nele, que se formou quando você era uma criança. Leva até sete anos de idade para as crianças desenvolver a sua própria autoconsciência completamente independente. Antes disso, tudo o que elas sabem é definido por sua mãe e seu pai, ou quem quer que os crie.

—E você está declarando isso como verdade? — Jeremy pergunta. —Você acha que uma explicação tão simples pode definir tudo o que eu tenho dentro de mim? —Ele se inclina mais perto. —Você não está dentro da minha cabeça, Lilly. —Ele bate na pele esticada de sua testa. —Você não sabe o que realmente se passa por aqui.

—Não, mas eu tenho chegado mais perto do que a maioria, — eu digo. —E sim, eu acho que uma explicação como essa abrange quem você é. Navalha de Occam, Jeremy. As explicações mais simples são muitas vezes aqueles com mais verdade.

—Então essa é a sua impressão sobre mim, não é? — Ele pergunta. —Que eu sou um escravo de minha infância?

Eu o perturbei. Eu posso dizer. Mas é tarde demais para mudar de rumo. E este não é o tipo de raiva que pode levar à violência física.

Espero.

—É psicologia humana, Jeremy, — eu digo, suavizando a minha voz. — Mesmo que você não esteja imune a ela.

Ele zomba. —Então é isso que eles te ensinaram na Universidade de Yale? Como psicanalisar alguém com tal convicção?

—Ei, você não é inocente disso! — Eu me oponho. —E sobre tudo o que você me contou sobre as cicatrizes do meu passado? Sobre certas coisas provocando recaídas? Se isso não é a psicanálise, eu não sei o que é.

—Isso, — diz Jeremy com dignidade surpreendente, — era diferente.

—Oh? Como assim?

—Não veio de um livro didático, Lilly, mas a partir de experiência de vida.

—E que de alguma forma lhe diz mais sobre o mundo? Como? Porque você é o único com o veredito final?

—Parcialmente, — diz ele. —Mas também porque eu não posso suportar a ideia de algo tão grandioso, tão admirável como a vida humana a ser destilada em pequenas definições fragmentadas sobre as origens do comportamento subjacente.

—Essa é uma forma grosseira de olhar as coisas.

—Não é.

—É sim! E absolutamente não condiz com o trabalho que os outros fizeram antes de você. Você não pode saber tudo, Jeremy.

—E você? — Ele pergunta baixinho. Ele pega a taça de vinho.

—E quanto a mim, o quê? — Pergunto.

—Onde você se coloca nesta sua definição apertada e pequena? Para mim, você ainda é e continuará para sempre sendo... —Ele faz uma pausa, e então dá um sorriso carinhoso. —Um completo mistério.

Capítulo Dez

Nós deixamos cair o assunto após a declaração final de Jeremy e terminamos o resto do jantar em contemplativo silêncio.

Eu sou pega pensando em todas as coisas que Jeremy prometeu fazer e nunca fez. Ameaças e outras alusões a tal, principalmente.

Após o jantar, vamos lá para cima, juntos. Ele age como se nunca tivesse me batido. Eu acho isso perturbador.

—Lilly? — Diz ele, pouco antes de desligar a luz. —Eu renovei seu contrato de trabalho, só para você saber. Se você cobrir-se adequadamente, pode vir trabalhar amanhã.

Eu escorrego para fora da cama uma hora depois que Jeremy adormece e vou ao andar de baixo.

Ele não me tocou uma vez. Talvez ele sentisse que eu não estava de bom humor. Talvez, mais provável que sim, ele não quis tentar intimidade física logo depois de me golpear. Isso iria fazê-lo se sentir como muito de um retorno aos velhos tempos.

Eu ando pela casa vazia. Eu nunca gostei da esterilidade gritante do lugar. É bonito, com certeza, com todos os móveis dispostos habilmente, os quartos na posse de mais daquelas pinturas abstratas em preto e branco que cobrem as quatro paredes da marquise. Mas não há vida em qualquer lugar. É como uma exibição monstra. Cuidado, com cuidado, mas sem afeto.

Isso se encaixa em Jeremy Stonehart: quem ele era, quem ele é. Mas agora que esta é a minha casa, também, não se encaixa a mim.

Minha mente vibra. Pensamentos frívolos. Estou me distraíndo das coisas mais importantes que eu preciso pensar.

Tais como a capacidade contínua de Jeremy me tratar como pouco mais do que um experimento científico. Um espécime estranho ao ser picado e cutucado de longe só para avaliar sua reação.

É quase como se, nesses momentos, ele nem sequer me considera humana. Talvez isso não seja muito surpreendente. Jeremy desassocia a humanidade de muitas coisas. Isso tudo não é perturbador, mesmo contra o pano de fundo do amor.

Não, o que é preocupante e desconcertante é que ele parece não ver nada de errado com isso.

Isso faz dele impossível de prever. Não que Jeremy mantenha uma definição, mas a sua falta de preocupação é assustadora. Isso significa que eu vou ter que estar constantemente em guarda com ele.

Torna-se uma relação que não se pode ser nada, além de cansativa.

Se o nosso passado comum não existisse, Se ele nunca tivesse me sequestrado e me submetido aos horrores de que Stonehart era capaz, -se tivéssemos acabado de nos conhecer, por exemplo, exatamente do jeito que dissemos a Fey e Thalia, eu ainda estaria aqui? Será que eu estaria com um homem que é tão absolutamente inconsistente?

Não.

Não, e isso faz a maior ironia de tudo. Não é o acesso à riqueza ou um estilo de vida luxuoso que me faz suportar. Não é o sexo incrível. Não é nem mesmo a promessa de um futuro juntos, do casamento e crianças e...

Eu paro. Crianças com Jeremy Stonehart? Completamente inconcebível.

Mas mesmo assim. Que torções de lógica, que tipos de falácias devo abrigar para compreender e até mesmo aceitar que a razão que eu me sinto tão ligada a Jeremy vem das coisas que ele fez para mim no escuro?

Estranho como a vida acontece às vezes.

Eu preciso colocar um fim a isso, de alguma forma. Eu preciso colocar meu pé no chão e dizer-lhe que me tratar como um rato de laboratório é inaceitável. Caso contrário, a todo o momento em que eu passar em torno dele será como caminhar sobre cascas de ovo. E isso não é maneira de viver.

Além disso, eu não deveria ter algo a dizer sobre o que acontece com o meu corpo? Eu não deveria ser capaz de decidir, por mim, quais substâncias passarão pela minha garganta?

Ele me drogou para ver se eu iria a ele. Isso é loucura completa. Isso mostra tão impressionante falta de compaixão. Tal desrespeito irreverente por quem eu sou. Isso não pode vir de um homem que afirma estar apaixonado por mim.

Pelo menos, não se aquele homem era ninguém, além de Jeremy Stonehart.

A partir disso, de alguma forma faz todo o sentido.

Talvez essa é a minha maior falha: a capacidade de justificar continuamente cada pequena coisa que Jeremy faz. Eu ainda estou delirante? Eu não tenho nenhum escrúpulo em dizer que o meu desejo de vingança tem se evaporado. Mesmo com o episódio anterior desta noite. Mesmo com o tapa bastante literal no rosto. Onde eu poderia ir, se eu quisesse ficar longe? A porta da frente está destrancada. As chaves para seus carros estão onde sempre estiveram. Posso entrar em um e apenas dirigir para longe. Todo o caminho ao norte para o Alasca, ou leste e sul, para a metrópole sufocante de Miami. Eu poderia tornar-me completamente anônima entre os enxames de pessoas lá. Ou eu poderia me perder em alguma cabana abandonada no meio do Deserto Great White. Eu poderia ser como Christopher McCandless daquele filme, Into the Wild, vivendo o resto da minha vida fora da terra até o meu último suspiro...

Mas não. Tal cenário não se parece bem comigo. Não diz nada sobre quem eu sou. E eu tenho certeza de que não importa aonde eu vá, não importa quão bem eu me esconda, Jeremy vai me encontrar. Ele não vai apenas me deixa ficar longe.

Escapar é impossível. Às vezes, os ligamentos de nossa psicologia nos unem melhor do que as amarras mais fortes.

Mas nada disso significa que eu tenho que ser mais um receptor passivo do tratamento de Jeremy.

Na verdade, eu me recuso a ser. Os jogos acabaram. Os experimentos terminaram. Ninguém pode me convencer de outra forma.

Eu só queria que alguém pudesse convencer Jeremy.

Como sempre, eu sou deixada sozinha. É um desafio. Isso não é o jeito que eu sempre quis as coisas, de qualquer maneira? Ser autossuficiente, não confiando em ninguém além de mim mesma?

Eu sou mais como Jeremy do que eu pensava. Ele não acredita na sorte. E eu acredito em autossuficiência.

Não são apenas esses dois lados da mesma moeda?

Eu bocejo e volto. No meu caminho, eu me vislumbro em um espelho. Não há luz suficiente para ver meu rosto. Jeremy estava certo. O inchaço desapareceu completamente. Eu não acho que vai ter uma contusão. Meu olho direito pode estar um pouco inchado na parte da manhã, mas diferente disso, eu não vou estar muito pior do que agora.

Eu sou fraca para aceitar o tratamento de Jeremy em mim sem lutar? Quero rir. Eu? Lutar? Fisicamente? A maioria dos homens lá fora, seria intimidada por Jeremy Stonehart. Que chance eu tenho?

Nenhuma, é claro. Mas não é a violência física que até me atrai. Não, se eu quero realmente machucar Jeremy Stonehart, eu quero fazê-lo de maneira mais insidiosa do que isso.

Se algo como isso acontecer de novo. Eu o provoquei no jantar, sem dúvida. De certa forma, esta foi a minha falha. E ele parecia arrependido o suficiente depois...

Tanto faz. Estou cansada. Eu quero dormir. A cama é grande o suficiente para que eu possa fingir que Jeremy não está lá.

Quando eu subo as escadas e caminho até o familiar corredor escuro, eu pego sons estranhos vindos do quarto. Grunhindo. Rosnados. Palavras mal distinguíveis em uma voz clara distinguível: Jeremy.

Meu coração começa a bater mais rápido e eu pego meu ritmo. Eu abro as portas e o vejo.

Ele está se debatendo para frente e para trás, braços e pernas presas nos lençóis. —Não. N-N-N-N-Não-N-Não, — ele continua a dizer, uma e outra vez.

Corro para o seu lado. Seus olhos estão apertados. Sua mandíbula está rígida. Seu corpo empurra para trás e para frente em movimentos convulsivos irregulares. —Não. Não. Não.

Ele está no meio de um pesadelo. Eu nunca o vi assim. Seu suor está em todo o lençol. Isso paira no ar como o remanescente de uma doença. E ainda assim ele empurra para trás e para frente, mandíbula cerrados. —N-N-N-N-N-não!

É gagueira isso que ele está reprimindo? Deve ser.

Eu não sei o que fazer. Eu olho para ele, com muito medo de interromper, mas também não posso ignorar seu sofrimento para simplesmente desviar o olhar. —Não. No. N-N-N-N-não!

—Jeremy? — Eu digo baixinho, tentando fazer minha voz o mais calma possível. Estendo a mão para tocar seu braço. —Jeremy, está tudo bem. Estou aqui. Eu...

—Fique longe de mim, Rose! — Ele ruge, empurrando minha mão e dando solavancos na posição vertical. Ele está respirando com dificuldade, ofegando por ar, com os olhos arregalados, totalmente acordado.

E eu? Eu só me acovardo uma vez que suas palavras entram em meus ouvidos.

Ele me olha sem ver. E, em seguida, ele está de volta em si mesmo. Sua respiração fica mais lenta. Ele olha para mim, olha para os lençóis emaranhados, e uma compreensão gradual aparece em seu rosto.

—Quanto você ouviu? — Ele me pergunta.

Eu balanço minha cabeça. —N-nada—, eu gaguejo.

Ele balança a cabeça. —Eu a assustei, não foi? — Seus punhos se apertam. —Sinto muito. Eu deveria tê-la avisado sobre... — ele olha ao redor da sala, —... este lado meu.

Cuidadosamente, eu vou até ele.

“Não me toque, Rose.” O que ele quis dizer com isso? Apenas algo que sua mente estava brincando, ou há um significado mais profundo por trás dessas palavras?

—Você sempre teve pesadelos? — Pergunto. Ele levanta o cobertor e eu subo ao lado dele. Sua pele está quente ao toque, e úmida como com uma doença. Tendo-me perto parece colocá-lo à vontade. Então eu deixo ele me segurar.

—Eles vêm e vão, — ele me diz. Mesmo que sua voz esteja absolutamente constante, eu posso sentir seu corpo tremendo, só um pouco, sob o meu. Este é o mais abalado que eu já o vi.

—Quando foi a última vez?

—Honestamente? Anos antes de você aparecer. Eu pensei que estava livre deles. —Ele exala um longo suspiro. —Isso não importa. Acabou agora.

—O que você vê? — Pergunto.

—A maior parte do tempo? Memórias da minha vida passada. De quem eu era antes de me tornar... eu. —Ele olha para mim. —Coisas que eu não desejo que sejam revisitadas, mas as coisas vêm de qualquer maneira.

—Você pode me dizer, — eu digo, e peço a Deus que ele saiba que eu estou dizendo a verdade. —Se quiser. Se você precisar.

—Você é doce. — Ele beija a minha testa. —Mas não, Lilly. Eu não quero sobrecarregá-la com as coisas que me assombram. —Ele começa a se levantar. — Eu preciso de um banho. E, em seguida, trabalhar... Para limpar minha mente das... coisas más. —Ele parece distraído. —Não haverá mais sono para mim hoje à noite, disso eu tenho certeza. A academia? Um treino seria bom. Em algum lugar que eu não preciso pensar. Em algum lugar em que eu possa estar completamente sozinho...

Ele para, e franze a testa ao ouvir suas palavras. Ele estava apenas pensando consigo mesmo? Talvez eu não seja a única louca na casa.

Ele olha para mim. —Boa noite, Lilly. Até amanhã.

—Boa noite, — eu sussurro, e o vejo ir.

Capítulo Onze

“Não me toque, Rose.”

Não importa o quanto eu tente, não consigo tirar essas palavras da minha cabeça. Elas estão em modo de repetição enquanto eu vou com Jeremy para o trabalho. Elas são tudo que eu penso quando um de seus assistentes me leva e me mostra o meu novo escritório. Elas são tudo o que eu posso me concentrar quando algum sócio sênior ou outro vem e me dá palestras sobre os detalhes do meu novo trabalho.

É uma sensação boa, embora um pouco assustadora, estar de volta entre as pessoas. Particularmente, logo após acordar naquela sala desconhecida no Colorado com a primeira menção de dano cerebral fresco na minha mente.

Mas minhas próprias preocupações são pálidas em comparação com o que eu sinto por Jeremy.

Não é nenhum segredo que estamos juntos. Todos no edifício sabem disso. Eles viram as fotos. Eles ouviram as conversas. E se eles olham para mim um pouco diferente, agora que eles sabem que eu estou dormindo com o homem mais poderoso da cidade, bem, que assim seja.

“Não me toque, Rose.”

Isso é o que ele gritou quando teve pesadelo na noite anterior. Isso é quem ele pensou que eu fosse, quando eu acaricieei seu braço.

Por quê? Ele disse que sonha com o passado. Do tempo em que ele ainda vivia sob a sombra de seu pai. Charles e Jeremy voltam todo o caminho até esse tempo. Ele e Rose poderiam ter a mesma conexão?

No meio do dia, encontro-me resistente em um dos elevadores, no mesmo ponto exato que eu estive uma vez em que Hugh me encontrou.

Hugh é seu pai, e ele trabalha no prédio, eu acho. Hugh é seu pai, e Jeremy explicitamente me perguntou se ele tinha mencionado Rose quando ele veio sem avisar à minha porta em Boston.

Existe uma ligação. Eu estou certa. Mas até que ponto?

Eu me debato em me encontrar com Jeremy, e depois decido contra isso. Eu não quero interrompê-lo no trabalho. Além disso, tem coisas que eu deveria estar fazendo. Familiarizar-me com tudo pelo que vou ser responsável.

Eu me viro, -e me assusto com a visão de Hugh, mais parecendo um pássaro diabólico, manhoso olhando para mim do canto.

—Olá, minha linda, — ele me cumprimenta. Ele caminha adiante e gentilmente, mas firmemente, pega meu braço. —O amor do meu filho.

Eu recuo de seu toque. Eu tento não deixar o meu desconforto aparecer. Agora que eu sei exatamente quem é Hugh, e tudo pelo que ele é responsável, por estragar a vida de Jeremy desde a infância e todas as consequências dessa educação, eu não quero nada a ver com ele.

Mas eu também não sou burra o suficiente para cuspir em sua face. Hugh pode ter informações valiosas para mim. E é óbvio que ele ainda quer alguma coisa de mim, ou então ele não teria vindo me procurar no meu primeiro dia de volta.

—Será que Jeremy sabe que você está conversando comigo? — Eu pergunto, girando suavemente para fazer parecer que o caminho que o trouxe a mim é exatamente onde eu queria ir o tempo todo.

—Tenho quase certeza de que ele tem assuntos mais importantes a tratar, — Hugh responde. —Mas, apesar disso, Sim. Você já evocou algum tipo de curiosidade dentro dele. Você o fez começar a agir como um homem irracional. E o meu filho, por todos os seus defeitos, nunca houve nada que não seja razoável.

—Então, ele permite que você o chame de “seu filho” agora, não é? — Pergunto.

Hugh dá de ombros. —O segredo foi descoberto. Não que isso deveria ter sido um, para começar. Está quase como se ele fosse de alguma forma... hmm, uma vergonha minha.

—Caramba. —Eu me pergunto por que seria. —Eu não escondo o meu desprezo.

Hugh balança a cabeça. —Essa criança malcriada, — diz ele, meio para si mesmo. —Debaixo do meu teto diz tais observações que não teria sido tomada de ânimo leve.

— Debaixo do seu teto? — Eu zombo, e torço para fora de seu controle quando nós entramos em seu escritório particular. —Essa criança que criou era Jeremy? Olha o que você conseguiu. Um sucesso espetacular.

Hugh dá um pequeno sorriso curioso. —Não é? — Ele pergunta. —Meu filho mais novo, o maior acionista da empresa mais cobiçada do mercado de ações. Meu filho mais novo, o queridinho da mídia do país. O herdeiro de uma fortuna que ele descartou ao criar o seu próprio lugar no mundo. —Seus olhos estão em mim, cheios de compreensão sombria, manhosa. —Se você não chama isso de sucesso, Srta. Ryder, então eu não sei o que poderia ser.

—Ele não fez isso por sua causa, — eu zombo, minha voz cheia de ódio. — Ele fez isso devido a você. Ele fez isso para ter de volta a parte do mundo que você roubou dele.

—Ah. São coisas realmente tão simples? —Hugh se instala em sua cadeira em frente à mesa. —Essas distinções realmente fazem a diferença? Que importa quais são as motivações, se o resultado é o mesmo?

—Não importa, — eu digo, mas me recuso a entrar na dele, concebendo a minha posição. —O que você quer, Hugh? Por que você me trouxe aqui? Será que é para me assustar com o colar mais uma vez? —Eu sorrio com todos os meus dentes em um sorriso cruel. —Porque eu tenho medo que você vai me encontrar totalmente imune.

—Não, não. — Ele balança a cabeça e afasta a minha sugestão com o mais condizente dos gestos. —Eu não estou aqui para tais encenações. Esse último incidente infeliz foi tudo ideia de Jeremy. Eu o avisei para não fazer isso, você sabe. Eu disse a ele que você não iria gostar.

—Que seja, — eu digo. —Diga-me o que você quer para que eu possa voltar para o meu próprio trabalho. Eu não sou paga para medir palavras com você.

—Não, você é paga para aquecer a cama do meu filho, — diz ele, enquanto vasculha a gaveta, sem olhar para o meu rosto.

Uma faísca de ódio violento explode dentro de mim com a acusação. Eu não mordo a isca. Eu apenas aumento esse agravo ao que eu tenho contra esse homem.

—É triste, realmente, o quão duro você tente ficar sob a minha pele, — eu digo. —Por quê? Trata-se de inveja? Você inveja que eu tenho compartilhado o sucesso do seu filho enquanto você está preso jogando seus joguinhos neste

buraco? —Eu olho ao redor do escritório escurecido. —Você realmente é um rato.

Bem, tanto para não aumentar sua ira.

—Aqui, — diz ele, ignorando minha observação e emergindo de sua caverna pequena para estender um envelope para mim. —Você deve levar isto.

—Outra vez? — Pergunto. O envelope parece idêntico ao que ele trouxe para o meu quarto em Boston. —Eu disse não pela primeira vez. Por que as coisas seriam diferentes?

—Leve-o, Lilly, — diz ele. —Vale mais para você do que você suspeita.

Eu levanto o meu queixo e me viro. Jeremy não quer que eu aceite qualquer coisa de Hugh. Eu não estou a ponto quebrar as regras agora.

—Virar as costas para mim é um grande erro, — Hugh adverte suavemente e eu paro. A ameaça em sua voz é inegável. As palavras também estão tão assustadoramente perto do que Jeremy disse ontem à noite que elas me trazem de volta a esse momento assustador.

Mas eu não estou prestes a me acovardar diante de Hugh. Ele não tem poder sobre mim. Sem influência. Seja qual for o aperto que ele tinha em Jeremy há muito tempo já expirou.

Então eu giro para trás, desafiante e até com raiva que ele se atreveu a ameaçar-me agora. —Por quê?— Eu desafio. —Eu não tenho medo de você, Hugh. Eu desprezo você. Eu sei o que você fez para seu filho. Eu sei como você tratou a tua esposa. Eu sei o tipo de homem que você é. Você é desprezível. Você não vale a sujeira na sola dos meus pés.

—Palavras grandes e elevadas vindas de alguém tão preciosamente guardada, — diz ele. Ele balança a cabeça, não afetado pelo meu desabafo. — Você nem sabe o que está acontecendo ao seu redor. Sabe? Você é verdadeiramente cega para tudo.

Eu ergo meus ombros. —E para o que é que eu estou cego, precisamente?

—Agora, não é a minha vez para fazer isso, — resmunga. Ele levanta o envelope para mim mais uma vez. —Você pode achar isso um bom ponto de partida, no entanto.

—Eu não quero isso, — eu digo-lhe novamente. —Eu não vou ser pega em sua armadilha. Você pode apostar sua vida nisso.

—Ah, — ele sorri. —Você não vê, minha cara? Não é a minha vida que está em jogo.

Eu já tive o suficiente. Eu me afasto e tranco a porta. Estes tipos de ameaças são voltados apenas para perturbar-me. Para tornar-me mais confusa. Bem, o único confuso aqui é Hugh. Eu lidei com piores. Eu lidei com seu filho. Hugh não segura uma vela para Jeremy de qualquer forma. Ele é menos direto, furtivo. A única maneira que ele vai ter o que ele quer, seja o que for, é se eu responder a ele.

E se eu simplesmente excluí-lo? Bem, isso o deixa impotente. Ele está vinculado por quaisquer regras que Jeremy colocou sobre ele. Se ele está tentando sair de seu caminho, de alguma forma, através de mim, não vai acontecer. Pelo menos, não com a minha participação voluntária.

—Duas vezes, agora, — diz ele em voz baixa. —Isso é uma linda coloração que você tem em sua bochecha. Conte a mim. Será que meu filho lhe deu isso?

Não.

Eu toco meu rosto. Eu tinha feito um trabalho impecável em encobrir a pequena contusão esta manhã. Não há maneira de Hugh poder ter visto através dele.

Eu olho por cima do meu ombro. Ele tem as mãos cruzadas na frente dele, os dedos unidos para fazer um V de cabeça para baixo. Ele é a imagem da serenidade.

—Adeus, Hugh, — eu digo. —Não me procure no trabalho novamente.

—Adeus, doce Lilly, — diz ele. Assim que eu fecho a porta, eu o ouço acrescentar: — Nós vamos nos ver muito mais cedo do que você imagina, eu acho.

Na volta para casa, eu não faço nenhuma menção do meu encontro com Hugh. Jeremy, ocupado com uma conversa telefônica, não diz nada sobre isso, tampouco. É só quando entramos na mansão que eu decido dizer.

—Seu pai veio me ver hoje de novo, — eu digo. —Ele tentou me dar aquele envelope de antes.

—Droga, — Jeremy rosna. —Sério?

—Você não sabia? — Pergunto. —Eu pensei que você...

—Não, eu não sabia. — Jeremy guarda o seu telefone e olha para mim. — Da próxima vez que isso acontecer, você vem direto para mim. Você entende? Eu não me importo se estou em uma reunião ou com quem estou. Eu não o quero interagindo com você. Eu vou ter que explicar as regras para ele novamente. Parece que a sua presença nas Indústrias Stonehart o encorajou.

—Encorajou-o a fazer o quê? — Pergunto. —Jeremy, eu tenho o direito de saber, depois de todo esse tempo, exatamente que tipo de arranjo que você tem com seu pai.

—É complicado, — diz ele imparcial. Ele sai quando Simon abre a porta. Eu o sigo. —Eu não quero incomodar você.

—Tenho certeza de que, — eu digo secamente, — não saber me incomoda mais.

—Ah, sim, — diz Jeremy. —Sempre curiosa. — Ele tira o paletó, o pendura, e enrola as mangas de sua camisa. —Bem. Não me importo de lhe dizer. Aonde quer que eu comece?

—Que tal deixar-me saber por que o homem que você despreza tanto de sua infância é um membro do conselho de sua empresa? —Eu enfrento Jeremy. —Será que isso não lhe parece um pouco estranho?

—Não, não, me parece prático, — Jeremy salienta. —Eu não sou de desperdiçar talento. E pode dizer o que você quiser sobre Hugh, mas ele tem bom senso empresarial. Quero dizer, eu herdei o meu de alguém. Eu não o invejo por isso.

—Mas você assumiu a sua empresa no tribunal, — eu digo. —Você me disse que foi o seu momento mais triunfante.

—É verdade, — Jeremy admite. —Foi quando eu me revelei primeiro a ele e meus irmãos.

—E então? —Pergunto. —O que aconteceu com eles?

—Eles não importam, — diz Jeremy, de uma forma que deixa absolutamente nenhuma dúvida. —Eles tinham muito..., — ele procura a palavra certa, por um momento, — ... orgulho injustificado. Eles se recusaram a aceitar que seu irmão mais jovem retirou-lhes tudo o que tinham. Eles pensaram que poderiam barganhar comigo quando eu previ as suas regras de continuidade no emprego. —Jeremy zomba. —Porcos egoístas. Ambos aprenderam exatamente como inflexível eu posso ser. —Ele bufa uma risada. —Cômico, realmente. Foi uma característica que herdei deles.

—Então, eles estão...?

—Completamente arruinados, — diz Jeremy. —Vivem na pobreza absoluta. Um deles estava em algum lugar na América do Sul, na última vez que ouvi. Nem um centavo em seu nome.

—O que você fez? — Eu pergunto.

Jeremy pisca. —Eu dei a ambos registos criminais.

—Você os forjou? Como?

—Às vezes eu esqueço o quão pouco você já viu do mundo em que vivo, — diz Jeremy. —Dinheiro abre muitas portas, Lilly. A corrupção não está limitada aos países pobres. É comum aqui na América, através de todos os níveis de governo, através de todas as fases do sistema legal. Você apenas tem que saber como pedir as coisas que você quer que sejam feitas discretamente.

—Então, forjar registos criminais, é uma delas? Estala os dedos e está feito, apenas assim?

Jeremy me dá um olhar simpático. —Não é assim tão fácil, mas na sua essência? Sim.

—Uau, — eu digo. —Então, você realmente é um bandido, não é? Moral e limites não significam nada para vocês.

—Eu não diria que eles não significam nada. — Jeremy engancha seu braço atrás das minhas costas e me leva mais longe em sua casa. —Gostaria apenas de dizer que eu os respeito menos. — Um sorriso maroto. —Ou talvez que os meus limites de restrição são muito menores do que a de uma pessoa média.

—Você pode dizer isso de novo, — murmuro.

Jeremy ri. Eu o olho de lado. —Por que você está em um humor tão bom, de repente?

—Você não me permitiu estar? Eu acabei de chegar a casa com a mulher que eu amo empoleirada no meu braço. Estou dizendo coisas que eu nunca pensei que iria partilhar. Isso parece... libertador, Lilly!

Sem aviso, ele me puxa para ele e me beija apaixonadamente.

Eu estou com minha cabeça girando quando ele me deixa ir. Droga! Mas o homem pode beijar.

—Então, e depois? — Eu pergunto, sorrindo para ele de uma forma meio lânguida.

E ele me bateu ontem! Droga, eu estou muito receptiva às sensações físicas que ele me faz sentir.

—Então... nada. Eu dei-lhes a opção de se renderem a mim, metaforicamente falando. Eles não o fizeram. A maior ironia é que Hugh me ajudou a mandar suas vidas para longe.

Eu odeio como ele pode falar tão calmamente sobre essas coisas horríveis. Mas, ao mesmo tempo, não posso negar a emoção que sinto quando ele faz isso. É como se eu soubesse que ele é ruim, mas o amasse ainda mais por isso.

Ridículo, eu sei.

—Seu pai aceitou suas condições, então? — Pergunto. Eu acho que voltamos para a alusão de Hugh hoje, de que ele estava orgulhoso, a seu modo, do sucesso de Jeremy.

—Ele viu os avisos, quando a aquisição estava acontecendo. Ele não podia fazer nada para detê-lo, enfim, eu acho que o fez a contragosto respeitoso de seu oponente. Do homem na frente do leme. Ele só não sabia que era eu até que a tinta havia secado sobre os documentos de aquisição.

—Ok, então, eu estou tentando imaginar isso na minha mente, — eu digo. —Aí está você no tribunal. Seu pai está vendo, pela primeira vez, que é você quem foi a sua ruína. E ele simplesmente aceita as coisas...? Não houve ressentimento, nenhuma raiva? Nenhuma sensação de traição?

—Traição? — Jeremy comenta. —Ninguém foi traído, Lilly. Enganado, sim. Seguramente. Isso é o que a tornou tão excitante, tão satisfatória para mim. —Ele

ri. —A única pessoa que não viu isso como uma reunião de família feliz pode ter sido o juiz.

Eu levanto uma sobrancelha para ele.

Ele pisca e continua no bom humor. — Meu pai nunca foi bom em um confronto direto. Não com os adversários que eram mais fortes. Em casa, com a minha mãe? —Os olhos de Jeremy escurecem, e ele parece cair em si mesmo quando ele termina em um tom suave. —Em casa, era muito o oposto.

Eu toco seu braço. —Jeremy?

Ele balança a cabeça bruscamente e volta para si mesmo. —O quê? Oh. Certo. Não, Lilly. Meu pai sabia que ele foi derrotado, e ele pulou fora do barco na primeira oportunidade que teve. Ele sempre foi assim. Astuto. À espreita nas sombras. Inteligente, é claro. Ele tinha que ser. Mas ele nunca iria colocar seu próprio pescoço na reta.

—E você simplesmente o levou? Você aceitou sua palavra de que ele não iria prejudicar você?

—Levei-o sim. Mas com restrições, Lilly. Eu te disse antes. Eu não quero desperdiçar seu talento. Ao mesmo tempo, o único lugar onde ele estaria perto o suficiente para que eu pudesse supervisionar o que ele fazia era na minha mesa.

—Você o fez mudar de nome.

Jeremy dá um sorriso cruel. —Sim. Do jeito que ele me fez mudar o meu.

—Você fez isso por vontade própria, eu penso?

—Eu fiz, mas foi porque eu queria a separação dele. Ele foi a causa raiz. Os nomes são coisas poderosas. Que melhor maneira de garantir que ele sempre recordaria quem está no comando do que negar-lhe o que tem sido seu desde o nascimento?

—Mas o que ele quer comigo? — Eu me pergunto.

—Isso, eu não sei, — Jeremy admite. —Eu tenho medo de que ele esteja passando o tempo à espera de uma oportunidade como esta.

—Que oportunidade? — Pergunto.

Jeremy para e olha para mim. —Você, — ele diz. —Hugh viu que você se tornou importante para mim. Eu tentei escondê-la por tanto tempo quanto eu poderia. Com você... —ele toca minha bochecha, — ... eu me tornei vulnerável.

Eu cruzo meus braços. —Como? — Eu pergunto, um pouco cética.

—Eu iria até os confins do mundo por você, minha preciosa Lilly-flor. — Seus dedos se movem para baixo no meu queixo. —Eu gostaria de dar tudo o que tenho, se isso significaria que eu poderia tê-la para sempre. Nada disso... —Ele olha em torno de nós, na mansão espetacular. —... importa quando estamos juntos.

Eu penso no incidente da noite passada. E nas outras coisas estranhas, erráticas, e incomuns que Jeremy tem feito desde que declarou seus sentimentos por mim. —Você tem uma forma pouco ortodoxa de mostrar isso às vezes, — murmuro com um toque de tristeza.

—Você está falando sobre a simulação de realidade virtual? Eu já me desculpei por isso. Mas você sabe o quê? Deixa-me explicar. Você tem a mim em um humor indulgente.

Ele toma uma respiração profunda. —A razão pela qual eu fiz isso, Lilly, tinha a ver com Hugh. Talvez tenha sido... equivocada. Mas eu o envolvi. Eu dei-lhe uma réplica do colar, apenas para tentar mostrar a ele o quão pouco você significava para mim. Ele não sabia quem você era, ou qual era sua ligação com qualquer um de nós e nossas famílias, até esse ponto. Ele tinha te visto na única vez em que eu te trouxe perante o conselho. E quando você apareceu nas Indústrias Stonehart alguns meses mais tarde? Bem, alguém no seu lugar poderia somar dois mais dois.

—Isso é o que eu quis dizer quando eu disse que estava tentando protegê-la. Eu não duvido que Hugh viria de má vontade na minha direção. Ele simplesmente nunca teve a oportunidade de fazer bem sobre isso. Você, infelizmente, abriu essa porta.

—Isso foi quando eu lhe disse quem você era. Foi quando eu disse-lhe, da parte de seu tempo no pilar, de sua associação com o colar, de sua relação com a nossa família. O que eu disse no Aeroporto Internacional de Logan foi cem por cento falso. Ele não estava nisso desde o início. De jeito nenhum. Mas ele descobriu mais tarde, e tentou tirar proveito.

—Então, eu não sei o que ele quer fazer, Lilly. Eu suspeito que é algo para colocar uma cunha entre nós. É por isso que eu disse para você estar em guarda

em torno dele. É por isso, também, que eu estou muito feliz que você não aceitou sua oferta.

Jeremy olha pelo corredor, até a entrada do porão. —E essa é a verdade completa do mesmo, — ele me diz. —Com nada retido, — ele me olha nos olhos de novo. Eu vejo um brilho malicioso neles. —Como está sua atitude em relação à água? —Ele me pergunta. —Nós não nadamos já faz um longo tempo.

Nós fodemos na piscina. Nós fodemos em meio às correntes quentes da Jacuzzi. Nós fodemos na sauna, comigo estendida no chão contra os painéis de madeira esquentante e Jeremy dirigiu seu quadril implacavelmente em mim enquanto eu gritava de prazer.

Ele agarra meu pescoço. Sufoca-me. Puxa meu cabelo.

E eu me contorço como uma louca com a paixão.

Ele me consome. Ele assume o controle absoluto. Não há palavra de segurança, nenhuma dica do que ele vai querer fazer comigo em seguida, e é isso que faz o sexo tão emocionante.

Ele domina a arte de controlar meu corpo. Quando estou com ele assim, eu nem sequer tenho espaço para pensar. Ou duvidar. Ou ter um segundo pensamento. Tudo que eu faço é sentir, e deixo Jeremy me guiar através de todas as correntes e que originam daquele rio avassalador.

É assim que nós operamos em nossos instintos mais primitivos. É assim que nós revertermos tudo que precisamos. O desejo para a apresentação, a facilidade com que eu escorrego para essa mentalidade quando o controle de Jeremy em mim durante o sexo já não me assusta. Eu o aceito como parte da aura incrível que é este homem.

A aura, o fascínio, a intoxicação. Estou bêbada no corpo de Jeremy. Eu amo o jeito que seus lábios deixam marcas esquentantes em toda a minha pele. Eu amo a sacudida de dor que eu recebo toda vez que ele aperta os dentes nos meus mamilos, ou me segura com os dedos com muita força, com muita agressão. Eu o amo, porque eu sei que ele não segura. Sou o ser que inspira essas paixões nele.

E ele é aquele que inspira tais paixões em mim.

Eu me sinto mais viva quando estou sendo fodida assim, sem remorso, sem inibição, do que em qualquer outro ponto da minha vida. É, eu sei, mais ou menos exatamente da mesma maneira que Jeremy me fodeu quando eu estava presa no escuro, sob a ligação de ambos, o colar e o contrato. O fato de que eu sou agora uma mulher livre é apenas uma mudança mental suficiente para mudar sutilmente e exatamente as mesmas sensações físicas a partir de repulsivo para emocionante.

Eu não estou dissociando o físico do mental mais.

Eles são uma e a mesma coisa. Estou totalmente presente, totalmente lá, com Jeremy, quando ele me trata da mesma forma como fazia quando ele era Stonehart. Mas agora que eu conheço mais do homem... Que eu tenho vislumbrado sua vulnerabilidade e a história e seu passado... Faz tudo isso muito mais aceitável.

—Aceitável? Foda-se isso. Isso é estimulante, revigorante, emocionante, envolvente. É excitante. Intoxicante. É tudo que consome e é absolutamente furioso. É a tempestade perfeita. É como remar para o mar no meio de um furacão e arriscando a vida na chance de pegar a onda mais gloriosa, mais destrutiva que vai lhe levar em segurança de volta à costa.

Jeremy é essa onda. Eu sou sua bússola. Mas eu também sou um pouco como um galho, irremediavelmente apanhado nas águas revoltas. Impotente para mudar as coisas. Impotentes para sequer tentar.

E dar-me o tipo de controle que me faz ser capaz disso? Essa é a experiência mais gratificante de todas.

Capítulo Doze

A previsão de Hugh se torna realidade na semana seguinte.

Na verdade, eu tinha quase me esquecido sobre isso, e dele, por esse tempo. Ele não me incomodou no trabalho. Meu tempo no escritório foi principalmente tomado com uma lista interminável de coisas. Eu tive que aprender a envolver minha cabeça em torno de minhas novas responsabilidades.

Claro, Jeremy fez algumas surpresas, e muitas visitas... Discretas a mim ao longo desse tempo.

Mas na sexta-feira, depois de apenas uma semana e meia de trabalho, Jeremy faz um inesperado anúncio.

Íamos voltar para a mansão à beira-mar, depois de termos passado a maior parte da semana no apartamento de Jeremy no centro da cidade. Estou animada para ter essa sensação de estar perdida na mata novamente quando eu ando em torno das terras da propriedade. Parecem anos desde que eu fiz isso. Eu quero cair nesse estado de transe que isso sempre traz.

A voz de Jeremy, no entanto, me afasta desses pensamentos agradáveis e faz com que, de repente, fique ansiosa.

—Hugh vem para o jantar hoje à noite, — diz ele. —Eu quero que você use o seu vestido vermelho. Será adequado para a ocasião.

Mil pensamentos frenéticos vêm à mente. Hugh está vindo? Por quê? Jeremy quer que eu me vista para ele? Novamente, por quê?

E eu me lembro, involuntariamente, da última vez que tivemos um encontro na propriedade.

Eu não posso evitar pensar nas associações negativas que isso pode causar. Jeremy me drogou e fui levada a acreditar que eu estava perdendo minha cabeça. E, desde então, desde a noite quando ele me deu um tapa, ele tem sido absolutamente perfeito, e este anúncio repentino me coloca no limite.

Nós paramos em frente às portas antes mesmo de eu ter a chance de falar.

—Se apresse, agora, — diz Jeremy. —Você tem apenas uma hora e meia para ficar pronta. É fundamental que você esteja impecável esta noite. Vou deixá-la sozinha.

Fiel à sua palavra, Jeremy segue seu próprio caminho, em direção ao escritório da casa. Eu estou lutando com esses sentimentos de antecipação.

Ok, eu digo a mim mesma quando eu subo as escadas para o quarto de Jeremy, até o nosso armário agora compartilhado. Há uma razão para Jeremy ter convidado seu pai para jantar. Ele não faria isso “apenas porque quer”.

Qual poderia ser a razão? Eu não faço ideia.

Eu entro no banho rapidamente, feliz por tirar as roupas de trabalho constritivas. Eu seco meu cabelo e aplico o de costume, com o mais leve toque de maquiagem.

Eu olho para o meu reflexo no espelho. Eu pareço... não tão incrível. Mas não de todo ruim, de qualquer maneira. Definitivamente mais do que apresentável, mas não tão impecável. Não é o que Jeremy pediu.

Eu não posso fazer diferente. Longas horas durante o dia, juntamente com o apetite insaciável de Jeremy à noite, criaram um estilo de vida que não é exatamente propício para dormir. Meus olhos estão um pouco vermelhos, bem, há **Visine** (colírio) para isso. A descoloração embaixo? Nada que um pouco mais de corretivo não possa consertar.

E assim, eu gasto muito mais tempo do que o previsto analisando meu reflexo, em busca de manchas, e fazendo o meu melhor para torná-las menos perceptíveis.

As palavras de Jeremy estavam à beira de um aviso: É fundamental que você pareça impecável hoje à noite.

Eu não sei o que ele está planejando. Eu, com certeza, não quero decepcioná-lo.

Isso poderia trazer de volta à sua obsessão em manter as aparências? Que tipo de imagem ele pintou de nossas vidas para Hugh?

E a maneira como ele saltou sobre mim, me deixou preocupada mais do que qualquer coisa. *“Oh, hey Lilly, jantar em uma hora e meia com o homem que eu desprezo e que é, provavelmente, um perigo para você. Se apresse agora e tente não deixar isso afetá-la.”* Eu zombo.

Jeremy não me contou sobre isso até o último momento de propósito. Será que ele quer que eu seja ridicularizada? Por quê?

Impecável, eu continuo repetindo na minha mente. Impecável, impecável, impecável.

Eu não sei se um dia eu irei chegar lá. E foda-se ele por me dizer que eu deveria! É uma meta ninguém pode chegar. Quanto mais eu ficar obcecada sobre isso, eu digo a mim mesma, mais isso vai parecer.

Então, depois de mais de uma hora trancada no banheiro, eu finalmente saio, apenas para perceber que eu tenho menos de trinta minutos para escolher um vestido.

“*O vermelho*”, disse ele. Eu olho para as linhas de tecido diante de mim com um olhar desconfiado. Existem dezenas de vestidos vermelhos lá. Qual deles é o que ele quer?

Eu saio do quarto e me inclino sobre o parapeito. —Jeremy?— Eu o chamo. —Jeremy, eu preciso de sua ajuda com uma coisa!

Eu ouço seus passos, e em seguida, um grito: — O quê?

—O vestido que você quer que eu use?

—Você está brincando? Você me chamou aqui para isso? —Ele emerge do corredor e olha para mim. Ele já colocou um terno de seda bege, bastante apropriado para o clima mais quente da primavera lá fora. —Você acabou de sair do chuveiro, não é? — Ele soa incrédulo.

Eu rolo meus olhos, bufo, e me viro. Ele pode ser impossível às vezes!

—Lilly! — Ele grita meu nome. Eu paro, mas não olho para trás. —Sim?

Ele exala audivelmente, e eu só posso imaginá-lo esfregando a ponte do nariz exasperado, quando ele diz: — Tenho certeza de que qualquer vestido que você escolher vai ficar bem.

Bem, obrigada pelo voto de confiança.

—Tenho certeza de que vai ficar, também, — eu digo, com uma pontada mal-intencionada no meu tom. —Afinal, você foi o único que aprovou as suas compras.

Com isso, eu caminho de volta para o quarto.

—Homem arrogante teimoso, — murmuro baixinho enquanto eu empurro os cabides para fora do caminho procurando pelo vestido “perfeito”. —Não. Não. Errado. Errado...

E assim vai um rack inteiro, e depois o próximo. Eu sei que eu só estou me frustrando nesta procura. O ponto nem mesmo é o vestido realmente, ou a forma como Jeremy informou-me da companhia de hoje à noite, quando se trata desse assunto. O ponto é que eu estou ficando cada vez mais irritada com a minha própria reação a tudo esta noite. É um ciclo vicioso. Eu não sei o que Jeremy pretende. Isso alimenta minha incerteza, o que, por sua vez, alimenta minha frustração em mim mesma por me sentir incerta, e assim por diante.

Provavelmente eu estou dando muita importância à esse jantar. Mas, novamente, Hugh está chegando. O pai de Jeremy. E, embora isso não tenha nenhuma vibração de “conhecer os parentes”, ainda é muito inquietante.

Provavelmente estou alerta e no limite por causa de tudo o que Jeremy me contou sobre Hugh. A maneira com que ele representa certo perigo para mim. A maneira que ele gosta de operar a partir das sombras, invisível e fora do caminho do mal. O fato de que, tanto quanto eu sei, ele foi o responsável pela mãe de Jeremy perder sua audição. Isso está me dando uma suposição muito grande, mas o que mais se encaixa? Eu sei que ele batia em sua esposa.

Isso poderia ser a causa do meu desconforto. Hoje à noite, eu vou ter um jantar na companhia de dois homens muito voláteis, muito destrutivos. Mesmo se eu sentir que Jeremy está do meu lado, ele ainda tem essa capacidade óbvia para a violência que eu nunca posso esquecer.

Eu verifico o relógio. Faltam quinze minutos. —Foda-se, — murmuro, agarrando o próximo vestido vermelho que eu vejo. Pelo menos eu não preciso me preocupar se ele vai me servir.

Dez minutos depois, quase precisamente às sete, eu deslizo para baixo pelas escadas, afetando o comportamento dele completamente no controle e auto-confiante.

Na realidade, eu não sou nada.

Jeremy está esperando por mim ao pé da escada. —Cinco minutos mais cedo, — diz ele. —Impressionante. Na minha experiência, você dá a uma mulher noventa minutos para ficar pronta e ela vai esticar o tempo até os segundos finais.

—Talvez isso não seja tanto uma descrição correta do nosso comportamento, — eu respondo docemente. —Talvez, seja mais uma prova de suas más escolhas de ex-companheiras.

Ele ri. —Você está maravilhosa, porém, Lilly. Estou impressionado.

—Ora, muito obrigada, Jeremy. — Eu dou-lhe uma ligeira reverência, zombeteira. —Você não parece tão ruim.

—Eu tento muito agora que eu tenho você para acompanhar.

Eu o olho de lado. Ele ri novamente.

—Qual é o plano para esta noite? —Pergunto. —Por que você convidou seu pai?

—Oh, isso? — Os olhos de Jeremy brilham com malícia... Ou talvez algo um pouco mais sombrio, um pouco mais perverso. —Isso, você vai ter que esperar e ver por si mesma. — Ele verifica o relógio. —Não se preocupe, agora. Não vai demorar muito.

Nós entramos na sala de jantar juntos. Jeremy se separa de mim e toma seu lugar habitual. Eu pego o meu do outro lado dele na mesa. Existem quatro conjuntos de talheres.

Eu olho para Jeremy. —Eu pensei que só Hugh viria.

—Eu convidei Rose, também. — Jeremy pega um copo de água gelada e toma um gole. —Eu espero que você não se importe.

—Eu-não, — eu gaguejo. —Por que eu me importaria? — Lembro-me do que Jeremy gritou no meio de seu terror noturno. Sento-me em linha reta. Talvez eu finalmente vá obter algumas respostas. —Na verdade, eu acho que é uma ideia maravilhosa.

—Você acha? — Jeremy comenta. Ele se inclina para mim. —Por quê?

Eu dou de ombros e invento alguma coisa. —Nós três não tivemos a oportunidade de estar juntos desde o jantar de Natal quando você me puxou para fora da escuridão.

—Hmm. — Jeremy parece satisfeito com a minha explicação. —Lembre-se, Hugh estará aqui também.

Passos anunciam a chegada de uma terceira pessoa. Eu olho para cima e vejo Rose. Ela está vestida impecavelmente. Eu nunca a vi assim. Ela está usando um vestido longo cor de lavanda com rendas e mangas detalhadas, com seu cabelo para baixo. Ondas de prata enrolam em volta do pescoço. Ela tem um belo pingente em seu pescoço, e dois brincos de diamante deslumbrantes. O que diabos está acontecendo?

—Sr. Stonehart, — diz ela, sorrindo para Jeremy. —Senhorita Ryder.

—Rose, — Jeremy faz um gesto expansivo de bem-vinda. —Por favor, você não vai se sentar?

—Vai ser o meu prazer absoluto, — diz ela. —Obrigada, por ter me convidado esta noite. — Ela olha para mim, e me surpreende com uma piscadela. —Embora eu deva dizer, eu me sinto um pouco ridícula com essas roupas.

—Bobagem, — Jeremy sorri. —Você parece elegante e sofisticada, apenas como você merece. Isto traz à tona memórias de tempos mais antigos, não é?

Rose se mexe com a pergunta, de repente desconfortável. Faço uma nota mental de sua reação.

Ela limpa a garganta. —Então, — diz ela. —De quem é o quarto lugar? Você não convidou Charles como bem me surpreendeu, não é?

—Não, não. — Jeremy quase ri. —Eu tenho uma surpresa muito mais refinada em mente. Embora Charles seja livre para se juntar a nós quando ele quiser, enquanto a noite avança.

—De alguma forma, porém, — acrescenta Jeremy após um momento de reflexão. —Eu acho que ele vai preferir ficar fora disso.

Partilho um olhar com Rose e vejo o desconforto em seu rosto.

Será que ela não sabe que Jeremy convidou o seu pai? Por quê? Devo dizer a ela?

Eu tenho um pressentimento, no entanto, que existem segredos para a noite para que estou completamente cega. Perigosos. Aqueles que me assustam.

Eu decido tomar uma abordagem mais sutil.

—Jeremy, — eu digo docemente. —Você se importaria de me dizer por que convidamos Rose para se juntar a nós esta noite? — Eu sorrio para ela, — Não que eu me importe com sua companhia, é claro.

—Ora, ora, — diz Jeremy. —É tão surpreendente que eu dedique uma noite para passar o tempo com as duas mulheres que me conhecem bem?

—E Hugh? — Pergunto.

Rose não reage ao nome. E então eu percebo: se ela conhece o pai de Jeremy, ela o conhece por seu nome real! Eu queimo meu cérebro, mas não consigo me lembrar de qual era.

—Hugh será... o convidado de honra, — diz Jeremy. Ele olha para Rose. — Mas agora Lilly arruinou a surpresa.

A campainha toca. —Ah, — diz Jeremy. —O quarto membro do nosso jantar chegou. — Ele se levanta e vai para a porta. —Desculpe-me por um momento, enquanto eu o deixo entrar.

Assim que saio do alcance da voz de Jeremy, eu me inclino para Rose e pergunto: — Hey! Você sabe sobre o que é tudo isso?

Ela respira, fecha os olhos e deixa-o sair lentamente. Suas mãos têm um aperto de morte na borda da mesa. —Minha querida, — diz ela finalmente. —Eu não tenho a menor ideia.

—Eu não gosto disso, — eu digo. —Quando Jeremy falou sobre o jantar?

—Menos de uma hora atrás, — Rose responde. —Ele me ligou e me disse para colocar o meu vestido mais caro. O que ele tinha escolhido para mim anos atrás para a ocasião certa.

—É isso? — Eu me pergunto. Outro arrepio rasteja pela minha espinha. Eu sinto como se Rose e eu fôssemos peões em algum jogo de xadrez invisível que Jeremy está jogando hoje à noite. —Ele jogou isso em mim no último momento, também. Rose, você sabe quem Hugh é, não é? Ele é pai de Jere...

Eu cortei. Precisamente nesse momento, a mandíbula de Rose cai aberta. Ela fica branca fantasmagórica enquanto olha fixamente atrás de mim.

Eu giro ao redor em minha cadeira para ver o que ela está olhando. E lá, entrando na sala de jantar, estão Jeremy e seu pai.

Os dois homens não podiam parecer mais desiguais. Na verdade, se eu não soubesse a verdade, eu nunca teria adivinhado que eles eram parentes.

Jeremy é alto e orgulhoso. Ele anda com um porte confiável, uma borda arrogante em cada passo. Sua cabeça está erguida, os ombros para trás, seu corpo impressionante enfatizado pelas linhas nítidas de seu blazer pálido e calças combinando.

E depois há Hugh. Ele está usando um velho casaco marrom. Um chapéu de abas largas está sobre seus olhos. Ele quase parece um homem de meia idade ao lado de Jeremy, não apenas por causa da disparidade gritante da altura. De alguma forma, ao lado de Jeremy, sendo comparado a Jeremy, o faz parecer encolhido, pequeno. Suas roupas parecem muito grandes. Nada dessa autoconfiança presunçosa que ele tinha mostrado no aeroporto em Boston, ou nas poucas vezes em que ele esteve cara a cara comigo está em exibição aqui. Na verdade, ele parece... encolhido.

O que Jeremy fez com ele?

Essa pergunta é perdida no tumulto que se segue.

—Blackthorne, — Rose murmura. Parece tanto um suspiro quanto uma oração.

Hugh olha para cima e, em seguida, vê Rose. A expressão mais esplêndida de choque e descrença vem em sua face.

Jeremy, ao lado dele, sorri amplamente.

Hugh irrompe em uma corrida. Rose se levanta e corre para ele tão rápido. Eles se encontram no meio do caminho, apenas atrás de mim, e se abraçam como antigos amantes.

—Blackthorne, — Rose murmura, de novo e de novo e de novo. Ela toca seu rosto, como se ela tivesse medo de que ele fosse um fantasma e que pudesse desaparecer a qualquer momento.

Hugh olha para ela tão carinhosamente, tão docemente. Na verdade, por um momento assustador, eu acho eles vão se beijar...

Essa possibilidade é quebrada pelo estrondo de louça contra o chão.

Eu giro em direção ao barulho. Charles está lá, de pé na entrada aberta para sua cozinha, olhando, por toda a sua bondade e gentileza, como uma

ceifadeira saída do inferno. A bandeja de prata grande que ele estava trazendo para a mesa está no chão, junto com todas as pilhas fumegantes de comida.

Sua boca se torce em uma expressão de raiva absoluta. E com um grunhido sem palavras, ele voa em Hugh.

Eu grito quando Charles colide com Hugh e o joga no. Rose cai de lado.

Jeremy começa a rir.

Eu nunca vi tanta ferocidade na minha vida. Eu nunca teria imaginado isso de Charles. Mas, apesar de ele ser mais jovem, maior do que seu oponente, Hugh lhe dá uma boa luta. Eles lutam no chão, rolando desta maneira e engajados em uma batalha terrível.

Os gritos de Rose ecoam na sala.

Tudo isso acontece no espaço de um segundo. Menos do que o tempo que levo para piscar, antes do meu choque ter mesmo começado a se desgastar, eu fujo do meu lugar e corro para separar os homens.

—Lilly, não! — Jeremy grita. Ele dá um passo no meu caminho e me impede. Luto contra o seu aperto. Eu tenho que ajudar. Rose não tem a força para separar a briga. Eu tenho que detê-los antes que eles matem um ao outro.

Eu me livro, passo debaixo do braço de Jeremy, e corro para a luta. Eu alcanço os homens, e jogo meus braços ao redor de Charles, ajudando Rose a tirá-lo de Hugh, quando sinto o aperto da mão de Jeremy no meu pulso.

—Eu disse, não! — Ele grita, e com absolutamente nenhum esforço, me empurra para longe.

Eu tropeço e caio. Os gritos histéricos de Rose enchem o ar, misturando com os grunhidos e maldições da luta. Eu olho para Jeremy, que agora está aparecendo em cima de mim, sombrio e com raiva e cheio de ódio. Ele vira as costas para seu pai e Charles. Toda a sua atenção está sobre mim.

A adrenalina está bombeando em minhas veias. Eu nem sequer considero o que fazer a seguir. Eu só agito em instinto.

Eu me levanto, ignorando completamente Jeremy, e corro mais uma vez em direção à luta.

Desta vez, eu nem sequer recebo um aviso. O braço de Jeremy me atinge tirando minha visão.

Eu desmorono no chão. Estrelas de dor encher minha visão.

—Você vê o que você me fez fazer? — Ele ruge. —Você viu, Lilly? Você viu? Você viu?

Eu grito quando ele me puxa para me levantar agarrando meu cabelo. — Levante-se! — Ele grita.

Eu luto contra ele, gritando, tentando me soltar.

Ele vira minha cabeça para a briga. —Assista! — Ele rosna. Dor irradia para o meu pescoço por causa de suas garras. —Veja o que acontece com as pessoas que me desrespeitam!

É pura loucura na sala de jantar. Pratos quebrados enchem o chão. Rose fica gritando, tentando separá-los. Jeremy apenas me prende mais forte. Charles e Hugh estão esmurrando um ao outro no chão. Eu nunca teria esperado que Hugh se sobressaísse em uma luta como essa. Mas o homem é enganosamente forte.

De repente, um cotovelo atinge Rose no nariz. Ela solta o grito mais terrível de dor que eu já ouvi e entra em colapso.

—Não! — Eu choro. O sangue está escorrendo pelo seu rosto e direto através de seus dedos enquanto ela embala a sua face. Jeremy, tão surpreendido por ela quanto eu estou, relaxa seu aperto um pouco.

É o suficiente. Eu torço minha cabeça para trás e dirijo os meus dentes em sua carne, tão forte quanto eu posso. Ele grita em surpresa e me deixa ir. Eu corro para Rose. Eu nem sequer chego do outro lado lá antes de Jeremy me pegar pelo braço. Em um ponto de pura raiva, eu me reviro, formo um punho, e o direciono para o seu rosto.

Ele me vê chegando. E antes que o soco o atinja, ele me arremessa contra uma das paredes. Meu ombro colide com força. Eu sinto e ouço um estalo em algum lugar no meu braço.

Tudo acompanhado do sentimento mais nauseante de dor que eu já conheci. E o som? O som é o pior. É como uma quebra de um galho, só que vem de dentro de mim.

E eu sei que, naquele momento, que meu braço está quebrado.

A dor? A insanidade? O medo? É demais.

A última coisa que eu vejo antes dos meus olhos rolarem para trás da minha cabeça, é Jeremy Stonehart, vindo em direção a mim como um leão em direção à presa ferida.

Eu desmaio.

Capítulo Treze

Quando eu acordei, não havia uma única parte de mim que não doía. Meu braço era o pior.

A dor me trouxe imediatamente de volta para a loucura na sala de jantar.

Eu fecho meus olhos, quase desejando a facilidade da morte, para uma fuga deste pesadelo.

Jeremy? Ele está morto para mim. Não há Jeremy mais. Há apenas Stonehart.

É assim que deveria ter sido sempre. Eu fui uma idiota para acreditar no contrário.

Eu o odeio. Com cada fibra do meu ser, eu odeio Jeremy Stonehart. Não há nenhuma confusão mais com isso. Não há indefinição das linhas, sem transfusão filosófica de ódio em amor. Nunca mais vou ser tão fraca a ponto de pensar de outra forma. Nunca mais vou desejar que as coisas fossem diferentes.

E se até mesmo a simples sugestão de amor surgir em minha consciência, eu vou me barricar dela. Eu vou bloqueá-la. Eu vou negá-la. Eu vou lutar com cada grama de força de vontade que eu possuo.

Eu não posso amar um homem que me trata assim. Eu não posso estar apaixonada por um maníaco egoísta.

Eu olho ao redor da sala. Onde estou? Isto se parece com qualquer outro quarto do primeiro andar da mansão Jeremy. Mas o mobiliário, o layout? É apenas um pouco fora de moda. Um pouco estranho.

É como se eu nunca estive aqui antes. Ou estive, mas apenas me esqueci. Há alguma coisa sobre este quarto em especial, e nenhum outro, me faz sentir enjoada.

Claro, isso poderia ter tudo a ver com o meu estado físico atual.

Eu me esforço, rangendo os dentes com a dor. Eu olho para baixo. Meu braço esquerdo está engessado. Tem uma tipóia no meu pescoço para apoio.

Eu rolo um ombro, reconhecendo a minha fonte de desconforto. A tipóia coloca pressão no meu pescoço em uma forma que lembra um colar. Inconscientemente, talvez isso seja o que eu mais temo: Não Jeremy retornar a ser Stonehart, mas o retorno do colar no meu pescoço.

Eu não sei o que eu faria se eu alguma vez o tivesse de novo. O suicídio não parece ser uma maneira tão ruim.

Eu congelo com esse pensamento. Meu peito aperta. Torna-se difícil respirar. Minha parte traseira está coberta em uma fina camada de suor pegajosa.

Suicídio? De jeito nenhum. Esse é o caminho do covarde. Isto nem deveria estar no radar.

E ainda... e ainda assim, lá estava: um minúsculo pontinho na distância, como uma nave camuflada em águas inimigas. Isso se foi agora.

Ou talvez ele simplesmente estivesse escondido.

De qualquer maneira - porra. De qualquer maneira eu tenho que estar alerta para isso, pois isso deve reaparecer. Eu não estou assim longe ou perdida ainda. Eu não desisti. Ainda não.

Isso é quando eu sinto uma presença em algum lugar atrás de mim.

Devagar agora, regamente, eu viro ambos os ombros para enfrentar quem está aqui.

É Jeremy, claro.

Não, merda! Eu me amaldiçoo. É Stonehart, caramba, e eu não posso escorregar de volta para chamá-lo pelo primeiro nome.

Stonehart está lá, me olhando de um canto escuro, com um cocktail na mão. Apenas seus olhos estão realmente visíveis. Eles refletem a luz fraca. Essa reflexão permite-me saber que ele está assistindo. O restante de seu corpo está envolto em sombras.

—Você acordou, — ele diz simplesmente. Nenhuma emoção entra em sua voz. Ele leva o copo aos lábios e toma um longo gole.

—Há quanto tempo você está aí? Quanto tempo estive fora?

—Longo tempo, — diz ele. Mais um gole. —Mas não longo o suficiente.

Ele drena o copo, abaixa ao seu lado, e, em seguida, deixa escapar por entre os dedos. Ele bate no chão com um estrondo surpreendente. Eu suspiro de surpresa. Meu coração está acelerado. O único outro som que eu ouço é da sua lenta e pesada respiração.

—Onde estamos? — Pergunto.

Stonehart ri. —Você não reconhece este lugar?

Eu lanço um rápido olhar pela janela e vejo agora por que tudo parece fora de lugar: Todos os quartos na mansão Stonehart estão frente para o mar. Este tem uma vista para as árvores.

É o suficiente para me fazer tremer novamente.

—Esta é a casa de hóspedes de Rose, — Stonehart me informa. Ele inala uma vez e se afasta da parede.

Minha respiração trava quando eu o vejo.

Ele parece... bem, “desgrenhado” é, provavelmente, colocar o mínimo. Seus ternos são geralmente impecáveis e limpos. Este está enrugado e sujo. Existem manchas nas mangas e na frente que fazem com que pareça que ele esteve rolando na areia.

Seus sapatos, -que inferno, um deles ainda está desatado! Seu cabelo escuro é uma bagunça, empurrado em todas as direções, como se tivesse sido a vítima de uma mão passando por ele muitas vezes. Há barba em suas bochechas e um contorno mais pesado de um cavanhaque, onde o cabelo facial cresce mais rápido.

Ele parece um homem que negligenciou completamente a si mesmo por dias e dias a fio.

No meio do caminho para mim, ele perde um passo e dá um bote violentamente para um lado.

Eu congelo com medo súbito:

Ele esteve bebendo muito.

Não só isso, mas ele já está bêbado. Eu nunca experimentei a combinação de Stonehart e álcool. O potencial para a violência, -para ainda mais instabilidade, -me deixa muito, muito assustada.

—Por que estamos na casa de hóspedes do Rose? — Eu pergunto, depois que ele endireita-se.

—Rose... — Stonehart lambe os lábios. Ele está sóbrio o suficiente para ficar de pé. Mas a coisa surpreendente é que sua voz não traz nenhuma intoxicação. Se eu fechasse meus olhos e apenas o ouvisse falar, eu não teria como dizer que ele estava sob a influência. —... Não vai precisar dela mais. Nem Charles. Ambos estão afastados das suas funções. Esta casa... —Stonehart gesticula descontroladamente ao redor da sala. —... agora pertence inteiramente a você.

—Se isso foi por...

—Não, — Stonehart balança a cabeça e me corta. —Não, não, não, não. Ninguém aqui está compensando qualquer coisa. Só estava... na hora.

Ele oscila novamente.

—Você está bêbado, — eu digo. —Eu posso sentir o cheiro do licor em sua respiração. Você não sabe o que está dizendo.

—Oh, pelo contrário, Srta Ryder, eu estou muito no controle, e importante saber todas as palavras que passam por esses lábios. —Ele para, a um passo longe de mim, e olha para baixo. Ele balança. —Como você se sente? — Ele pergunta.

—Oh, apenas alegre, você sabe. —Eu zombo para ele, incapaz de esconder o meu desprezo. —Meu braço foi quebrado e meu corpo parece que foi jogado escada a baixo. Mas diferente disso, eu estou bem. Não há necessidade de qualquer preocupação. Você pode ir agora. Fale comigo novamente quando estiver sóbrio. —Eu começo a cruzar os braços por instinto, em seguida, engasgo com a dor aguda que vem ao tentar mover o meu braço esquerdo.

Droga. Isso vai levar algum tempo para me acostumar.

A voz de Stonehart está muito baixa e perigosa. —Eu não tenho certeza de que você está em uma posição para fazer tais demandas, — diz ele em voz baixa.

—Ou o quê? Você vai quebrar meu outro braço? —Eu rio. —Tanta coisa por me amar, hein, J...

—EU NÃO QUERIA TE MACHUCAR! — Ele ruge.

Eu recuo, de repente aterrorizada.

Ele para, respira, e passa a mão pelo cabelo. —Eu sinto muito, — diz ele. — Sinto muito. Desculpe. Eu não devia ter gritado.

—Você está se desculpando por isso? — Eu digo. —Não por qualquer de outra meia dúzia de coisas em que você é culpado?

Sua boca se torce no início de um sorriso. —E quão útil seria um pedido de desculpas para todas essas outras coisas, querida Lilly? A razão para isso... —Ele gesticula para trás, para as fileiras vazias de garrafas que cercam seu assento.

Jesus, mas eu nem sequer as vi antes!

—... É porque eu tenho medo de que você e eu temos regredido horivelmente ao longo de uma única noite. Não há um pedido de desculpas para recuperar isso.

—Então você está bebendo por desespero, — eu digo. —Isso é muito pouco característico de você, Jeremy. —Dirijo-me a ele. —Deixe-me sozinha. Eu não quero falar com você quando amanhã você não vai se lembrar da metade do que eu falar.

—Não, — diz ele.

Um arrepio de medo funciona através de mim. Eu faço o meu melhor para não deixá-lo aparecer.

—Não? — Pergunto.

—Não, Lilly, caramba. Eu esperei muito tempo para que você acordasse para ser mandado embora agora.

—Eu não tenho vontade de falar com você.

—Seus desejos que se dane! — Ele diz. —Você não pode ver como eu estava? O que você acha que eu estive fazendo todo esse tempo, exceto esperar você acordar?

—Quanto tempo tem sido? — Pergunto.

—Dois dias.

Eu franzo a testa. Huh. Isso realmente não parece tão ruim. Pelo menos, não em comparação com o que eu estava esperando.

—Tudo bem, Jeremy, — eu digo a ele. —Você quer conversar? Vamos conversar. Mas tenho que fazer a perguntas aqui, não você.

—Justo o suficiente, — diz ele. Ele se instala em uma nova cadeira em frente a minha cama. —O que você quer saber?

—Comece com Rose, — eu digo a ele. —Quem é ela?

—Você foi direto ao ponto, — ele murmura.

—Não há evasões desta vez, Jeremy. Eu quero a verdade. Eu quero tudo. Quem é Rose, o que ela tem a ver com você, o que ela tem a ver com o seu pai? Por que Charles reagiu da maneira que ele fez quando ele os viu? Que tipo de sujeira que você tem sobre Rose para fazê-la sua governanta durante vinte anos? Faço uma pausa para tomar fôlego e continuo. —Por quê? Eu sei que ela não é a pessoa que você quer fazê-la parecer.

—Isso é uma enxurrada de perguntas, — resmunga Stonehart.

—Responda ou saia. Sua escolha, — eu digo. —A menos que você esteja se sentindo informativo, não tenho absolutamente nenhuma inclinação para falar com você agora.

—Tudo bem, — diz ele. —Tudo bem, Lilly, isso é justo. — Ele destaca. —Eu vou voltar para você novamente amanhã.

—Espere, o quê? — Eu tropeço. —Você está indo embora? Você não pode simplesmente sair, Jeremy!

—Olhe então, — ele diz, soando ainda mais como um adolescente malcriado.

Deve ser a bebida.

—Não! Você mesmo disse. Você esperou tanto tempo. —Eu estou me agarrando em palhas. Mas, esta é uma rara oportunidade. Por todo o tempo que eu conheci Stonehart, eu não o vi uma vez bêbado. O álcool afrouxa as inibições de todos, não importa quem você é, ou quão bem você pode pensar que você pode escondê-lo. E se Jeremy sair agora, vou perder uma oportunidade gloriosa para aprender coisas sobre ele que pode, caso contrário, nunca mais sair.

Porra!

Então eu me pego de novo, pensando nele como Jeremy em vez de Stonehart. Droga, eu não posso fazer isso. Não posso sucumbir aos sentimentos de segurança e familiaridade que seu primeiro nome evoca. Eu não estou segura em volta dele. A evidência mais recente é o meu braço.

Mas, inferno, é desgastante manter pensando nele como duas pessoas diferentes.

Uma lâmpada de luz acende na minha cabeça.

Jeremy ou Stonehart. O que isso importa? Existe apenas uma pessoa.

Castigar-me por não aderir à distinção não me rende nada. É uma distração sem sentido. Deixe-o ser quem ele quer na minha mente. Seu nome não importa. São suas ações que são importantes. Elas derivam do mesmo lugar. Elas derivam do mesmo homem.

Então, eu vou chamá-lo de qualquer outro nome que vem naturalmente para mim. Tentar decidir se o chamo pelo seu nome ou sobrenome é a luta mais estúpida do mundo, especialmente se estiver em andamento. Tudo o que tenho a fazer é dissociar o simbolismo sentimental que eu tenho ligado a qualquer título, e anexá-lo a um único homem. Para a pessoa me observando. Esperando por mim para falar.

Para a pessoa que quebrou o meu braço.

—Se você sair agora, — eu digo a ele: — Você vai ter desperdiçado todo esse tempo. E quantas vezes você me disse como você odeia repetir-se? Desperdiçar o tempo parece ainda pior.

Ele pára para considerar minhas palavras. Em seguida, ele ri e balança a cabeça. —Você me conhece muito bem.

A tensão escorre para fora de mim.

Segura, por enquanto. Eu me recuperei da minha atrapalhada.

Ele caminha para recuperar uma garrafa fechada, antes de retornar ao seu lugar. Ele se acalma e olha para mim.

—Então, — ele diz. —Rose.

—Sim, Rose.

Seus olhos digitalizam o quarto. —Onde devo começar?

—Do início? — Eu sugiro.

—Não. — Ele balança a cabeça. —Nós já fizemos as coisas dessa forma. Isso me aborrece. Em vez disso, vamos jogar um jogo.

—Um jogo? — Pergunto, minha voz retrata cada ponta de ceticismo que eu sinto. —Que tipo de jogo?

—Um em que as apostas são muito altas, — Jeremy entoa, agitando o licor dourado em torno da garrafa. —Alguma vez você já jogou, Lilly?

—Não.

—Uma vergonha. Vencer na mesa dá-lhe uma emoção diferente de qualquer outro jogo, especialmente porque, em certos jogos, você sabe que não é nada, apenas sorte.

—Eu pensei que você não acreditasse em sorte.

—Acaso, então, — ele diz. —Roleta é um jogo de azar. Você não sabia?

E então meus olhos se arregalaram em horror absoluto. Jeremy chega ao interior do casaco e puxa um revólver antigo.

Ele vira a arma em suas mãos. —Eu... herdei isso... do meu pai, — diz ele em voz baixa. Seus dedos se estendem sobre o tambor, o cano. —Ele gostava de mostrá-lo para nós quando estávamos em apuros. Naturalmente, na maioria das vezes era apenas eu sentado lá em seu escritório, e nunca os meus irmãos. Mas eu me lembro de uma vez... uma vez, ele estava com um humor particularmente amargo. Eu tinha acabado de ser enquadrado por meu irmão mais velho, Robert por algo que eu não fiz. Ou talvez eu tenha feito, isso não importa. Eu não me lembro. O que eu me lembro, é isso:

—Eu entrei no escritório do meu pai. Ele era como ele sempre me pareceu naquela época, um homem impressionante. Ele sentava-se na cadeira de espaldar alto, maior que a vida, atrás de sua enorme mesa de carvalho, você sabe, a que eu agora mantenho em meu escritório na casa?

—De qualquer forma. Você já esteve do outro lado dela. Você sabe como que é. Agora imagine isso, aos olhos de uma criança de dez anos de idade. Uma criança que sente medo do homem que está prestes a enfrentar.

Confie em mim, eu penso, eu conheço esse sentimento melhor do que você jamais vai entender.

—Agora, imagine essa mesma criança que entra naquela sala e descobre sua mãe lá, amontoada pelo lado da mesa, chorando. Imagine o medo, a culpa, a raiva. Imagine tudo isso, enrolado em uma pequena bola de ódio na cabeça dessa criança.

—Sua mãe não olha para ele. Ela se afasta, quase com vergonha de ser encontrada em uma posição como esta por seu filho mais novo.

—O que você faria se você fosse aquele menino? Você correria para ela? Você gostaria de confortá-la? Claro. Mas você poderia fazê-lo? Não. Não com o outro homem presente na sala.

—Meu pai me cumprimentou. “Ah, Jeremy, você chegou na hora”. Eu sabia que algo estava terrivelmente errado, muito mais do que o habitual. Eu podia sentir isso no ar.

—As portas se fecharam atrás de mim, me fazendo pular. Meu pai riu. Eu odiava mostrar medo diante de seus olhos. Mas o som tinha me assustado, caramba!

—Minha mãe olhou para mim, então. “Jeremy”, disse ela. Então ela virou-se para meu pai. “Hugh. Por favor. Não. Não com ele aqui. Não com...”

—Ele a silenciou puxando uma arma de debaixo de sua mesa e apontando-a para sua cabeça.

—Ele sorriu para mim. “Venha aqui, Jeremy”, disse ele em voz baixa. “Venha aqui, meu rapaz. Eu quero mostrar algo a você”.

—Então eu fui, paralisado pelo medo, quase em transe, ao redor da mesa em direção ao meu pai. Minha mãe tinha parado de chorar. Ela olhava para Hugh com uma máscara manchando seu rosto.

—“Sim”, meu pai me chamou. “Sim, Jeremy, aqui. Aproxime-se. Diga-me, você já segurou uma arma antes?”

—Eu mordi a língua e balancei a cabeça, com muito medo de falar para que eu não começasse a chorar.

—“Aqui,” ele disse, colocando um braço em volta do meu ombro e me puxando para mais perto. “Aqui. Eu vou deixar você tentar agora”. Ele colocou a arma na minha mão, os dedos ainda no punho, ainda apontando-a para minha mãe.

—Ele olhou para mim então. Seus olhos estavam arregalados e brilhantes com zelo. “Parece bom. Não é? Faz você se sentir poderoso, não é? Como se você pudesse controlar as pessoas. Como se você mantivesse a chave para a vida e a morte na palma da sua mão.

—Claro, eu estava apavorado demais para falar.

—“Bem?”, ele perguntou. “Responda-me!”

—Eu balancei minha cabeça, tremendo, com tanto medo do que estava acontecendo.

—“GAH!” Meu pai cuspiu. Sem aviso, ele me bateu na face. Eu caí no chão. Minha mãe gritou. Um tiro foi disparado. Eu gritei, ofegante, gritei, e me levantei tão rápido quanto eu poderia para ficar de pé. Eu estava esperando ver minha mãe morta, deitada em uma piscina de seu próprio sangue, e quando um inferno de uma raiva foi acordada dentro de mim...

Jeremy ri. —Bem, querida Lilly, até mesmo crianças de dez anos tem um pouco de força nelas. Eu voei no meu pai, pronto para atacá-lo com tudo que eu tinha. A voz de minha mãe me parou.

—“Jeremy, não! Você só vai piorar as coisas!”

—Eu congelei, pasmo que ela estava de alguma forma ainda viva. Meu pai não tinha apontado para ela. Ele tinha disparado a arma para mostrar que ela funcionava.

—Nesse segundo, eu fui golpeado novamente, o metal se conectou com a minha mandíbula com força suficiente para me faz voar para o lado. “Hugh! Não! Pare! Não o machuque!”, minha mãe gritou.

—“CALE A BOCA!”, meu pai gritou, com seu controle já extinto. “Cale a boca, você, prostituta ingrata, ele é meu filho, e eu vou tratá-lo assim até que eu o veja em forma!”.

—Ele veio até mim. Eu me esquivei. Mas ele sorriu e me ofereceu sua mão, “Sinto muito”, disse ele. “Você viu o que me obrigou a fazer? Sinto muito, filho. Venha aqui. Levante-se”.

—Peguei a mão dele, e ele me puxou para cima. Eu estava tremendo.

—Ele caiu de joelhos para estar no meu nível dos meus olhos. Ele acariciou o lado do meu rosto. “Você está ferido”, disse ele, e ele parecia genuinamente cabisbaixo. “Oh pobre Jeremy. Você está ferido. O que eles fizeram com você?”.

—Eu só fiquei ali, olhando para ele, tremendo.

—“Aqui. Tome, vamos tornar isso melhor”, disse ele. Ele me mostrou a arma. Ele abriu o cilindro e tirou as balas. Em seguida, da sua mão, ele pegou apenas uma.

—Ele a colocou de volta e girou o cilindro. Ele colocou a arma em minhas mãos. E apontou o cano para seu coração.

—“Um tiro, Jeremy, se é isso que você quer”, disse ele. Seus dedos estavam pressionando os meus, apertando meu controle sobre a arma. “Um tiro e é tudo o que isso vai durar, e, em seguida, você e sua mãe vão ficar livres de mim para sempre. Um tiro, pequeno Jeremy. Você acha que você pode fazê-lo? Você tem o que é preciso?”.

—“Jeremy...”, minha mãe disse.

—“Pare com isso!”, meu pai gritou. Ele se voltou para ela com raiva. “Mais uma palavra sua, mulher, e eu vou descarregar todas as seis rodadas em sua cabeça. A sorte não vai te salvar, então!”.

—Eu não sei o que minha mãe disse. Eu ainda segurava a arma. Mas o grito despertou alguma coisa dentro de mim. Eu agi sem pensar.

—Eu puxei o gatilho.

—E... *Clique*. Nada aconteceu.

—Meu pai se virou para mim então. Ele pareceu chocado. O cano da arma ainda estava apontado em seu coração. Seus olhos moveram-se do comprimento do meu braço e, em seguida, encontraram os meus.

—E eu, por qualquer motivo, deixei cair a arma. Eu perdi a cabeça.

—Mas a exibição única energizou meu pai. Ele se abaixou e a pegou.

—“Você fez isso!” , ele exclamou. “Você tentou me matar! Você fez isso. Eu não sabia que você tinha isso em você, mas você fez isso, Jeremy! Você fez isso, você não é mais um garoto!”.

—E então ele fez a única coisa que me aterroriza até hoje. Ele colocou a arma de volta em minhas mãos. E moveu meu braço em direção a minha mãe.

—“Sua vez”, disse ele.

—“Não. N-n-n-não.” Eu tive a gagueira de volta, então. Só mais uma coisa que agora você sabe sobre mim, Lilly.

—Bem, como você pode imaginar, o meu pai não ficou nada satisfeito. Então, usando a força, ele fez me apontar a arma para ela. Ele me fez fazer isso. E, abençoe meu pequeno, coração, mas eu não poderia puxar o gatilho. Eu não poderia disparar em uma mulher.

—Mas os anos se passaram desde então, — ele me diz. —E eu mudei.

Lentamente, ele vira a arma para mim. —Agora? — Ele pergunta. —Agora, eu não tenho esse problema.

Capítulo Quatorze

—Boom, — sussurra Stonehart.

Eu suspiro. O sangue drena do meu rosto. Jeremy ri.

—Assustada ainda? —Ele pergunta. Ele deixa a mão segurando a arma cair ao seu lado. —Você deve estar! Essas são as mesmas palavras proferidas pelo meu pai para a minha mãe enquanto eu estava lá, segurando a arma. “Você está com medo, sua puta?”

—E ela ergueu o queixo e encontrou seus olhos. Mas dizem que um olhar que pode dizer mil palavras. Então ela se virou para mim.

—“Eu te amo”, disse ela. “Não importa o que ele faz você fazer, eu sempre vou te amar, Jeremy. Não tenha medo.”.

—Meu pai, de repente enfurecido, arrancou a arma da minha mão e apontou-a para ela. Ele disparou.

—*Clique*. Nada aconteceu.

—Ele rosnou. Em seguida, ele apontou a arma para o meu peito e disparou mais uma vez.

—*Clique*. Esse som oco.

—Ele se virou. “DEIXE-ME!”, ele gritou. Minha mãe correu para mim, pegou minha mão e me puxou tão rápido quanto podia pelo quarto.

—Pouco antes das portas se fecharem, no entanto, eu me lembro do som crescente de histérica do riso do meu pai.

Jeremy para. Ele olha para a garrafa na mão, e então, para a arma na outra. Minha respiração trava. Há um nó na garganta que faz com que seja impossível falar.

—Então, você vê, — Jeremy continua após uma longa pausa. —Esta arma e eu... e Hugh... Temos uma longa história confusa. Três vidas poderiam ter sido perdidas naquele dia. Em vez disso, três vidas foram poupadas. Por quê? Nada mais do que sorte cega, Lilly. Nada mais do que acaso.

—Mas! Mas, mas, mas. —Ele ri. —Meu pai me ensinou uma valiosa lição naquele dia. Ele me ensinou para nunca mais confiar na sorte. Ele me mostrou como ela pode ser inconstante. Ele me ensinou, em mais maneiras do que ele jamais vai saber, que os homens que fazem a sua própria sorte, são os únicos a serem invejados. Que somos melhores do que aqueles que se enriquecem por mero acaso. Esse incidente, quando eu tinha dez anos, talvez, mais do que qualquer outra coisa, me estimulou a fazer a minha própria sorte. Para me tornar o homem que sou hoje.

Ele acena para mim de uma maneira desdenhosa. —Eu posso ver que você está com medo. Não fique. Eu não trouxe essa arma aqui para usá-la contra você. Eu trouxe-a para dar-lhe a mesma escolha que foi dada a mim pelo meu pai.

Ele balança em seus pés e atravessa a distância entre nós como uma onda. —Tome isso, — ele diz. Ele envolve a minha mão livre em volta da forma de metal frio. —Pegue-a, e dê seu tiro. Tenha a sua chance. Mate-me, ou tente me matar. Minha vida é sua, doce Lilly. Mais do que eu mereço. Você é mais do que eu mereço!

Eu tento empurrar a arma. —Jeremy, não...

—Não? — Ele zomba. —Não, você não quer me matar? Não, você não quer essa chance?

—Eu sei que você quer, — ele continua. —Eu posso ver o ódio em seus olhos. Eu posso ver a maneira como você olha para mim. A maneira como você se encolheu quando você acordou.

—Jeremy, você está bêbado! — Eu protesto. —Você está bêbado, e você não sabe o que está dizendo!

—Ah, mas eu sei, querida Lilly. Eu sei, eu sei, eu sei! —Ele está desmedido e isso me assusta. —A mesma escolha, Lilly, que meu pai me deu. Eu agora ofereço a você. Faça! Não seja covarde! Faça, atire em meu coração!

Eu fico olhando para ele, perplexa.

—Não? — Ele pergunta. Ele está se tornando frenético agora. Este tipo de fervor me assusta. Isso me assusta. Ele não está sendo ele mesmo agora.

—Então, juntos, — diz ele. Ele traz sua cabeça para o lado da minha. Ele levanta a arma para o lado de sua cabeça. —Através de mim, para você, minha

querida Lilly-Flor. Através de mim, a você. Será nossa gloriosa fuga. Ou a nossa gloriosa salvação. Existe uma bala aí. Faça! Tenha a sua chance! Dê o seu tiro.

—Jeremy, Jeremy, não! — Tento erguer minha mão, mas ele me segura com punho de ferro. A arma está apontada diretamente para sua têmpora.

—Não seja tola! — Ele rosna. — Isto é o que você quer. Eu sei que é. É o que você precisa. Atire, Lilly! Esta é sua chance. Esta é a sua oportunidade. Livre-nos. Livre-nosa ambos. Tem que ser você. Porque eu prefero morrer com você do que viver um único dia sem você.

—E você? Você não pode fugir. Eu sei disso, agora. Você sabe disso, também, Lilly. Esta é a nossa libertação. Esta pode ser sua liberdade. Faça, Lilly. Puxe o gatilho!

—NÃO!

—Puxe. Puxe. Puxe. Puxe!

—Eu disse NÃO!

Com toda a força que tenho em mim, eu afasto a arma para longe da cabeça de Jeremy.

Exatamente no mesmo momento, ele me libera. Eu me movo com muita força e atinjo a parede atrás de mim. Eu resmungo. O som é perdido pela explosão perto da minha orelha:

A arma. A arma dispara.

Eu puxei o gatilho inadvertidamente. Um tiro foi disparado. E o barril estava definitivamente carregado.

Eu ainda posso sentir a força da bala pulsando através do meu corpo.

Eu fico olhando para a parede em ruínas em frente a nós. A bala tinha estado no barril. Eu poderia ter nos matado.

—Putá merda, — eu sussurro.

—Essa foi a sua chance, — diz Jeremy. Ele se afasta de mim, se vira, e sai do quarto.

Capítulo Quinze

Meu coração continua batendo como uma britadeira muito tempo depois de Stonehart sair.

A arma ainda está na minha cama. Esquecida. Eu olho para ela como se fosse uma cobra venenosa.

O tiro saiu, é o pensamento que ricocheteia pela minha cabeça. O tiro saiu.

Se eu tivesse puxado o gatilho quando Jeremy tinha apontado para si mesmo... ele estaria morto.

Se eu tivesse feito isso quando ele me forçou para o lado de sua cabeça... ambos estaríamos mortos.

Eventualmente, eu reúno a coragem para pegar a pistola. Eu tenho que saber. Eu tenho que saber se havia apenas uma bala no tambor. Ou se todas elas foram carregadas.

Minha mão treme quando a pego no colchão. A história que Jeremy disse, sobre seu pai dizendo como uma arma faz você se sentir poderoso? Totalmente imprecisa. É uma arma, para ter certeza. Mas segurando-a, mesmo imaginando que ela está totalmente carregada, não me fez sentir poderosa. Fez-me sentir covarde. Fisicamente doente.

Estou preocupada com a violência que Jeremy possui. Mas esta arma é mil vezes pior. Com ela, qualquer um pode ser um assassino. Não é preciso coragem para puxar o gatilho em um momento de desespero. É preciso... desespero.

Eu não sei como as armas funcionam, por isso levo muito tempo para descobrir como abri-la. Não ajuda que meus nervos estão completamente em frangalhos.

Finalmente, eu descubro. Quando eu olho para o tambor, e vejo que os cilindros estão vazios, a magnitude do único tiro disparado me atinge com a força de uma marreta.

Ele não estava mentindo. Havia realmente uma única bala. Ele realmente colocou sua vida em minhas mãos. Ele tinha deixado o resultado ao acaso.

Isso é tão diferente do homem poderoso e no controle que eu conheço. O álcool teve um efeito avassalador sobre ele, ou os acontecimentos no jantar realmente, realmente o afetaram.

Naquela noite, ele se tornou um monstro. Eu ainda não consigo envolver minha cabeça em torno de tudo o que aconteceu. Ele quebrou meu braço. Jeremy Stonehart quebrou meu braço. No entanto, o inferno de ódio que rugia dentro de mim quando eu acordei até agora é nada mais do que brasas.

O incidente com a arma fez isso.

Eu poderia tê-lo matado. Eu poderia ter. Se eu tivesse puxado o gatilho como ele tinha pedido, eu estaria livre de Jeremy Stonehart para sempre.

Se eu o odeio, não deveria a oportunidade perdida me perturbar? Eu nunca terei uma chance como essa novamente.

Mas eu não sinto qualquer arrependimento. Nem perto. Tudo que sinto é um tipo vago e distante de alívio que eu não puxei o gatilho, especialmente agora, quando sei que se tivesse puxado, ele estaria morto.

Vida e morte trazem nossos sentimentos mais primários.

O que está no meu âmago?

Não é ódio. Não importa o quanto eu quero que seja, não é.

Mas não é amor, também. Eu não posso amar um homem que é capaz de fazer essas coisas para mim: de manter-me no escuro, de me drogar uma e outra vez, de quebrar o meu braço em um acesso de raiva e me bater no rosto. De dar-me uma coleira com a palavra “cão” nela. De me ligar por um contrato só para libertar-me, e ainda de alguma forma, consegue me ligar nele de novo por minha própria vontade.

Jeremy é manipulador. Não há dúvida sobre isso. Mas não há nenhuma maneira que ele poderia ter previsto ou planejado como tudo isso funcionaria. São precisos dois para dançar o tango, como dizem. Meu papel não é ser subestimada.

Eu sou responsável pelo atual estado das coisas como elas são. Não há planejamento o que acontece em seguida. É tudo dinâmico. Tudo em constante fluxo.

Então, na minha mente? Eu não odeio Jeremy mais do que eu odeio Stonehart. Mas eu não o amo também. Ou, mesmo que eu ame, eu absolutamente tenho que enterrar esses sentimentos.

Não. Não enterrar. Eu não posso escondê-los. Mas eu tenho que camuflá-los.

Eu definitivamente tenho fortes sentimentos em relação a Jeremy. Tão fortes, tão complicados, e tão confusos que eles estão além de qualquer definição.

Bem.

Vou até a parede em ruínas. Eu toco o pedaço de madeira que foi explodido pelo tiro. Então eu fecho meus olhos, tremo, e despejo para mim uma bebida.

É noite, mas eu não tenho vontade de dormir. Eu quero encontrar Jeremy e falar com ele. Mas, eu não posso fazer isso até que ele esteja sóbrio.

Álcool o deixou errático e perigoso. Vamos ver o que isso faz comigo.

Como se constata, o álcool só me atinge e me deixa com uma ressaca enorme.

Eu gemo quando eu abro os olhos com o sol brilhante da manhã. O tempo maldito nunca parece estar a minha disposição. Quando eu o quero claro e ensolarado, está escuro. Quando eu preciso dele chuvizando e nublado, está espetacular.

Agora, para adicionar a todas as dores do meu corpo, eu tenho essa dor de cabeça ensanguentada e uma cratera no meu estômago. Nenhum alimento por quase dois dias faz isso.

Eu me arrasto através da porta, no corredor desconhecido, desesperada por hidratação. Eu só estive na Casa de Rose uma vez antes, e, ...

Oh, Jesus.

Meus olhos se arregalam quando entro na sala de estar.

O local foi limpo.

O mobiliário está desaparecido. Todos os tapetes e pinturas que eu me lembro, estão faltando. Estavam no quarto onde me encontrava os únicos mobiliários da casa?

Eu pego meu ritmo enquanto eu abro as portas e olho nos armários. Tudo está vazio. Não há nada aqui.

Mas... como? Por quê? Jeremy disse que a casa é minha, que tanto Charles quanto Rose tinham sido demitidos. Ou eu não entendi a informação corretamente ou eu não esperava que a expulsão fosse tão... completa.

Ou feita tão rapidamente.

Enquanto eu corro de uma sala vazia para outra, tudo o que posso pensar é que Rose e Charles se foram verdadeiramente. Ambos foram banidos.

Mas, para onde? Não é como se Jeremy fosse apenas deixá-los sair de sua propriedade e para a vida selvagem. Eles sabem muito. Ele não iria arriscar.

Ele iria? Ele poderia?

E aquela coisa que ele gritou no meio de seu pesadelo? Essa frase, **não me toque, Rose?** Isso ainda é algo que eu não sei nada.

Bem, hoje, -agora -é a hora de enfrentar Jeremy sobre isso. Sobre tudo isso. Estou tão perdida e confusa quanto eu já estive. Eu preciso esclarecer. Eu mereço de clareza, depois de tudo o que ele me submeteu.

Não há nada para comer ou beber na cozinha. Eu coloco minhas mãos sob a torneira aberta e tomo um punhado de água. Então eu me viro e deixo a casa abandonada.

A caminhada para a mansão de Jeremy seria absolutamente perfeita se não fosse pelo meu estado mental atual. Os pássaros estão cantando. O sol está quente e brilhante. Todo o verde que me rodeia me faz sentir quase como se eu tivesse surgido em uma terra da fantasia distante, de cavaleiros bonitos e lindas princesas.

—Lar doce lar, — murmuro quando vejo primeiro a mansão através das árvores. Não importa o que aconteceu antes, eu não quero a casa de Rose. Ficar lá pareceria como um desculpa. Preciso estar perto de Jeremy, não isolada dele em outro lugar em sua propriedade. A casa de hóspedes ofereceria uma falsa

sensação de segurança. Eu não posso me permitir cair nessa armadilha. Se Jeremy não está por perto, eu poderia começar a esquecer o que é que eu realmente estou fazendo aqui. Eu me recuso a viver em suas terras, em sua propriedade, sem realmente estar perto do homem. Se eu quisesse realmente me afastar, eu precisaria de um lugar que ele não tivesse mais influenciar. Um apartamento, ou algo assim, na cidade.

Mas Jeremy nunca me deixaria fazer isso. Ele nunca iria simplesmente me deixar ir. Não mais. Não depois do quase acidente na noite passada.

A casa de hóspedes? Não é para mim. Não seria aqui nem lá. Eu não ganharia nada tornando desse meu lugar permanente. E eu poderia estar a ponto de perder tudo.

Eu ando todo o caminho até a parte de trás da mansão, seguindo o caminho que oferece uma vista magnífica sobre o mar e as falésias. Eu acabo na porta para a marquise.

Eu coloco meu rosto contra o vidro e olho dentro. Há o pilar, alto e triunfante no centro do espaço. As pinturas abstratas em preto e branco estão penduradas nas paredes, mesmo que uma vez eu tenha arremessado as placas de vidro em uma tentativa desesperada de me libertar.

Agora, estou do lado de fora. Eu coloco minha mão na maçaneta e a empurro para baixo. E agora, estou de bom grado a uma curta caminhada.

O ar é mais frio no interior. Cortesia fresca do ar condicionado.

A porta se fecha atrás de mim. Eu ando para o pilar e passo meus dedos sobre o mármore liso.

—Olá, velho amigo, — eu digo em voz baixa. —Muita coisa mudou desde que te vi pela última vez.

Eu faço um grande círculo em volta do meu ex-perímetro. Ainda me lembro da corda fina que eu encontrei enrolada no meu tornozelo. A bandeja de comida que Stonehart usou para tentar quebrar a minha vontade. Lembro-me da fome horrível que definiu a minha existência. Lembro-me de vomitar no chão. Lembro-me de minhas roupas sujas e quão magra e miserável me senti quando Rose apareceu pela primeira vez para me lavar.

Eu me forço a pensar em tudo isso. Para focalizar na miséria que Stonehart me fez sentir em sua torcida busca por vingança. Eu faço isso para me fortalecer a minha determinação, para quando eu enfrentá-lo hoje.

Eu entro no closet. Está vazio. Eu sinto um lembrete estranho quando eu olho para os racks vazios. Eu tremo, não gostando da vibração, e me viro.

Eu visito o banheiro. Há a banheira onde Rose uma vez lavou meu cabelo. Eu olho para o teto. E há os azulejos que escondem as câmeras embutidas acima da banheira.

Eu olho para o espelho. É tão estranho ver meu braço em uma tipóia. Eu não sei quanto tempo vai demorar para o osso se curar. Falando nisso, quem foi que colocou o gesso no meu braço? Jeremy? Rose? Outra pessoa, uma enfermeira ou médico que havia sido chamado? O que eles pensaram de mim quando me viram desmaiada e com as marcas no meu rosto? Os sinais de abuso eram óbvios...

E, no entanto, assim como há políticos corruptos e empresários corruptos, existem médicos e enfermeiras e pessoal médico corruptos. Jeremy me disse o quão fácil é para pagar alguém. Se um médico me viu, eu não tenho nenhuma dúvida de que ele foi persuadido em silêncio pelo dinheiro de Jeremy.

Tanto faz. Essa é a menor das minhas preocupações. Há questões muito mais pertinentes em minha mente: o comportamento de Charles, o papel de Rose nas coisas, a participação de Hugh.

Eu ando pelo longo corredor de tijolos que me levou para o meu primeiro gosto de liberdade. Eu passo meus dedos sobre as paredes vermelhas ásperas. O que quer que eu esperei quando cheguei a deixar a marquise da primeira vez, onde quer que eu pensei que chegaria tão longe no futuro, não é definitivamente aqui. Ninguém poderia ter previsto a maneira como as coisas aconteceram. Inferno, era suposto eu ser a “assistente pessoal” do Stonehart por mais quatro anos e meio.

E agora? Agora eu estou andando para encontrar o homem que quase me transformou em uma assassina na noite passada.

Eu paro antes de alcançar a porta final. Que dia é hoje? Domingo? Ou segunda-feira?

Se for o último, Jeremy estaria no trabalho. Ou melhor, ele deveria estar no trabalho. Quem sabe se ele chegou às Indústrias Stonehart na manhã depois que ele absolutamente se embebedou?

Espero, para o meu próprio bem, que ele esteja em casa. Eu preciso falar com ele. Desesperadamente. E isso tem que ser feito face a face. Um telefonema não resolveria.

Falando nisso, onde está o meu celular? Não me lembro de quando foi a última vez em que o usei. Ou onde eu poderia tê-lo deixado.

Eu estou protelando. Eu quero encontrar Jeremy, mas a perspectiva de ficar frente a frente depois de tudo o que aconteceu é... intimidante. O confronto será desconfortável, para dizer o mínimo. Como você encara alguém que forçou você a pressionar uma arma apontada para sua cabeça?

Jeremy está estável? O comportamento que ele mostrou ontem à noite é uma clara evidência do contrário. E eu já sei de sua propensão a mudar em um piscar de olhos. Antes, eu pensava que ele fazia isso conscientemente. De certa forma, ele se tornou o homem que precisava ser para se adequar ao seu humor.

O álcool foi o catalisador que o fez tão diferente de si mesmo na noite passada? Ele não era nem Jeremy nem Stonehart, não com base no meu entendimento anterior dos dois. Ele era apenas... Outra pessoa. Alguém completamente diferente.

Poderia ter sido o licor. Parecia que ele tinha dormido mal. Como se tivesse passado por maus bocados e apenas conseguiu sobreviver.

O álcool foi um fator contribuinte. Mas ele não contou a história completa. Algo o manteve acordado. Algo o fez chegar até a garrafa.

Tenho uma lembrança da noite em que ele tinha tirado o colar no Caribe. Ele estava em um estado semelhante. Afligido. Ele admitiu que foi por causa de sua preocupação por mim.

Poderia essa mesma preocupação tê-lo impelido a parecer como ele pareceu quando eu acordei na noite passada?

Mas maldito seja, onde estava essa preocupação quando ele me bateu no jantar? Onde estava essa preocupação quando ele quebrou o meu braço?

Eu não posso deixar isso me afetar. Eu não vou. Eu não vou ser influenciada por seu remorso. Não importa o quanto ele possa abrigar, nunca vai justificar o que ele fez.

Assim, a estabilidade? Eu não tenho certeza de mais nada. Stonehart era imprevisível. Mas ele estava sempre, sempre no controle!

Um Jeremy, sem o controle, assusta-me mais do que qualquer coisa.

Eu respiro fundo, arrastei meus pés por tempo suficiente, e abro a porta final.

O lobby está tão impecável e estéril como sempre.

—Olá? — Eu chamo. Meus passos ecoam contra o chão de mármore. — Jeremy, você está aqui?

Eu espero por uma resposta, embora eu espere nenhuma. Se ele está aqui, ele provavelmente estaria em seu escritório. Esse quarto parece ser o ponto em que sempre nos encontraremos em tempos de aprisionamento.

Eu vou para a sala de jantar primeiro, no entanto. Eu quero ver se há alguma evidência do jantar malfadado.

Nada. A sala está perfeita. Na verdade, a luz do sol brilhante da manhã parece fazer uma paródia de tudo o que aconteceu da última vez em que estive aqui.

Eu ando pela cozinha, fazendo uma pausa diante da despensa, que não é uma despensa. A única com todo o monitoramento dentro.

Eu hesito. Eu quero entrar? Eu desliguei as câmeras há muito tempo. Mas talvez haja certa segurança proporcionada em tê-las de volta. Poderia ter sido o suficiente para impedir Jeremy de transformar-se em um monstro impiedoso no jantar? Poderia a ameaça ter sido filmada o bastante para me manter a salvo?

Pode ser. Irônico como é, eu me sentiria melhor enfrentando Jeremy Stonehart hoje sabendo que a nossa interação estava sendo gravada. Eu não quero que o mundo veja o que ele fez comigo quando eu era sua prisioneira. Mas agora que estou livre, e nossos papéis mudaram, acho que posso enviar as imagens do que acontece... em caso de necessidade.

Então eu ando na despensa e digito o meu código de acesso. Eu sinto um pouco de ansiedade nos segundos que o sistema leva para aceitar minha senha,

(será que Stonehart recuperou o controle?), mas quando ele passa eu vejo, pela primeira vez, que Jeremy estava dizendo a verdade.

As câmeras estão todas desligadas, como eu as tinha deixado. Com poucos cliques do mouse, elas estão de volta. Imagens da casa preenchem a tela. Eu digitalizo uma a uma. Cada quarto está vazio. Cada corredor, cada banheiro está abandonado.

Eu olho para a câmera no escritório de Jeremy. Para minha surpresa, ele não está lá. Eu estou sozinha nesta casa? Eu tenho que esperar até o anoitecer, mais uma vez, para ser capaz de falar com ele?

Em seguida, um breve lampejo de movimento me chama a atenção. Eu olho para a tela e vejo, no canto, o que eu acho que é a ponta de um sapato. É difícil dizer com a resolução da câmera. E então, lá está! Eu vejo se mover novamente, abaixo na tela.

É a câmera de um porão. Eu tento olhar pelas outras câmeras naquele espaço. Não há nenhuma que dê o ângulo apropriado. Eu não apenas imaginei o pé. Jeremy está lá. Ele construiu esta casa. Ele provavelmente projetou o sistema de câmera por si mesmo. Assim, isso só faria sentido se ele soubesse dos pontos cegos.

O interessante é que ele teria tido a presença de espírito para antecipar meu uso das câmeras novamente. Ou talvez ele esteja lá apenas como medida de precaução. Jeremy está sempre pronto para um plano de contingência.

Faço uma pausa um pouco antes de me virar. Devo deixar as câmeras ligadas, ou desligadas? Eu quero a casa cega, ou eu preciso da camada extra de segurança?

Eu não quero uma repetição da noite passada. Isso me assustou muito mais do que Jeremy me agredir no calor do momento. Um braço quebrado pode curar. Uma bala no peito é para sempre.

É preciso uma quantidade inesperada de força de vontade para apertar o botão "REC"(gravar). Mas então, apertado o botão, e saio do sistema. Aconteça o que acontecer entre mim e Jeremy, não terá o benefício de permanecer escondido.

Eu me preparo para o próximo encontro e saio da sala.

Eu desço ao porão e passo pela piscina. Uma rápida olhada no bar me diz que Jeremy continua bebendo. Foda-se, mas eu espero que eu não o encontre embriagado novamente. A última coisa que eu quero é que ele esteja longe como estava ontem à noite.

Eu me certifico de bater meus pés um pouco mais forte contra o chão para que ele saiba que eu estou chegando.

Eu entro na sala distante e o encontro tomando uma bebida. Ele está reclinado em uma poltrona com uma mão jogada sobre seus olhos.

—Lilly, — diz ele. —Eu estava me perguntando quanto tempo demoraria a me encontrar.

Ele está usando exatamente as mesmas roupas de ontem à noite. Por que ele não se trocou? Ele normalmente se importa muito com sua aparência. Agora, parece que ele não dá a mínima.

O desgaste de Jeremy Stonehart me incomoda mais do que eu posso dizer.

—Você dormiu? — Pergunto-lhe.

Ele dá uma risada. —Hah! — Em seguida, ele se levante e pisca. Seus olhos levam um longo tempo para encontrar os meus.

O medo congela minhas entranhas. Um olhar para o seu rosto é o suficiente para me dizer que tudo o que ele vem fazendo desde que me deixou foi afogar-se na bebida.

Existem profundas equimoses escuras sob os olhos. Eu não posso nem ver o branco ao redor de sua íris mais. Suas pupilas flutuam em um mar de vermelho. Sua penugem é quase grossa o suficiente para ser chamada de uma barba. Há linhas na testa que nunca foram visíveis antes. E mesmo que sua voz seja firme, ela oscila quando ele fala.

—Você parece bem, Lilly, — diz ele. —Muito melhor do que eu. Parabéns. Você deve estar orgulhosa.

Ah, sim, ele está definitivamente bêbado.

—Você até mesmo chegou a parar de beber? — Pergunto. Eu mordo meu lábio, em seguida, tomo uma chance e caminho até ele. Ele se senta direito e observa minha abordagem. Ajoelho-me, me apoiando no braço da cadeira. — Jeremy... o que você está fazendo para si mesmo?

Ele olha para mim como um homem perdido. Como ele está sozinho no mundo e não sabe que caminho seguir.

Seus olhos procuram meu rosto, e depois caem no meu braço quebrado. — Eu sinto muito, — diz ele com voz rouca.

—Eu não quero o seu pedido de desculpas, — murmuro. —Nem quero o seu remorso. Eu quero uma explicação, Jeremy. A única que você tem evitado me dar por tanto tempo.

Ele toma uma respiração profunda. —Eu fodi as coisas, não é? — Ele pergunta. Um tom de desespero enche sua voz. —Eu arruinei tudo que nós construímos. —Ele chega para tocar meu rosto. Eu viro minha cabeça e não o deixo me tocar.

Ele deixa a mão cair em derrota.

—Eu sinto muito, Lilly, — diz ele novamente. —Eu não mereço você. Você deve me deixar. Agora. Você deve me deixar agora, e eu prometo que vou deixar você ir. Será a demonstração final do meu amor. Por que... Por que, porra, olhe para você! —Ele toca o dedo no meu braço quebrado, nas marcas no meu rosto. —Eu fiz isso. Eu fiz isso para a mulher que eu amo. Emoções... voaram alto naquela noite. Você não me ouviu. Eu agi por impulso. Toda a catástrofe do jantar foi um grave erro de cálculo da minha parte. Eu pensei que poderia lidar com isso. Confrontar os demônios do meu passado com Hugh e Rose. Fundí-los com o que tenho no presente em minha casa e prosperidade. Protegendo-me com isso com o que eu tenho no futuro, com você.

Ele tosse repente, engasgando com um pouco de saliva. Eu nunca vi Jeremy assim.

—Você precisa se trocar, — eu digo-lhe em voz baixa. —Tomar banho. Dormir. Você não está fazendo qualquer sentido agora. Eu vou cuidar de você até que você esteja sóbrio e descansado. Mas então? Então, Jeremy, teremos uma discussão solene.

Ele ri na minha cara. —Você vai cuidar de mim? Depois de tudo que eu fiz para você? Você é insana, Lilly? Ou eu sou o louco? Eu estou dando-lhe um fora. Deixe-me , agora, e não olhe para trás. Esqueça-me e tudo o que aconteceu. Esqueça...

—Jeremy, — eu digo o nome dele suavemente, mas com firmeza. —Eu não posso fazer isso. Eu não posso simplesmente esquecer.

—É claro, — diz ele. —Cicatrizes do passado se misturam com as cicatrizes do presente. Você ainda não teve sua vingança sobre mim ainda.

—Vingança? — Eu digo, assustada. —Que vingança? Do que você está falando?

—Você quer me arruinar, — diz ele. —Você quer se vingar por todas as coisas que eu fiz para você no escuro. Eu sei que você quer, Lilly. Eu posso ver o desejo em seu rosto. Você acha que esconde. Mas, eu tenho medo de dizer, você é bastante transparente.

—Eu sei como se parece uma busca por vingança. Eu conheço o triunfo final que vem quando você consegue sua vingança. Eu tenho feito isso. Eu vivi isso. Eu estive lá.

—Então você não pode esconder isso de mim, minha doce Lilly-Flor. Eu sei qual é a razão de você ficar. Mas eu aviso a você, você não será bem sucedida.

—Você sabe por quê? Porque você já fez isso. Olhe para mim! —Ele zomba. —Olhe para mim. Escondendo-me no escuro, escondido no porão da mulher que eu amo. A mesma mulher que quer conduzir uma estaca no meu coração.

—Jeremy, não.

—Apenas ouça! Eu lhe dei a sua chance. Você poderia ter puxado o gatilho. Você iria se livrar de mim. Isso não mostra o desespero que eu sinto? Não lhe mostrar o quão longe eu caí? Quão longe você me derrubou?

—Eu não fiz nada...

—Ah, mas é aí que você está errada! É aí que você está errada, muito errada. Você exerceu influência sobre mim, Lilly, e esse é o tipo mais crítico do poder que existe. Você me fez degradar-me... nisso. —Ele olha para si mesmo. —Sou um escudo quebrado e em ruínas do que era um homem. Você acha que eu não sei o que eu fiz com você há duas noites? Apesar de todas as minhas promessas, apesar dos meus esforços em contrário?

—Você me colocou em um estado de espírito raro, Lilly. Atrevo-me a dizer que não acontecerá novamente. Então, saia agora. Tenha a sua vingança. Perder você para sempre, deixar-me é mais do que posso suportar. Eu não sei o que será de mim. As Indústrias Stonehart, eu ainda vou gerenciar. —Ele ri mais uma vez. —Eu entendo essa vontade de consumir-me até o fim dos meus dias. Algo para afastar a dor. Para ocultar a perda. Sem você, não haverá mais nada para sentir.

Nada que eu vou ser capaz de sentir. E talvez as coisas sejam melhor assim. É o que eu mereço, depois de tudo. Distância. É o que eu construí na minha vida.

—Jeremy, — eu tomo uma respiração profunda. —Você não está bem. Você precisa dormir. Podemos conversar depois...

—Foda-se depois! Nós estamos falando agora, Lilly. Eu fiz a minha decisão. Você pode ir. Eu não vou segui-la. Saia agora. Deixe-me sozinho. Saia da propriedade. Afaste-se da minha propriedade. Talvez a arma tenha sido demais. Pode ser...

—Jeremy, — eu digo. —Eu não estou a ponto de deixá-lo assim.

—Ouça-me! — Ele sussurra, agarrando o meu braço. —Você quer saber o meu objetivo final, Lilly? Você quer saber o que eu pretendia fazer com você?

Ele está falando com o fervor de um louco. Seus dedos cravam em minha carne com força surpreendente.

—Quando eu a trouxe aqui, Lilly, você sabe o que eu queria fazer? Não. Eu nunca te disse. Você só podia adivinhar. Mas a verdade vai assustá-la além de qualquer coisa que você poderia ter imaginado.

Seus olhos brilham com zelo maníaco. —Eu não queria matá-la, Lilly, se é isso que você está pensando. Ah, não. Nunca fui tão bruto quanto isso. Minhas intenções eram muito, muito mais mal-intencionadas.

—Eu dei-lhe cinco anos do contrato. Eu não tinha a intenção de que você durasse tanto. Dois anos, três, talvez, no máximo. Antes eu a expulsaria.

—Essa foi a minha grande ambição.

—Eu queria fazê-la dependente de mim para tudo. Eu queria isolá-la do mundo exterior, de modo que tudo o que conhecesse fosse eu. Eu queria você completamente em meu poder, completamente ao meu alcance. O dia que nos conhecemos, você se lembra do que eu disse sobre o passeio de elevador até o meu escritório? Que eu queria sua mente?

—Isso foi sempre o coração disso. Você sabia das minhas intenções imediatamente. Eu queria fazer você tão dependente de mim que você não seria capaz de sobreviver de outra forma. Eu queria possuir você, Lilly. Eu queria que cada pensamento que passasse pela sua linda cabecinha girasse em torno de mim. Eu queria levar você tão profundamente que você seria incapaz de sobreviver sem mim.

—E então, quando eu chegasse lá? Uma vez que eu controlasse seu corpo, espírito e mente? Então eu jogaria você fora. Iria despejá-la na rua e deixá-la aos lobos. Você estaria quebrada. Miserável. Fraca. Você não teria nada em seu nome. Você não saberia nada, exceto como me agradar. E com essa saída, o que você faria em seguida?

—Eu não sei. Era minha esperança e ambição final assistir você descer na loucura. Primeiro eu tive que ensinar-lhe que tudo o que você sabia girava em torno de mim. Então, eu iria tirar isso de você, sem piedade, sem remorso. E você estaria tão perdida quanto seu pai está. Você estaria perdida, Lilly, e sua mente teria ido embora!

—Você vê agora? Você vê o tipo de homem que eu sou? Isso é o que eu queria fazer com você. Eu queria quebrar você. Fazer você sofrer, não fisicamente, mas mentalmente. Internamente. Esse foi o meu grande plano de vingança.

—Tudo o que eu configurei tinha a ver com você começar nesse ponto. O colar. As restrições. As regras. Mesmo esses malditos TGBs. Você se lembra deles, não é? —Ele ri. —O Dextrano? Esse foi o incentivo para eu enganar você. Eu iria criar seu mundo com ele, e levá-la a acreditar nisso era a minha intenção final. Considerando que, na verdade? Na verdade, isso não era nada!

—Então vai! Deixe-me! É por isso que você precisa ficar longe. É por isso que você deve fugir. Eu coloquei tudo para fora por você. Você não vê, Lilly? A conquista de sua mente... isso era o que eu estava construindo. Eu sabia que ia ser o fim mais duro de alcançar. Seu corpo? Eu poderia tirar isso de você. Deus sabe que eu a estuprei muitas vezes no escuro. Isso foi fácil. Qualquer homem com os recursos adequados e força suficiente poderia fazer isso.

—Ganhar o controle de sua mente, no entanto? Esse foi o desafio. O desafio que eu poderia realizar.

Ele solta meu braço. Eu cambaleio de volta, fora de equilíbrio. Ele continua:

—Mas não consegui. Eu falhei, Lilly, no momento em que eu me apaixonei por você. Eu tentei lutar contra isso. Eu lhe disse o que eu fiz. Mas você foi a única que me conseguiu, aqui. —Ele toca o lado de sua cabeça. —Eu queria a sua mente, mas, na realidade, você tem a minha.

—Então esse é quem eu sou. Você sabe tudo. Eu ia deixá-la sem dinheiro na rua. Pergunte-se: Será que esse é o tipo de homem que você pode estar ao redor?

—Jeremy...

—Não! Não responda. Apenas fuja, Lilly. Por favor. Por favor, vá embora. Eu não mereço você. Há um lado de mim que eu não posso controlar. Ele saiu no jantar. Na noite de sexta-feira. Eu a feri uma vez, e foda-se, mais de uma vez, e eu posso fazê-lo novamente. Para seu próprio bem, vá. Seja livre de mim. Deixe a mim e ao meu império em ruínas.

—Jeremy. — Eu digo com firmeza. Eu tomo sua mão e olho em seus olhos. Vejo umidade lá, uma simples sugestão de lágrimas.

Ele tenta desviar o olhar. Usando minha mão boa, eu toco sua bochecha e o forço a olhar para mim.

—Eu não vou a lugar nenhum, — digo a ele. —Olhe para mim, caramba! Não se esconda. Eu não vou deixar você assim. Você colocou tudo na linha para mim. Isso vale alguma coisa. Então, eu vou também.

—Você está certo, Jeremy. Você me assusta. Francamente, você me aterroriza. Eu nunca sei qual lado seu vou obter. Gentil, doce, e carinhoso? Ou frio, cruel, e manipulador?

—A maioria das pessoas opera em um único nível. Elas são apenas uma pessoa. Você... você é tão complexo. Você tem tantas camadas. Seja por causa de sua educação ou a partir do que você construiu para si mesmo. Eu não sei. Você é capaz de coisas horríveis. Mas, isso é importante, você não é definido por elas.

—Há bondade dentro de você. No entanto, você se rebela contra ela. Eu vejo isso. Eu vejo o quão duro você tentar ser a pessoa que as Stonehart Indústrias precisa no leme. Você não pode se dar ao luxo de ser emocional. E, no entanto, quando estou ao redor, você não pode se conter. Faz com que você... seja mais humano.

—A bondade não compensa o seu outro lado, Jeremy. Não me interprete mal. Mas, assim como o potencial para a violência me assusta, o potencial de doçura e carinho me mantém perto.

—É isso que eu acho que eu tenho com você: Isto, em constante mudança, sempre em fluxo... Essa coisa indefinível. Nossa relação. Nós dois somos culpados de fraude, mesmo que tentemos negar. Mesmo que juremos um ao outro que não vamos mentir.

—Mas esse é o tipo de coisa que nos define, não é?— Eu dou uma risada desconfortável. —A incerteza. A complicação. Eu não vou sair agora, Jeremy, nem nunca. Porque nadacomo isso... —Eu tomo sua mão de novo e ligo os nossos dedos juntos, —... nada como nós jamais será novamente possível para mim. Não há nada e ninguém como você.

—Então, nisso você está errado. Você me conquistou. Você tem minha mente. E o meu coração. Droga. Quando acordei depois de desmaiar, eu jurei que nunca iria amar você de novo. Eu disse que não podia amar um homem que faz isso... —Eu olho para o meu braço quebrado. —... comigo. E, no entanto, olhe para mim. Aqui estou eu, despejando meu coração.

Eu suprimo um pequeno soluço. —Você já fez isso, Jeremy. Você já reivindicou minha mente. Mas eu não acho que você é capaz de executar a próxima parte de seu plano. Você não vai me expulsar. Você pode me mandar embora, com certeza. Mas você não vai fazer isso. E eu nunca vou deixar você sem uma luta.

—Por quê? — Jeremy pergunta. Ele soa desesperado.

—Por quê? — Eu repeti. —Originalmente, era pela vingança. Você está completamente certo. Eu tinha que me vingar pelas coisas que você fez comigo. Esse era o meu plano, o tempo todo, a partir do momento em que eu assinei o seu maldito contrato.

Ele me dá um sorriso fraco. —Eu sei que era.

—E ela ainda estava lá quando partimos para o Caribe. Estava lá quando você tirou a coleira. Mesmo no dia em que queimou o contrato e me deu acesso à sua casa. Sempre, sempre estive lá.

—E agora? — Jeremy pergunta suavemente.

—Agora... não foi embora, — eu admito. —Assim como você queria me quebrar, eu queria prejudicá-lo. Eu queria fazer você se acovardar diante de mim. Eu não sabia como eu iria fazê-lo. Mas eu sei que eu não tinha nada, só o tempo para encontrar um caminho.

—Você sabe por que eu mandei Fey e Robin se afastarem, depois de trazê-los para Boston para ver você? Eu precisei me livrar deles. Eu estava com medo que fosse arruinar meu plano para me vingar de você. Eles queriam me levar para longe de você. Mas se eu fosse embora, como eu poderia fazer jus à promessa que fiz a mim mesma no meu último dia no pilar?

—E essa promessa foi?

—Para trazê-lo de joelhos, — eu sorrio de novo, fracamente. Eu sinto tudo instável. Estas não são coisas que eu pensava jamais admitir para Stonehart. Estes eram, (*são?*), meus Desejos mais íntimos. As coisas que me guiavam em tudo o que fazia.

—Você sabe, — diz ele, olhando no fundo dos meus olhos. —Algumas promessas foram feitas para serem quebradas.

—Eu sei, — eu digo, segurando forte sua mão.

—O que mudou?

—Alguma coisa em você... na noite passada. Você me deu a arma. Você tentou me fazer puxar o gatilho. E eu não pude fazê-lo.

—Só quando eu acidentalmente disparei o tiro... e percebi que você poderia ter sido morto... fez-me entender que a verdadeira razão que eu permaneci, não tinha nada a ver com vingança. Pelo contrário, era porque eu não queria estar em outro lugar. Mais importante para mim do que a vingança, Jeremy, é o entendimento.

—Entendimento?

—De quem você é. De porque você faz as coisas que você faz. De como é possível você me fazer sentir assim. De por que o amor ainda está no radar depois de tudo a que você me submeteu.

Ele sorri fracamente. —A sua conclusão?

—Eu não tenho uma ainda, — eu digo a ele, séria. —Seria bom se eu soubesse sobre Rose, Charles, e Hugh. Aqueles três e eu parecemos ser as figuras centrais em sua vida. Você sabe que você gritou algo quando eu me assustei com seu pesadelo?

Jeremy exala e fecha os olhos. —Eu gritei?

—Sim. Você gritou: ***“Não me toque, Rose”***.

Eu inclino o queixo para cima. —Eu quero saber o que isso significa, Jeremy. Eu quero saber o que Rose foi ou é sua. Qual é a sua história? Qual é o seu passado? Eu quero saber, e eu acho que eu mereço saber, porque agora, oficialmente, não tenho segredos para você. Você sabe por que eu os mantive em

primeiro lugar. E você sabe o que eu o ouvi gritando à noite. Verdade é o que você sempre quis, não é? Verdade e honestidade e confiança?

—Isso não vai mais profundo do que isso. Você me viu, tudo de mim. Eu já lhe disse como minha atitude em sua direção mudou. Temos dezenas, centenas de coisas que ficaram por resolver. Mas o núcleo tem sido exposto. Você conhece o meu e eu conheço o seu. Estamos na mesma página agora, por assim dizer.

—Então me diga, Jeremy. Você vai me deixar ver quem você é? Você vai finalmente abaixar suas paredes? Por que... não me resta mais nada.

Jeremy Stonehart me olha em silêncio contemplativo por um longo tempo. Por fim, ele fala.

—Você me deu muito que pensar, — diz ele, de pé, gentilmente me empurrando para o lado. —Essa é ao sua escolha? Você não vai sair? Você vai ficar comigo, apesar de tudo o que fiz e tudo o que sou capaz de fazer?

—Sim, — eu digo. —Sim, Jeremy, eu vou ficar. Mil cães na noite não me poderiam perseguir. Você está na posse de todos os meus segredos agora. O que você faz com eles? Isso é contigo.

—Eu vou guardá-los, — diz ele com firmeza. —E eu vou dizer-lhe cada coisa que você quiser saber. Sobre mim. Sobre Rose. Sobre o nosso passado. Mas, primeiro, —ele dá uma piscadela pequena manhosa,— Eu acho que estou muito atrasado para um banho.

Capítulo Dezesseis

Quando Jeremy sai uma hora mais tarde, ele é um homem transformado.

Seus olhos ainda estão um pouco vermelhos, mas por outro lado ele está perfeito. Impecável. Impressionante. Bonito.

Ele está barbeado e mudado. Seu cabelo está arrumado, como de costume. Seu terno cinzento está muito longe da roupa puída de antes.

E lá estou eu, vestindo um moletom descartável e camiseta. Roupas de grife, claro, eu não tenho mais nada, mas falta muito em comparação com Jeremy Stonehart. Mais uma vez, eu me sinto um pouco inadequada. Jeremy é um homem intimidador. Ele tem esse efeito.

Eu balanço minha cabeça um pouco para deixar de lado essas dúvidas. Elas não servem de nada e não têm lugar. Não aqui. Não agora. Não quando há tantas coisas mais importantes no horizonte.

—Então, — Jeremy fica na minha frente. Estamos em uma das enormes salas no piso térreo de sua mansão. O sol que brilha através da janela faz com que o dia traga possibilidades claras e completas. É uma mudança drástica da sala escura onde encontrei Jeremy mais cedo. —O que você quer saber?

—Primeiro o mais importante, — eu digo. —Eu vou voltar a trabalhar?

Jeremy não hesita em responder: — Não

—Eu pensava assim, — murmuro. —Eu quero um computador, então.

—Muito bem.

—Eu não quero que ele seja monitorado.

Ele franze a testa. —Tudo bem, — diz ele finalmente.

—Não há truques desta vez, Jeremy. Você não pode revelar-me mais tarde que você está assistindo o tráfego de dados na rede porque não constitui monitoramento no computador. Não há detalhes técnicos. Eu não quero que qualquer coisa que eu faça no computador seja visível para você.

—Então, o proteja com uma senha, — diz ele com um leve sorriso. —Este não é um grande problema para mim, Lilly.

—Realmente? Eu acho que ainda é.

—Talvez, — ele brinca. —Talvez você esteja certa. Mas eu não vou fazer disso um problema, se isso faz diferença.

—Faz, — eu digo. —Obrigada.

Ele gesticula para eu ir em frente.

—Quem colocou o gesso no meu braço?

—Uma enfermeira. A mesma que me ajudou a avaliar o seu estado de saúde quando você estava no escuro.

—Não Rose? — Pergunto.

Jeremy sorri. —Não, — diz ele. —Não foi ela.

—Então quem?

—Uma amiga que me deve favores antigos.

—Não foi... seu irmão, também, certo?

Os olhos de Jeremy escureceram por um momento assustador. Em seguida, ele responde: — Não. Ele não.

—Ok, — eu digo. —Bem. Minha opinião sobre isso é que, cada vez que você faz alguma coisa... infeliz para mim, você tem alguém de plantão para garantir que eu sobreviva? Isso está certo?

—Por que, Lilly, — Jeremy comenta. —Parece que você arranjou um desses desapegos que você constantemente me acusa.

Estou quase relaxada o suficiente para dar a língua para ele. Mas isso minaria o que estou tentando alcançar. Eu me contento com um sorriso soberbo e singular.

—Próxima, — eu digo. —Temos que discutir Rose.

—Sim, — Jeremy concorda. —Nós temos.

—Então? — Pergunto. —Quem é ela? Qual é sua relação com seu pai? Com você? Ela não sabia que ele viria jantar naquela noite. E Charles. Por que Charles atacou Hugh? O que diabos estava acontecendo aqui? Que tipo de catástrofe você criou?

—O encontro entre Rose e meu pai... — Jeremy exala. —... foi há muito tempo.

—Eu poderia deduzir isso.

—Você se lembra daquele dia em Boston, quando eu perguntei-lhe se Hugh mencionou Rose?

—Sim, — eu digo. —Eu não sei por que a mencionaria.

—As probabilidades eram nulas, — diz Jeremy. —Ele não sabia que ela trabalhou para mim.

—Trabalhou? — Eu digo. —Como em tempo passado? Você disse que a despediu e a Charles. Eles não estão aqui mais? Eu não posso imaginar que você apenas iria deixá-los ir. Mas eu vi sua casa. Ela foi abandonada.

—Isso está... Atualmente em fluxo, — diz Jeremy. —Eu tinha que saber onde eu estava com você antes de fazer minha escolha final.

—E?

—Os dois estão fisicamente bem. Rose tem um nariz quebrado. Mas você era a pessoa que sofreu mais danos na noite. E, para isso de novo, eu realmente sinto muito.

—Jeremy, — eu olho direto em seus olhos. —Pare de se desculpar. É diferente de você. Eu disse a você quão pouco aquelas palavras significam para mim, de qualquer maneira.

—Você acha que elas são vazias, — diz ele. —Vindas de mim.

—Não só de você, não, — Eu balancei minha cabeça. —De ninguém. Desculpas nunca significaram muito. Ações definem uma pessoa melhor do que o remorso mais tarde.

—Falou quase como um homem, — Jeremy ri.

—Bem, eu não sou tão sentimental como a maioria das mulheres.

—Não, — ele concorda. —Você certamente não é. Outra razão pela qual você mantém tal poder sobre mim.

O sorriso que se forma em meus lábios é completamente natural.

—Então, — eu digo, desviando o olhar para esconder o meu rubor crescendo. —Seu pai não sabia que Rose trabalhou para você. Da mesma forma, ela não sabia que Hugh estava sob o seu comando. Certo?

—Correto.

—Mas eles têm uma história. — Sento-me e enfrento Jeremy. —Conte-me. Quem é Rose? O que ela fez para você? Por que você gritou para ela fugir em seu pesadelo?

—Eu tive um flashback, — diz Jeremy. —Da minha juventude.

—Conte-me.

—Rose era... Eea era uma das sócias do meu pai. Ela trabalhou com ele lado a lado em sua empresa.

—Eu sabia! — Eu explodo. —Eu sabia que ela era mais do que parecia.

—Sim, mas isso nem mesmo começa a explicar o nosso relacionamento. — Jeremy suspira. —Estas são memórias sombrias, Lilly. Que eu não acho que eu seria forçado a voltar.

—Sinto muito, — eu digo. —Mas eu tenho que saber.

—Sim, — Jeremy exala. —Você tem.

—Tudo começou quando eu tinha doze anos. Meu pai não trazia qualquer um de seus colegas para a nossa casa. Ele sediou um jantar ocasional festivo, onde todos nós tivemos que fingir que éramos uma família normal, funcional. Mas mais do que isso? Nada.

—Foi uma piada, cada vez. Meu pai e meus dois irmãos mais velhos estavam unidos em um só lado. Minha mãe e eu estávamos no outro. A divisão tinha chegado sobre a nossa família. Foi há muito tempo. Os lados foram escolhidos e alianças foram feitas. Claro, como qualquer conflito interno, as linhas foram perpetuamente borradas.

—Eu olhei para os meus irmãos, apesar de seu desdém óbvio por mim. E eu sempre tentei viver as expectativas de meu pai. Eu disse a história da arma.

Mesmo com isso pendurado no fundo e constantemente pairando sobre nós, manchando qualquer relacionamento que ele e eu poderíamos ter tido, eu ainda queria deixá-lo orgulhoso. Mas eu era apenas um garoto. Eu não sabia de nada.

—De qualquer forma. No ano em que completei doze anos, eu fui apresentado primeiramente a Rose. Ela veio para o jantar no feriado. Lembro-me claramente, porque o tipo de afeição aberta que meu pai exibia em direção a ela naquela noite, tornou óbvio para mim que eles estavam tendo um caso.

—Claro que, como um menino de doze anos, eu nem sabia o significado da palavra. Eu só sabia que o modo como meu pai interagia com Rose era o modo que ele deveria interagir com a minha mãe. Isso me fez odiá-lo, e a ela, ainda mais.

—Minha mãe não foi particularmente afetada. Quero dizer, ela estava presa: presa por seu casamento e ligada ao meu pai. Mas eu acho que a verdadeira razão pela qual ela permanecia com ele... e a razão pela qual ela ainda era sua esposa no dia em que morreu... foi por minha causa.

—Ela não podia deixá-lo. Deixá-lo significaria me deixar. E ela não podia simplesmente me levar embora com ela. Ela já tinha perdido um filho. Lembra-se? Meu gêmeo. Ela não iria desistir de um segundo, não importa o quão duro suas condições de vida fossem.

—Então, todos nós nos encontramos com Rose pela primeira vez naquela noite, no jantar de Natal. No ano novo, ela retornou à nossa casa. Meu pai a trouxe com ele depois do trabalho. Eles se trancaram em seu escritório juntos. Quando eu perguntei a meus irmãos o que eles estavam fazendo, eles riram e me disseram, “trabalho”.

—Está claro agora, com o benefício da retrospectiva, com o benefício da idade, o que estava acontecendo. Mas como um menino de doze anos de idade? Tudo que eu tinha era um pressentimento. Eu não tinha ideia de que eles estavam fazendo sexo. Eu não tinha ideia de que eles estavam transando na mesma cama em que fui concebido.

A voz de Jeremy assume um zelo aquecido. —Mas uma noite, eu os vi. Eu entrei, Lilly, enquanto ia buscar um copo de leite. Eles estavam transando com direito a céu aberto, bem no meio do chão da cozinha.

—Eles não esperavam que alguém fosse encontrá-los. Era tarde da noite. A casa inteira estava dormindo. Eles pensaram que estavam seguros, ou talvez eles simplesmente não se importassem.

—De qualquer forma. Eu os assisti, fascinado, enojado, com repulsa, intrigado e curioso ao mesmo tempo. Você não sabe o que é ver seu pai tendo relações sexuais, especialmente quando é o seu primeiro encontro ao vivo do ato. Ele permanece com você para a vida inteira. As imagens... Lembro-me das imagens com tal clareza, mesmo agora.

Ele para. Sua mandíbula se aperta.

De repente, muito mais do comportamento e da atitude de Jeremy para o sexo faz sentido.

Mas isso não está no coração dele. Nem mesmo perto. Eu tenho uma suspeita de que ele está a construindo. Isso está lá, à espreita no fundo da minha mente, desde que ouvi as palavras: ***Não me toque, Rose.***

Ele continua:

—Ela me viu primeiro. Ela engasgou, e trouxe a atenção do meu pai para mim. Ele amaldiçoou e se afastou.

—Agora imagine o seguinte: Seu pai, correndo em direção a você, meio nu, sua ereção ao mesmo nível que seu rosto, balançando para frente e para trás com cada passo, com raiva. O que você faz, se você tem doze anos? Você foge? Ou você fica congelado no local, meio espantado, meio apavorado?

—Claro que você não pode se mover. É claro que tudo que você faz é olhar. Então meu pai me bateu e me jogou no chão, gritando para eu sair, só então fugi pra longe.

—Nós não falamos do incidente no dia seguinte... Ou na semana seguinte. Eu não poderia compartilhá-lo com ninguém. Como eu poderia? Eu tinha vergonha, vergonha. E os olhares lascivos do meu pai me diziam que ele sabia exatamente como eu me sentia.

—Então, eu tentei imaginar a coisa toda como um sonho ruim, como nada mais do que um terror noturno. Mas nada poderia apagar a memória da minha mente.

—À medida que as semanas passavam, porém, lentamente, o impacto disso começou a desvanecer-se. A cada dia, o imediatismo disso começou a se tornar cada vez menor. Eu pensei sobre isso com menos frequência.

—Ou seja, até o dia depois do meu aniversário de treze anos.

—Nós não comemoramos. Só a minha mãe me deu algo. Eu nem me lembro do que era o presente. Mas na noite seguinte, meu pai chegou em casa com Rose a reboque. O olhar que ela me deu quando entrou em casa era algo sinistro.

—A verdade da questão é que ela se lembrava do incidente, também. Naquela noite, quando eu estava quase dormindo, ouvi a fechadura da porta do meu quarto ser forçada. Eu tinha há muito aprendido a mantê-la bloqueado para manter meus irmãos longe, ou pelo menos me dar um aviso antes que eles entrassem para fazer algo desagradável.

—Era apenas um bloqueio. Você sabe. Do tipo que pode ser aberto com um grampo. Eu me sentei, pensando que fosse Robert vindo me dar uma surpresa indesejada de aniversário. Quando eu vi a forma de uma mulher, com cabelos longos, ruivos, eu congelei.

—Era Rose. Ela entrou e fechou a porta. Então, ela veio até mim e se sentou na cama. Eu apenas olhei. Eu não sabia por que ela estava lá ou o que ela estava fazendo. Ela e eu nunca compartilhamos uma palavra além de “Olá”.

—“Foi-me dito que foi seu aniversário ontem”, ela me disse. “Parabéns. Você tem treze agora. Quase um homem crescido.”

—Alguma coisa na voz dela me colocou na borda. Algo estava implícito nessa palavra, “quase”.

—“Eu estou aqui”, ela sorriu, “para ajudá-lo a se tornar quem você está destinado a ser.” Ela entrou sob a coberta e tomou conta de mim. “Pequeno Jeremy”.

—Jeremy... — Eu digo, revoltada. —Isso é horrível.

Ele olha para mim. —É isso? Ou ela estava certa? Era o que eu precisava?

—Não, — eu digo. —Você era um menino. Ela molestou você!

—Isso foi só o começo, — ele admite. —Foi o que aconteceu, dessa forma, todas as noites ela vinha, durante anos e anos. Ela chamava de “nosso segredo”. Ela ameaçou contar a Hugh todos os tipos de mentiras infames sobre mim se eu dissesse uma palavra sobre isso.

Eu não posso nem imaginar Rose... A mesma mulher... como uma abusadora de crianças.

Jesus! Não admira que Jeremy é tão fodido.

E eu agora me comprometi com ele para sempre.

—Então, agora você sabe, — diz Jeremy. —Isso é quem ela é. A amante de meu pai. Minha iniciadora pessoal no mundo do sexo. Ela é inteligente e astuta e manipuladora, mas me despi de tudo isso. Quando assumi a empresa do meu pai, eu me liguei a ela por um contrato não diferente daquele que eu te dei.

—Eu a transformei em minha empregada: a posição que ela mostrava tanto desdém quando ela estava no topo com meu pai. Eu a treinei a esquecer tudo o que era no passado. Eu a treinei a tornar-se plenamente dependente de mim.

—Então você vê? Minhas intenções com você tiveram um precedente: Rose. É por isso que eu estava tão confiante do que eu poderia realizar. Eu já tinha feito isso uma vez. E agora? Agora olhe quem ela é: A pessoa que limpa meus sanitários e lava meu chão. —Jeremy dá um riso curto. —Que longa e terrível queda deve ter sido.

—Mas você deu a ela uma bela casa, — eu digo. —Certamente sua vida não foi tão ruim assim. Quero dizer, nada como o que ela merece...

—Não é? — Jeremy pergunta. —Depois que eu tive meu divertimento inicial, eu entendi que não era tudo sobre vingança. Ela ganhou a minha lealdade ao longo dos anos. Eu ainda exerço o poder total sobre sua vida. Mas não é tão ruim. Pelo menos, não foi até...

Ele para.

—Até o que, Jeremy? — Eu peço.

—Até o reencontro com o meu pai na sexta à noite. Eles não se viam por... Oh, deve ser quase vinte anos.

Uma sensação de desconforto se arrasta até o comprimento da minha espinha.

—Jeremy? — Pergunto cautelosamente. —O que você fez?

Seus olhos brilham. —Eu consegui minha vingança final, — diz ele. —Eu comecei a vingança final.

Alarme rasga através de mim. —Jeremy, — eu digo novamente. —Rose. Charles. Seu pai. Onde eles estão?

Ele sorri para mim então. —Eu não posso levá-la lá, — ele me diz. —Mas eu posso te mostrar. Você gostaria de ver?

Trepidação da pior espécie pulsa através de mim. —Eu tenho uma escolha? — Eu sussurro.

—Claro. — Stonehart sorri. —Mas eu sugiro que você adie a escolha de uma até que você veja o que eu tenho para mostrar a você. —Ele se levanta e estende um braço. —Venha, Lilly.

Eu olho para ele com cautela e fico de pé. O sol brilhante lá fora está zombando. Enganoso.

Jeremy me leva até as escadas para o nosso quarto. Ele entra no armário de vigilância e digita o código.

—Pensei que só eu tinha acesso ao sistema de vigilância, — eu digo, sentindo-me decididamente na borda neste ponto.

—Você tem, — diz Jeremy sobre seu ombro. —Mas esses computadores não estão apenas ligados às câmeras nesta casa. Há uma rede deles através de minhas propriedades em todo o mundo. —Ele sorri. —Vocês não achou que eu te daria tudo isso, não é?

—Para ser honesta... — Eu começo.

Eu não consegui terminar.

As imagens na tela gelam meu corpo.

Eu vejo Charles. E Rose. E Hugh. Eles estão todos os três em minúsculos quartos, separados. Eles estão todos os três com jaquetas estreitas completamente brancas.

Todos os três usam coleiras pretas ao redor de seus pescoços.

Eu recuo imediatamente. —Seu monstro, — eu rosno. —O que você fez?

—Até agora? — Ele pergunta. —Nada. Mas depois...?

Ele aperta um botão. Rose, Charles, e Hugh começam a ter uma convulsão. Contorcendo-se, horrivelmente. Jeremy Stonehart ligou a coleira.

—Não, não, pare! — Eu grito. —Jeremy, pare com isso! Não faça isso!

Ele levanta uma sobrancelha para mim e calmamente bate novamente no botão. Seus prisioneiros ainda tremem. Charles cede. Hugh cai. Rose vomita tudo sobre sua frente.

—Como você pôde? — Eu suspiro, horrorizada. —Como você pôde fazer isso? Como você pode me mostrar isso e esperar que eu fique com você?

—Eu não espero nada, — ele me diz. Um vislumbre do mal mostra em seu olhar. —Exceto por sua inabalável lealdade. Você sabe demais para ser autorizada a simplesmente ir.

—Você está doente. — Eu sinto náuseas. —Você nunca vai ter isso. Nunca! —Eu olho para o pobre Charles. Ele é completamente inocente. Ele nunca machucaria uma mosca!

—Uma vergonha, — diz ele. —Você está presa comigo, Lilly. E se esses são seus verdadeiros sentimentos...?

Ele zomba. —Bem, você deveria ter me matado quando teve a chance.

